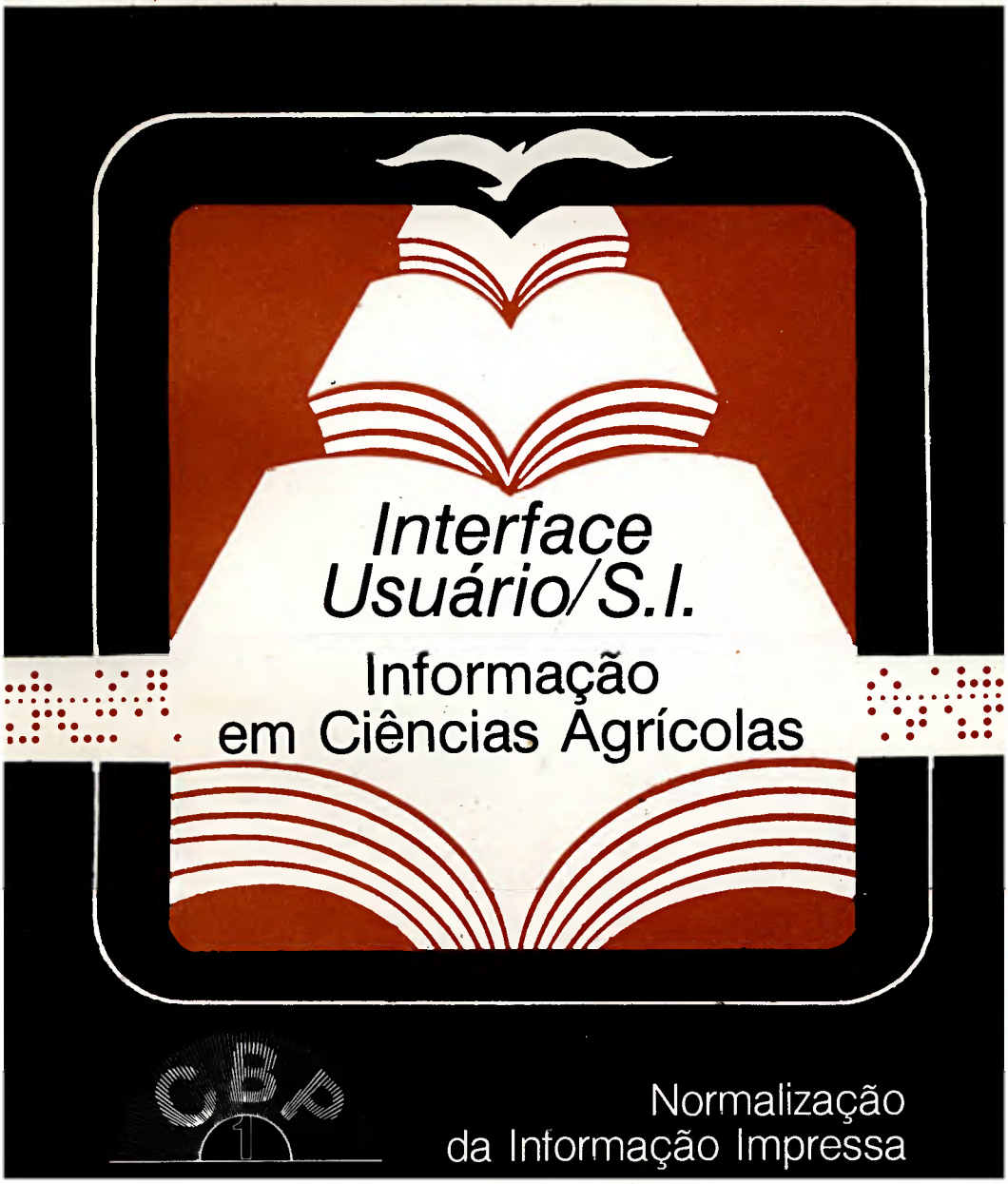
REVISTA BRASILEIRA DE

BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

VOLUME 14 • NÚMEROS 1/2
JANEIRO – JUNHO
1981



Digitalizado gentilmente por:

Federação Brasileira de
Associações de Bibliotecários
FEBAB

Diretoria 1981-1983:

Antonio Gabriel
Presidente

Ronice Maria Albamonte Arruda
Vice-Presidente

Francisca Pimenta Everard
Secretária-Geral

Maria do Socorro Fontanelle
Primeira Secretária

Isabel Christina Sant'Anna Louzada
Segunda Secretária

Pedro Luiz Martinelli
Primeiro Tesoureiro

Satico Morita
Segunda Tesoureira

Anibal Rodrigues Coelho
Observador Legislativo

Arari da Gama e Silva
Bibliotecário

Associação filiadas:

Associação Paulista de Bibliotecários
Associação Profissional de Bibliotecários do Estado de Pernambuco
Associação Profissional de Bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro
Associação Rio-Grandense de Bibliotecários
Associação Profissional de Bibliotecários do Estado da Bahia
Associação dos Bibliotecários Municipais de São Paulo
Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais
Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal
Associação Campineira de Bibliotecários
Associação dos Bibliotecários do Ceará
Associação dos Bibliotecários São-Carlense
Associação Paranaense de Bibliotecários
Associação Bibliotecária do Paraná
Associação Amazonense de Bibliotecários
Associação Profissional de Bibliotecários do Estado do Maranhão
Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba
Associação dos Bibliotecários de Santa Catarina
Associação dos Bibliotecários do Rio Grande do Norte
Associação de Bibliotecários do Estado do Piauí

Revista Brasileira de BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

Órgão oficial da
Federação Brasileira de
Associações de Bibliotecários

Editora:

Vânia Laudo de Carvalho

Redatora:

Carminda Nogueira de Castro Ferreira

Jornalista responsável:

Paulo Arruda Correa da Silva

Em convênio com o
Instituto Nacional do Livro/MEC
Publicação: 4 nºs em 2
Número avulso: Cr$ 400,00
Assinatura até 1981 (2 fascículos): Cr$ 800,00
Pagamentos em cheque visado pagável em São Paulo ou ordem de pagamento em nome da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários dirigida ao Bancespa – PEPS, Cidade Universitária conta nº 120.13.02093.3 ou ao Banco do Brasil S/A. agência 9 de julho, conta nº 70.599.3.

Digitalizado gentilmente por:

5.000,

REVISTA BRASILEIRA DE

BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

SUMÁRIO

5 **Editorial**

Artigos

7 Rose Mary Juliano Longo
Metodologia para avaliação de bases de dados em ciências agrícolas

19 Anita Rojas Barreto; Heloisa Marie Donnard; Luiz Alberto dos Santos Almeida
Centro de Informações do IAA/PLANALSUCAR

29 Delia Valerio Ferreira (Coord.)
Estudo Interface Usuário/Sistema de Informações

33 Maria Elisa Rangel Braga; Maria Emilia F.G. Taparelli; Regina Celia Figueiredo Castro; Aron Nowinski
Avaliação da circulação de periódicos: análise do atendimento prestado aos usuários locais

47 Solange Puntel Mostafa
Biblioteconomia e história: uma abordagem dialética

53 Mario G. Losano
Um sistema alemão de programas para gestão automatizada integrada das bibliotecas

61 Maria Luiza do Espírito Santo Silva
Catalogação de obras raras e valiosas

R. bras. Bibliotecon. Doc., São Paulo
Volume 14, números 1/2, páginas 1-128
Janeiro/junho 1981
ISSN 0100-0691

Digitalizado gentilmente por:

65 Kazuko Oniki e Vania da Silva Monteiro
Estudo do usuário: uma revisão de idéias

73 C. Teobaldo de Andrade
Relações Públicas segundo sua bibliografia

81 Rosemarie Erika Horch
Documentação histórica

87 **Documento**

93 **Noticiário**

99 **Resenha**

109 **Levantamento bibliográfico**
O estudo do usuário

119 **Eventos**

124 **Guia dos colaboradores**

Toda a correspondência para a RBBD
deve ser dirigida à Federação Brasileira
de Associações de Bibliotecários
rua Avanhandava, 40, cj. 110
01306 – São Paulo, SP
Fone: (011) 257-9979

Digitalizado gentilmente por:

REVISTA BRASILEIRA DE

BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

CONTENTS

5	**Editorial**
	Articles
7	Rose Mary Juliano Longo *Methodology for evaluation of data bases in agricultural sciences*
19	Anita Rojas Barreto; Heloisa Marie Donnard; Luiz Alberto dos Santos Almeida *IAA/PLANALSUCAR Information Center*
29	Delia Valerio Ferreira (Coord.) *Interface Study Users/System of Information*
33	Maria Elisa Rangel Braga; Maria Emilia F.G. Taparelli; Regina Celia Figueiredo Castro; Aron Nowinski *Evaluation of the Circulation of Periodicals*
47	Solange Puntel Mostafa *Library Science and History: A Dialectic Study*
53	Mario G. Losano *A German System of Programs for the Automatic and Integrated Organization of Libraries*
61	Maria Luiza do Espírito Santo Silva *Cataloging of Rare and Valuable Works*

R. bras. Bibliotecon. Doc., São Paulo
Volume 14, numbers 1/2, pages 1-128
January/june 1981
ISSN 0100-0691

Digitalizado gentilmente por:

65	Kazuko Onibi and Vania da Silva Monteiro *Users study: A Revision of Ideas*
73	C. Teobaldo de Andrade *Public Relations according to its bibliography*
81	Rosemarie Erika Horch *Historical documentation*
87	Document
93	News
99	Book review
109	Bibliographical survey *Users study*
119	Events
124	Colaborators GuideAnita R. Barretto

Quarterly publication
Single number - US$ 30.00
abroad (1980): US$ 15.00
Orders should be placed to "Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários". Address - rua Avanhandava, 40, cj. 110 - CEP 01306 - São Paulo, SP, Brasil.

Digitalizado gentilmente por:

Editorial

A realizacão do 1º CONGRESSO BRASILEIRO DE PUBLICAÇÕES merecia que tudo fosse feito, vencendo obstáculos previstos e imprevistos, para que saísse a lume a RBBD, homenageando a Comissão Organizadora e saudando os participantes do evento. Além da importância do Tema Central "A NORMALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO IMPRESSA", esta promoção da FEBAB assume maior importância por se constituir em mais uma oportunidade de integração dos profissionais bibliotecários com outros profissionais das diversas áreas abrangidas pela palavra escrita e, por isso, merece ser comemorado. Os números 1/2, do volume 14, e o Índice que os acompanha, são mais um testemunho da vitalidade da FEBAB e da dedicação de um grupo de bibliotecários que acreditam no movimento associativo e confiam no apoio de seus colegas.

Falhas e omissões identificadas e identificáveis neste fascículo justificam-se pela mudança do corpo editorial: a Professora Doutora Neusa Dias de Macedo, por razões de ordem pessoal, deixou de prestar sua inestimável colaboração à RBBD, o que profundamente lamentamos. De público, agradecemos todo o enorme esforço que desenvolveu na reformulação de nosso órgão informativo: mais do que as modificações de ordem gráfica, foi valiosa a orientação que imprimiu à seleção do conteúdo. Não podemos deixar de expressar à Bibliotecária do Ano/81 de São Paulo, e à equipe que com ela colaborou, os agradecimentos da FEBAB, em nome dos bibliotecários brasileiros, pelo alto nível atingido no processo de comunicação direta com nossa comunidade profissional.

Matérias técnicas de interesse geral, atividades desenvolvidas por nossos colegas visando a racionalização e a produtividade dos serviços em bibliotecas, noticiários e outros títulos constituem o sumário dos números 1/2.

Nos números 3/4, já em preparação, cuidaremos de evitar as falhas que constatamos nestes dois primeiros números e as que nos forem construtivamente apontadas pelos colegas, convencidos que estamos de nossas limitações e falta de experiência.

C.N. de C.F.
Redatora

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

Metodologia para avaliação de bases de dados em Ciências Agrícolas

CDU 001.6624
CDU 007.5631

Rose Mary Juliano Longo

O estudo compara três bases de dados em ciências agrícolas: AGRICOLA, AGRIS e CAB, tomando como base uma amostra de referências indexadas em onze produtos diferentes. Visa a testar uma metodologia que estabeleça critérios de seleção para uso e aquisição das bases estudadas. Foram analisados os índices de duplicidade de referências entre as três bases e em combinações de duas a duas e os resultados revelaram um índice de duplicidade de 2,49% entre as três. Outros resultados enfocam a distribuição das referências por países e por idiomas presentes nas bases. A dupla AGRICOLA x CAB é a mais econômica, quando se considera a aquisição de duas bases. Conclui-se que as bases são perfeitamente complementares, devendo-se adquirir, quando possível, as três bases.

INTRODUÇÃO

O advento da máquina tornou possível a criação de bases de dados bibliográficos legíveis por computador, o que facilitou enormemente o acesso à informação documentada nas diversas partes do mundo (DMMERS 1971, LONGO 1978, 1979, VLADIMIROV & KAPEV 1970 e WILLIAMS 1977).

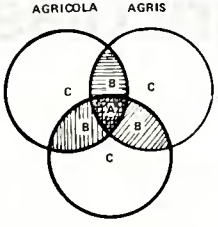
Neste trabalho, as bases de dados estudadas foram o AGRICOLA (Agricultural On-Line Access) da Biblioteca Nacional de Agricultura dos Estados Unidos (NAL), o CAB (Commonwealth Agricultural Bureau), do Departamento de Agricultura da Comunidade Britânica, e o Sistema AGRIS (International Information System for the Agricultural Sciences and Technology), da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO). Estas três bases de dados já foram amplamente descritas na literatura atual (AGRIS 1974, 1980: CAPONIO & MORAN 1975; CHASTINET 1978; GILREATH 1975; GRAY & JOHNSTON 1979; KREILKAMP 1976; LANCASTER 1978; LONGO 1979; METCALFE 1979; MOLSTER 1979; ROBREDO 1977; RUNACRES s.d.; SILK 1979; WILLIAMS & ROUSE 1976), embora tenham sido poucos os trabalhos escritos no sentido de compará-las entre si (LONGO & MACHADO 1979).

Pretende-se com este trabalho testar uma metodologia para estabelecer critérios de seleção para uso e aquisição das

Digitalizado gentilmente por:

bases estudadas; ampliar o conhecimento das bases; e identificar os países geradores de tecnologia, bem como a freqüência dos idiomas.

Visando atingir estes objetivos, utilizaram-se os seguintes critérios de comparação:



a) *Duplicidade de referências indexadas*: Considera-se como menor duplicidade aquela base cujas referências não-comuns (C) representem uma maior proporção em relação às comuns (A e B).

b) *Abrangência*: Considera-se mais abrangente aquela base que contém um maior número de referências não-comuns (C).

c) *Universalidade*: Considera-se de maior cobertura aquela base que contém um maior número de referências não-comuns (C).

d) *Diversificação*: Considera-se eficiente aquela base que possui um mínimo de 30% de material não-convencional indexado.

HIPÓTESES:

Foram elaboradas as seguintes hipóteses:

a) O AGRIS possui uma maior proporção de referências não-comuns do que o AGRICOLA e o CAB;
b) O AGRICOLA e o CAB possuem um menor número de referências não-comuns do que o AGRIS;
c) O CAB indexa um maior número de países geradores de tecnologia do que o AGRICOLA e o AGRIS;
d) O AGRIS indexa um maior número de idiomas do que o AGRICOLA e o CAB;
e) O AGRICOLA indexa uma maior proporção de materiais não-convencionais do que o AGRIS e o CAB.

MATERIAL E MÉTODOS:

1. Foram escolhidos onze produtos (algodão, cacau, café, fertilizantes, gado de corte, gado de leite, mandioca, milho, soja, sorgo e trigo), de acordo com sua maior freqüência de ocorrência nas bases (MACINTOSH 1975, 1977), com exceção de cacau, café e mandioca, que foram inseridos devido a sua relevência para o Brasil.

2. Tomou-se o ano de 1978 ao acaso, para testar uma metodologia de avaliação das bases.

3. Os sistemas "on-line" utilizados para a busca foram: O DIALOG, da Lockheed, Inc. (Palo Alto, Ca.), para as bases AGRICOLA e CAB (as buscas foram efetuadas na U.S. National Agricultural Library-NAL), e INIS, em Viena, para a base AGRIS.

4. As estratégias de busca foram preparadas pelos autores, igualmente para as três bases de dados, porém, a amostra da base AGRIS saiu com um maior número de referências indexadas (principalmente nos produtos CAFÉ, CACAU, MANDIOCA e SORGO) já que o analista da busca, em Viena, acrescentou, por conta própria, o código de Classificação do Sistema AGRIS, ao efetuar a busca nesta base.

5. O critério de amostragem é de que, em se tratando de produto cuja busca apresentasse menos que 400 referências indexadas, se tomaria o universo; e tratando-se de produto que apresentasse mais que 400 referências, se tomaria uma amostra de 400 referências ao acaso. Assim sendo, a amostra constitui-se de: 3.162 referências para o AGRICOLA (o que representa 55,45% do universo – 5.703); 3.219 referências para o CAB (representando 53,7% do universo – 5.995) e 3.656 referências do AGRIS, o que significa 24,87% do universo 14.696 referências.

A Tabela 1 mostra as quantidades exatas da amostra:

Digitalizado gentilmente por:

TABELA 1 – Amostra utilizada para o estudo comparativo do AGRICOLA, AGRIS e CAB – 1980.

Produtos (1978)	Bases AGRICOLA	AGRIS	CAB
Algodão	400(624)*	400(1009)	354
Cacau	41	124	79
Café	91	175	98
Fertilizante	400 (626)	400 (997)	400 (3526)
Gado de Corte	301	400 (1281)	400 (476)
Gado de Leite	400 (683)	400 (2299)	400 (979)
Mandioca	51	157	59
Milho	400 (1140)	400 (2175)	400 (1075)
Soja	400 (770)	400 (1339)	400 (562)
Sorgo	278	400 (578)	229
Trigo	400 (1098)	400 (2033)	400 (1087)
Total	3161(5703)	3656 (14696)	3219 (5995)
%	55,45%	24,87%	53,7%

(*) Os números entre parênteses correspondem ao número total de artigos indexados na base, no período estudado.

6. Dividiu-se duplicidade da informação em repetições dentro da mesma fonte e em fontes diferentes, que foram assim definidas:

a) *Duplicidade na mesma fonte*: Ocorrência de referências idênticas mais de uma vez, dentro do mesmo produto.

b) *Duplicidade em fontes diferentes*: Repetição do mesmo artigo mais de uma vez, porém publicado em título de periódicos diferentes.

c) *Duplicidade total*: A soma do conjunto de referências duplicadas na mesma fonte e em fontes diferentes.

7. Outros termos foram definidos como:

a) *País gerador de tecnologia*: Considera-se um país gerador de tecnologia aquele onde se localizavam as instituições de pesquisa a que pertenciam os autores dos artigos indexados.

b) *Material não-convencional*: Considera-se material não-convencional todas as referências que não pertencem à categoria de artigos de periódicos.

c) *Referências não-comuns*: Aquela referência que se encontra indicada em uma única base de dados.

8. As variáveis selecionadas como indicadores da composição das bases e que serviram para testar a metodologia de avaliação das bases, individualmente, ou em conjunto, são:

a) título dos artigos de periódicos;
b) idiomas dos artigos;
c) tipo de publicação;
d) países geradores de tecnologia.

9. As referências estudadas foram organizadas em fichas em ordem alfabética de título dos artigos, dentro de cada produto.

10. Foi utilizado o teste Chi-Quadrado (X^o) para a análise estatística dos resultados obtidos, a 99% e 95% de confiança.

11. Para a melhor realização deste estudo, foi criada uma escala de duplicidade, como segue.

Digitalizado gentilmente por:

ESCALA DE DUPLICIDADE

I. Por Produto:

a) 2 x 2

0 - 99	baixa
100 - 199	média
200 - 299	alta
300 - 399	muita alta

b) 3 x 3

0 - 33	baixa
34 - 67	média
68 - 101	alta
102 - 135	muito alta

II. Total

a) 2 x 2

0 - 199	muito baixa
200 - 399	baixa
400 - 599	média
600 - 799	alta
800 K	muito alta
400 - 599	média
600 - 799	alta
800 >	muito alta

b) 3 x 3

0 - 299	muto baixa
300 - 599	baixa
600 - 899	média
900 - 1199	alta
1200 >	muito alta

RESULTADOS

Observa-se, na Tabela 2, que a presença da base AGRIS aumenta o índice de duplicidade, principalmente quando comparada com o AGRICOLA; e a base que menos duplicidade indica, quando comparadas, duas a duas, é o CAB, principalmente quando se considera dupla CAB x AGRICOLA.

Os produtos típicos dos países subdesenvolvidos: cacau, café e mandioca, são os menos indexados nas três bases, embora apresentem índices elevados de duplicidade quando comparados proporcionalmente com os outros produtos.

A duplicidade dos artigos entre as três bases (que foi de 213 artigos, correspondendo a 2,48% da amostra) (Tabela 3) foi considerada, pelos autores, como baixa, destacando-se SORGO, com o maior número de referências duplicadas (54), gado de corte e algodao (com 38 referencias cada um) e soja (com 33 referências duplicadas).

Das 10.036 referências estudadas, 7.253 são indexadas somente em uma das bases, o que corresponde a 72,27% de material novo (não-comuns) nas três bases.

As indexações não-comuns mais abrangentes foram identificadas no CAB com 91,25% em fertilizantes; 89,75%, em gado de leite; ao passo que o AGRICOLA se destaca em trigo, com 91,25%; em milho, com 91,00%; e o AGRIS com 80,57% em café e 73,20% em mandioca.

Aplicando o teste Chi-Quadrado na Tabela 3, viu-se que as referências dos produtos ALGODÃO, CACAU, CAFÉ, GADO DE CORTE, MANDIOCA, SOJA e SORGO se distribuem de maneira significativamente diferente nas três bases de dados; o mesmo não ocorre com as referências de FERTILIZANTES, GADO DE LEITE, MILHO e TRIGO. O teste também foi aplicado no total geral desta tabela, demonstrando que não há uma relação significativa entre os produtos analisados e a maneira pela qual eles se distribuem nas três bases de dados.

A duplicidade de artigos indexados dentro da base, quer seja de uma mesma fonte ou de fontes diferentes (Tabela 4) apresentou-se de uma maneira insignificante, embora valha a pena destacar a ocorrência de 248 (= 7,7%) referências duplicadas no CAB dentro da mesma fonte. Ainda no CAB, verifica-se que gado de leite é o produto que responde por 24,19% da duplicidade total no CAB. No AGRIS, destaca-se também o mesmo produto, com 16 referências duplicadas, correspondendo a 29,62% da duplicidade total.

Com relação aos países geradores de tecnologia (Tabelas 5, 6 e 7), os Estados Unidos apresentam uma maioria absoluta

Digitalizado gentilmente por:

TABELA 2 – Duplicidade de Referências, duas a duas entre o AGRICOLA, AGRIS e CAB – 1980.

PRODUTOS	AGRICOLA x AGRIS			AGRICOLA x CAB			AGRIS x CAB		
	Referências Analisadas (n (n9)	Referências Duplicadas (n9)	Índice de Duplicidade (%)	Referências Analisadas (n9)	Referências Duplicadas (n9)	Índice de Duplicidade (%)	Referênce. Analisadas (n9)	Referênc. Duplicadas (n9)	Índice de Duplicidade (%)
Algodão	615	185	30,08	691	63	9,12	662	92	13,89
Cacau	139	26	18,70	108	12	11,12	185	18	9,73
Café	238	28	11,76	164	25	15,24	259	14	5,41
Fertilizantes	760	40	5,26	774	26	3,36	790	10	1,26
Gado de Corte	578	123	21,28	641	60	9,36	745	55	7,38
Gado de Leite	748	52	6,95	763	37	4,85	790	10	1,26
Mandioca	174	33	18,96	89	20	22,47	190	26	13,68
Milho	784	16	2,04	777	23	2,96	771	29	3,76
Soja	655	145	22,14	748	52	6,95	709	91	12,83
Sorgo	473	205	43,34	437	70	16,02	568	61	10,74
Trigo	783	17	2,17	779	21	2,69	774	26	3,36
Total	5947	870	14,63	5996	409	6,82	6468	432	6,68

Digitalizado gentilmente por:

TABELA 3 – Distribuição das referências por produto no AGRICOLA, AGRIS e CAB – Referências únicas, duplicadas em duas e entre as três – 1980.

PRODUTOS	só em 1	%	em dois	%	em três	%	total	%
ALGODÃO	588	69,01	226	26,53	38	4,46	852	100,0
AGRICOLA	190	47,5	172	43,0	38	9,5	400	100,0
AGRIS	161	40,25	201	50,25	38	9,5	400	100,0
CAB	237	66,95	79	22,32	38	10,73	354	100,0
CACAU	159	80,71	29	14,72	9	4,57	197	100,0
AGRICOLA	12	29,27	20	48,78	9	21,95	41	100,0
AGRIS	89	71,77	26	20,97	9	7,26	124	100,0
CAB	58	73,42	12	15,19	9	11,39	79	100,0
CAFÉ	254	83,27	43	14,10	8	2,63	305	100,0
AGRICOLA	46	50,55	37	40,66	8	8,79	91	100,0
AGRIS	141	80,57	26	14,86	8	4,57	175	100,0
CAB	67	68,37	23	23,47	8	8,16	98	100,0
FERTILIZANTES	1051	93,42	73	6,49	1	0,09	1125	100,0
AGRICOLA	335	83,75	64	16,0	1	0,25	400	100,0
AGRIS	351	87,75	48	12,0	1	0,25	400	100,0
CAB	365	91,25	24	8,5	1	0,25	400	100,0
GADO DE CORTE	739	82,02	124	13,76	38	4,22	901	100,0
AGRICOLA	156	51,83	107	35,55	38	12,62	301	100,0
AGRIS	260	65,0	102	25,5	38	9,5	400	100,0
CAB	323	80,75	39	9,75	38	9,5	400	100,0
GADO DE LEITE	1020	92,14	81	7,32	6	0,54	1107	100,0
AGRÍCOLA	317	79,25	77	19,25	6	1,5	400	100,0
AGRIS	344	86,0	50	12,5	6	1,5	400	100,0
CAB	359	89,75	35	8,75	6	1,5	400	100,0
MANDIOCA	159	77,94	28	13,72	17	8,34	204	100,0
AGRICOLA	14	28,0	19	38,0	17	34,0	50	100,0
AGRIS	115	73,2	25	15,9	17	10,8	157	100,0
CAB	30	50,8	12	20,3	17	28,8	59	100,0
MILHO	1073	94,54	59	5,20	3	0,26	1135	100,0
AGRICOLA	364	91,0	33	8,25	3	0,75	400	100,0
AGRIS	358	89,5	39	9,75	3	0,75	400	100,0
CAB	351	87,75	46	11,5	3	0,75	400	100,0
SOJA	732	77,22	180	18,98	36	3,80	948	100,0
AGRICOLA	239	59,75	125	31,25	36	9,0	400	100,0
AGRIS	200	50,0	164	41,0	36	9,0	400	100,0
CAB	293	73,25	71	17,75	36	9,0	400	100,0
SORGO	397	63,52	174	27,84	54	8,64	625	100,0
AGRICOLA	57	20,5	167	60,1	54	19,4	278	100,0
AGRIS	188	47,0	158	39,5	54	13,5	400	100,0
CAB	152	66,38	23	10,04	54	23,58	229	100,0

cont.

Digitalizado gentilmente por:

PRODUTOS	só em 1	%	em dois	%	em três	%	total	%
TRIGO	1081	94,91	55	4,83	3	0,26	1139	100,0
AGRICOLA	365	91,25	32	8,0	3	0,75	400	100,0
AGRIS	360	90,0	37	9,25	3	0,75	400	100,0
CAB	356	89,0	41	10,25	3	0,75	400	100,0
TOTAL	7253	84,95	1072	12,56	213	2,49	8538	100,0

RNC	RC/2
AGRICOLA – 2095	AGRICOLA – 853 – 26,98%
AGRIS – 2567	AGRIS – 876 – 23,96%
CAB – 2591	CAB – 415 – 12,89%

nas três bases, isto é, 51,03% do material indexado no AGRICOLA foi gerado nos EUA; 47,35% do material do AGRIS e 34,08% do material indexado no CAB, também gerados nesse país.

No CAB e AGRICOLA, o Reino Unido ocupa o segundo lugar com 10,65% e 11,20% do material indexado (respectivamente). Já no AGRIS' a Itália ocupou o segundo lugar, com 4,27% do material indexado. Todavia, no CAB e no AGRICOLA, a Itália não chegou a se colocar entre os dez países de maior freqüência de referências indexadas.

O Brasil destacou-se no CAB, tendo ocupado a décima-segunda posição, com 49 referências indexadas (1,52% do material indexado na amostra). Já no AGRICOLA e no AGRIS o Brasil não ocupou nenhuma posição de destaque, tendo sido colocado na Tabela devido ao interesse dos autores neste País.

O maior número de referências indexada por produtos ocorreu, para o AGRICOLA, para as duas oleaginosas, SOJA e ALGODÃO, respectivamente com 282 e 277 trabalhos gerados nos EUA, que correspondem à maior indexação nos países geradores de tecnologia por produtos. O mesmo ocorreu no CAB, com 235 e 185 trabalhos. No AGRIS, o primeiro lugar ficou com ALGODÃO (337 trabalhos) e o segundo, com SOJA (316 trabalhos).

Fato que merece destaque é que os maiores produtores de CACAU, CAFÉ e MANDIOCA (i.e., Brasil, Camarões, Colômbia, Costa do Marfim, Ghana, Nigéria, etc.) não são os maiores geradores de tecnologia desses produtos.

Nas tabelas 5, 6 e 7, o resultado do teste estatístico aplicado revelou que existe uma alta associação na distribuição dos produtos e países geradores de tecnologia, mostrando que os produtos e os países se distribuem de maneira significativamente diferente.

Nas tabelas 8, 9 e 10, os idiomas se apresentam da seguinte forma: o idioma inglês cobre 78,96% do material indexado no AGRICOLA, 74,80% do material do CAB e 68,44% no AGRIS' O segundo idioma mais indexado no AGRICOLA e no CAB foi o alemão, com 5,57% e 7,12%, respectivamente. No AGRIS, o idioma espanhol ocupou o segundo lugar com 5,44%. O idioma português se apresenta com 0,94% do material indexado no CAB, 0,35% no AGRIS e 0,10% no AGRICOLA, perfazendo um total de 46 artigos indexados.

O inglês foi o idioma dominante de todos os produtos dentro das três bases, sendo exeção apenas o AGRIS, cujo produto CAFÉ apresentou uma maior indexação no idioma espanhol, correspondendo a 53,72% do material indexado neste produto no AGRIS.

O teste Chi-Quadrado aplicado nas tabelas 8, 9 e 10 não apresentou uma associação entre os idiomas e os produtos analisados, mas revelou que a distribuição dos idiomas pelos produtos, e vice-versa, difere de maneira bastante significativa.

Na Tabela 11, as referências indexadas estão distribuídas por tipo de publica-

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

TABELA 4 – Referências duplicadas dentro da base, para o AGRICOLA, AGRIS e CAB, por produto – 1980.

BASES	AGRICOLA						AGRIS						CAB					
	total	total	DUPLICIDADE				total	total	DUPLICIDADE					total	total	DUPLICIDADE		
PRODUTOS	de ref. analis.	de ref. duplic.	mesma fonte		fonte difer.		de ref. analis.	de ref. duplic.	mesma fonte		fonte difer.		de ref. analis.	de ref. duplic.	mesma fonte		fonte difer.	
Algodão	400	6	3	0,75	3	0,75	400	4	3	0,75	1	0,25	354	31	29	8,19	2	0,56
Cacau	41	–	–	–	–	–	124	3	3	2,42	–	–	79	31	13	16,45	–	–
Café	91	–	–	–	–	–	175	6	6	3,43	–	–	98	11	11	11,22	–	–
Fertilizantes	400	5	5	1,25	–	–	400	–	–	–	–	–	400	10	10	2,5	–	–
Gado de Corte	301	3	2	0,66	1	0,33	400	4	4	1,0	–	–	400	46	46	11,5	–	–
Gado de Leite	400	3	2	0,5	1	0,25	400	17	16	4,0	1	0,25	400	60	60	15,0	–	–
Mandioca	50	1	1	2,0	–	–	157	10	10	0,64	–	–	59	8	8	13,56	–	–
Milho	400	4	3	0,75	1	0,25	400	1	1	0,25	–	–	400	18	18	4,5	–	–
Soja	400	7	5	1,25	2	0,5	400	2	1	0,25	1	0,25	400	17	17	4,25	–	–
Sorgo	278	5	4	1,44	1	0,36	400	7	6	1,5	1	0,25	229	26	26	15,35	–	–
Trigo	400	4	–	–	4	1,0	400	6	4	1,0	2	0,5	400	10	10	2,5	–	–
Total	3161	38	25	0,79	13	0,41	3656	60	54	1,47	6	0,16	3219	250	248	7,70	2	0,06

ção (i.e., artigos de periódicos e material não-convencional); a cobertura total de artigos de periódicos nas bases são: 87,09% para o AGRICOLA, 85,02% para o CAB e 75,87% para o AGRIS.

As maiores percentagens de material não-convencional por produto nas bases são: gado de corte, com 38,25% no AGRICOLA; café, com 49,04% no AGRIS; e mandioca, com 23,73% no CAB.

É importante ressaltar o fato de que os produtos de países tipicamente subdesenvolvidos – Café, Cacau e Mandioca – apresentaram, no AGRICOLA e no CAB, uma baixa percentagem de material não-convencional, respectivamente: 9,76%, 6,59% e 8,0% e 13,92%, 11,22% e 23,73%. Já o AGRIS apresenta percentagens bastante superiores de material não-convencional para estes produtos – 47,58%, 49,04% e 43,31%.

Na Tabela 11, o teste estatístico mostrou que para ALGODÃO, CAFÉ, CACAU, MANDIOCA, artigos de periódicos e material não-convencional se distribuem de maneira significativamente diferente nas três bases de dados, ao passo que para FERTILIZANTES, GADO DE CORTE, GADO DE LEITE, MILHO, SOJA, SORGO e TRIGO, o teste não revelou diferença significativa na distribuição destes tipos de publicação, nas três bases de dados. No total geral, o teste também não revelou diferença significativa na distribuição de artigos de periódicos e material não-convencional nas bases AGRICOLA, AGRIS e CAB.

DISCUSSÕES

Um dos objetivos do trabalho foi o de ampliar o conhecimento das bases, fato este de suma importância quando se pretende adquirir bases de dados.

Os resultados da Tabela 2 demonstram que existe um baixo índice de duplicidade de referências, inferior até mesmo à duplicidade de títulos de periódicos verificado em Longo & Machado (1979). Isto pode indicar, à primeira vista, a necessidade de se adquirir as três bases quando se deseja uma maior abrangência de informação na área agrícola. É importante salientar o alto índice de duplicidade no produto SORGO (de acordo com a escala criada para o trabalho – vide Materiais e Métodos) com 43,34%, o que pode indicar uma preocupação dos indexadores em dar prioridade a este produto em detrimento às outras áreas.

A presença da base CAB, quando combinada com as outras duas, enfatiza mais uma vez a preocupação de seletividade dos artigos indexados no CAB, bem como a preocupação de uma maior universalidade de informações, já que a dupla AGRICOLA x AGRIS apresenta o dobro de duplicidade das referências em comparação com as outras associações com o CAB.

A tendência de duplicidade maior na combinação AGRICOLA x AGRIS é identificada pela maior incidência de indexação da tecnologia gerada pelos EUA, de acordo com as Tabelas 5, 6 e 7.

A duplicidade nas bases, quando combinadas duas a duas, é classificada como muito alta (AGRICOLA x AGRIS) e média (AGRICOLA x AGRIS e AGRIS x CAB). Esta é uma situação indesejável para o usuário, pois na impressão de referência, isso significa uma despesa a ser evitada, no valor de Cr$ 6.525,00, considerando-se o custo da referência a US$ 0,15, para as bases AGRICOLA e AGRIS.

A alternativa mais econômica é a combinação AGRICOLA x CAB, embora ela não seja significativamente diferente da dupla AGRIS x CAB.

Usando o conceito de referências não-comuns, especificado na Tabela 3, identificou-se que quanto maior o número de referências não-comuns entre as bases, maior a sua abrangência e, conseqüentemente, menor duplicidade de referências; com isto, está-se afirmando que em produtos tais como: TRIGO, SOJA, MILHO, GADO DE LEITE, GADO DE CORTE, FERTILIZANTES e ALGODÃO, as pesquisas deverão ser efetuadas nas três bases, ao passo que os produtos dos países subdesenvolvidos (CACAU, CAFÉ e MANDIOCA) deverão ser pesquisados, de preferência, na base AGRIS, pois é

Digitalizado gentilmente por:

a base responsável pela indexação do maior número de referências não-comuns destes produtos.

Tomando-se por bases, ainda, os resultados da Tabela 3, quando se dispõe de duas bases, as melhores combinações para pesquisar referências não-comuns é ALGODÃO: CAB x AGRICOLA, já que possuem o menor índice de duplicidade; CACAU: CAB x AGRICOLA, embora, para quem possua uma só base, a melhor alternativa seja AGRIS: CAFÉ, FERTILIZANTES, GADO DE CORTE, GADO DE LEITE e SORGO a melhor é CAB x AGRIS; e para os demais produtos, a combinação ideal é CAB x AGRICOLA.

O usuário de bases de dados tem interesse em evitar a duplicidade das referências dentro da mesma base; e para uma instituição que utiliza bases de dados, este também é um elemento a ser considerado, quanto à economicidade.

Foi identificado que o AGRICOLA, por possuir uma único órgão indexador, apresenta melhor qualidade na indexação. O AGRIS duplica em 60 referências, já que possui vários países cooperantes. O CAB também apresenta uma grande duplicidade dentro da base (250 referências), o que é justificável, pois possui quatorze centros de indexação por assuntos, o que, muitas vezes, obriga a repetir artigos por terem um enfoque multidisciplinar.

A diferença, na duplicidade, em fontes diferentes ou na mesma fonte, é altamente significativa, o que demonstra uma falha na seleção do material a ser indexado.

Os resultados com relação aos países geradores de tecnologia confirmam os dados de Long & Machado (1979), em que destacam os Estados Unidos como o maior gerador de tecnologia agrícola no mundo, sendo portanto o responsável pela maior duplicidade de referências, quando comparado com o AGRIS, o que indica de antemão uma estratégia para que o AGRIS tome como preocupação precípua em sua seleção e indexação de documentos gerados por outros países, já que os EUA indexam com maior velocidade e colocam à disposição de seus usuários as suas próprias informações. Estratégia esta aparentemente já seguida pelo CAB, que indexa somente 34,08% dos artigos norte-americanos e se preocupa em ampliar a abrangência de suas indexações. Esta estratégia é também identificada quando se analisa a indexação dos artigos brasileiros, onde o AGRICOLA aparece apenas com 2, o AGRIS com 18 e o CAB com 49 artigos. Tomando-se por base os resultados alcançados por Longo & Machado (1979), identifica-se mais uma vez a preocupação da base CAB em buscar um maior número de documentos a serem indexados de um maior número de países.

O uso de idiomas por bases salienta, mais uma vez, o predomínio do idioma inglês, inclusive nos produtos tipicamente de geração em português e espanhol – que é o caso de CACAU, CAFÉ e MANDIOCA –, o que demonstra perfeitamente a baixa geração de tecnologia nos países subdesenvolvidos e a circulação restrita dos poucos documentos gerados nestes países, ressaltando-se a dependência tecnológica, cada vez mais acentuada nos países desenvolvidos.

Com relação a material convencional (artigos de periódicos) e não-convencional, existe direrença significativa quando se trata de produtos dos países subdesenvolvidos, demonstrando, mais uma vez, a inexistência de meios convencionais para divulgação dos trabalhos técnico-científicos, enquanto que para os produtos tipicamente de países desenvolvidos nota-se uma diferença significativa a favor dos docuemntos convencionais, reforçando a situação atual, onde se vê a maioria quase absoluta de títulos de periódicos localizada nos países desenvolvidos.

A política do AGRIS de indexar um maior volume de material não-convencional (que é a maior nas três bases) é ainda insignificante, pois indexa somente 24,13% deste tipo de material.

Com relação ao objetivo de se estabelecer e testar uma metodologia para uso e aquisição das bases estudadas, é necessário considerar os produtos cujas pesquisas serão prioritárias, os países geradores de tecnologia, a freqüência de idiomas, e, principalmente, o conceito de referências não-comuns. A pesquisa

Digitalizado gentilmente por:

deve ser feita "on-line", e a impressão em papel deve ser evitada, tendo-se em vista a dificuldade de se manipular os "print-outs", bem como a comparação visual das bases, quando combinadas duas a duas, ou entre as três. Portanto, devem-se imprimir os resultados em fita magnética e analisar os dados utilizando o computador. Uma das preocupações dos autores é a de estabelecer uma melhor metodologia para a amostragem, devendo ser considerada toda a base e não um ano somente, tendo em vista as diferentes idades das bases. O estabelecimento de estratificação por produtos de maior indexação é perfeitamente compatível com a metodologia.

Com relação às hipóteses pleiteadas, a primeira foi parcialmente rechaçada, já que o CAB é o maior possuidor de referências não-comuns, seguido do AGRIS e em terceiro lugar o AGRICOLA. Esta proporção sofrerá modificações quando se corrigir a amostragem para toda a base, tendo em vista o maior volume de referências do AGRICOLA.

A segunda hipótese também foi parcialmente rechaçada, já que o CAB é o maior possuidor de referências não-comuns, seguido do AGRIS e do AGRICOLA.

Sendo o CAB o maior indexador de países geradores de tecnologia (83 países, em contrapoisção ao AGRIS com 69, e ao AGRICOLA, com 55), permite-se aceitar como verdadeira a terceira hipótese.

A quarta hipótese foi rechaçada, já que o AGRIS indexa um menor número de idomas (31) do que o AGRICOLA (32) e o CAB (34).

A quinta hipótese também foi rechaçada, tendo em vista que é o AGRIS que indexa um maior número de material não-convencional.

CONCLUSÕES

a) A metodologia proposta é aceita, havendo necessidade de um refinanciamento no estabelecimento da amostragem.

b) A base que indexa um maior volume de material não-convencional é o AGRIS.

c) A melhor combinação de bases duas a duas é AGRICOLA x CAB.

d) A base mais abrangente é o CAB.

e) A base com o maior número de referências não-comuns é o CAB.

f) O critério de referências não-comuns foi testado e aprovado como indexador de seleção de base.

g) O idioma mais indexado é o inglês.

h) O país gerador de maior número de tecnologia são os EUA.

i) O Brasil, como gerador de tecnologia, é inexpressivo nas três bases.

j) O português é o oitavo idioma mais indexado na base CAB.

BIBLIOGRAFIA

AGRIS and Cab abstracts analisys at FAO. *CAB news, 7*: 1, Spring 1980.

AGRIS: Manual para descriçaõ bibliográfica. Brasília, DF, Proj PNUD/FAO/-BRA/72/020, maio 1974.

CAPONIO, J.F. & MORAN, L. AGRIS. *Science, 187*: 233-236, 1975.

CHASTINET, Y.S. et alii. *Análise da expansão do serviço de bibliografias personalizadas de agricultura (BIP/-AGRI)*; um serviço brasileiro de disseminação seletiva da informação. Brasília, DF, SNIDA, 1978. 12p.

DAMMERS, L.F. SDI: Some economic and organizational aspects. *Aslib Proceedings, 23*(10):517-522, Oct. 1971.

GILREATH, C.L. *Cain on line users guide*. Beltsville, N.D., NAL, 1976.

GRAY, P.E. & JOHNSTON, S.M. The use of computer based on bibliographic information services in the Ministry of Agriculture, Fisheries and Food. *Aslib Proceedings, 31(3)*: 129-35, Mar. 1979.

KREILKAMP, L.D. *The national agricultural library in CAIN data base.* 1976. 20p.

Digitalizado gentilmente por:

LANCASTER, F.W. Assessing the benefits and promise of an international information program (AGRIS). *Journal of the American Society For Information Science, 29(6)*:283-288, Nov. 1978.

LONGO, R.M.J. *Sistemas de recuperação da informação:* Disseminação seletiva da informação e bases de dados. Brasília, DF, Thesaurus, 1980. 276p.

A study on information systems agricultural sciences: data bases and seletive dessemination of information. Halifax, N.S., Dalhousie University. School of Library Service, 1978. 232p. (Thesis)

LONGO, R.M.J. & MACHADO, U.D. *Caracterização de bases de dados em ciências agrícolas*. Brasília, DF, EMBRAPA/CPAC, 1979. 49p.

METCALFE, J.R. The CAB world agricultural information service. *Aslib Proceedings, 31(3)*:100-117, Mar. 1979.

MOLSTER, I.C. Restrictions on data base use: are they necessary? *On-line Review, 3(1)*:85-94, 1979.

ROBREDO, J. et alli. The AGRISS data base as a support for the selective dissemination of information service BIP/AGRI. *IAALD Quarterly Bulletin, 22*(1/2):3-17, 1977.

RUNACRES, E.A. Review of CAB services and ther future. In: *CAB abstrats On-line*. Slough, Engl., CAB, s.d.

SILK, J.A. Agricultural information services in ICI. *Aslib Proceedings, 31* (3):129-135, Mar. 1979.

VLADIMIROV, S. & KAPEV, M. *Informática e explosão "megabite"*. Moscou, Znamie, 1970. 150p.

WILLIAMS, M.S. On-line problems: research today, solutions tomorrow. *Bulletin of the American Society for information Science, 3(4)*14-16, Apr. 1977.

WILLIAMS, M.E. & ROUSE, S.H. eds. *Computer – readable bibliographic data bases*: a directory and data source book. Washington, DC, ASSIS, 1976. 814p.

Digitalizado gentilmente por:

Centro de Informações do IAA/Planalsucar

*Auta Rojas Barreto**
*Heloisa Marie Donnard**
*Luiz A. dos Santos Almeida**

CDU 029: 7 (17 ed.)

O Centro de Informações do IAA/PLANALSUCAR desenvolveu no decorrer de 1 (um) ano um Sistema automatizado de informações bibliográficas – SIBIL. São informações textuais, cuja unidade lógica é o documento. A unidade recuperada é a referência bibliográfica dos documentos que compõem o acervo do Centro de Informações, montado em forma de rede, com 6 (seis) sedes. O Sistema é operado "on-line", em tempo real, com opções em "batch". O "hardware" de suporte é um minicomputador, com unidades de disco, terminais de vídeo, terminais impressores. O processamento técnico para a entrada dos dados é feito em planilha que contém os seguintes itens: identificação do documento, tipo do documento, referenciação bibliográfica, indexação/classificação e informações complementares, administrativas e sistêmicas. A identificação do material a ser tratado tecnicamente é feita em dois níveis: – isolando-se no texto unidades lógicas denominadas documentos, estabelecendo-se a que tipologia pertencem, e isolando-se no documento, chaves de recuperação relevantes e sistemáticas dentro de cada tipo, considerando-se as características físicas, lógicas e funcionais dos mesmos. São ainda considerados os conteúdos eventuais relevantes para usos correlatos. Aplica-se a bibliotecas e centros de documentação especializados.

1 – INTRODUÇÃO

1.1. O Centro de Informações do IAA/PLANALSUCAR

O Instituto do Açúcar e do Álcool – IAA, consciente da necessidade de aprimoramento dos sistemas de agro-indústria -açucareira e alcooleira, desenvolve pesquisa científica e tecnológica, em âmbito nacional, através de seu Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-Açúcar – PLANALSUCAR.

A efetivação do progresso da ciência e da técnica é feita através da publicação da prática e da disseminação de suas atividades e descobertas.

Considerando a necessidade de criar um órgão dentro do IAA/PLANALSUCAR para centralizar o colecionamento sistemático das informações técnicas geradas em suas atividades e apoiar a estrutura de pesquisas, tanto no fornecimento de dados e informações correntes, como bibliográficas, foi criado em 1977 o Centro de Informações.

O Centro de Informações é, portanto, um órgão de apoio às atividades

* Centro de Informações da IAA/PLANALSUCAR.

Digitalizado gentilmente por:

de pesquisa e de difusão de tecnologias. Paralelamente, desenvolve também pesquisas sobre seus próprios métodos de atuação.

1.2. Funções

Como um órgão de apoio, tem dupla função:

- Prover dados técnicos correntes e bibliográficos como matéria-prima para técnicos, pesquisadores e extensionistas;
- Servir de memória da Instituição, encarregando-se do processo de divulgação de seus trabalhos, coletando, organizando e provendo rápido acesso aos produtos gerados pelos técnicos, pesquisadores e extensionistas, em seu trabalho diário.

1.3. Atribuições

São atribuições do Centro de Informações:

a) Prover a criação de Referências Bibliográficas abrangendo referências de todo material bibliográfico "latu sensu";
b) Prover uma capacidade de recuperação de informações referenciais de forma a poder suprir todos os usuários do sistema;
c) Criar um acervo próprio e uma estrutura de serviços que possibilitem a localização e obtenção de documentos;
d) Estruturar, organizar, referenciar, armazenar e disseminar informações sobre documentos técnicos, gerados dentro do IAA;
e) Gerar e manter atualizado um Banco de Dados automatizado, contendo dados e informações correntes e relevantes para planejamento, pesquisa e atividades de extensão no âmbito da agroindústria alcooleira e açucareira.

2. SISTEMA DE INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS – SIBIL

O SBIL é um sistema voltado para a recuperação iterativa de informações referenciais bibliográficas, em modo conversacional.

É modular, portanto, altamente versátil.

Sua filosofia é orientada para minicomputadores e equipamentos periféricos nacionais. Programado em MUMPS/MIIS (ou suas versões para equipamentos nacionais) permite o uso econômico em vários níveis.

2.1. Circunscrição do problema

Fixadas as funções e atribuições do Centro de Informações, procurou-se atingí-las através de um feixe de serviços que podem ser classificados em dois grandes grupos:

Serviços de Informações Técnicas
Serviços de Documentação Técnica

Serviços de Informações Técnicas são aqui considerados como a elaboração e processamento dos dados brutos, antes de sua apresentação ao usuário. Como Serviços de Documentação Técnica compreende-se a localização, aquisição, obtenção por empréstimo ou cópia e fornecimento aos usuários dos documentos técnicos solicitados, bem como seu processamento técnico e armazenamento.

As origens do Centro de Informações fundam-se na contratação em fevereiro de 1977 de um pequeno grupo de assessoria com o fim precípuo de estudar os fluxos de informação ténica e conceber uma estrutura que os organizasse sistemicamente. Em meados do mesmo ano a solução foi proposta, consubstanciada em relatório técnico; foi aceita e seu conteúdo foi, então, detalhado entre essa data e janeiro de 1978. No mês seguinte, deu-se início à implantação do Centro de Informações.

O desenvolvimento do software SIBIL foi iniciado em agosto desse ano, e o "bureau" de serviços de programação e computação foi contratado em novembro. Em junho de 1979, a primeira fase do software estava pronta, quando já foi feita uma demonstração acessando "on-line", via telefone, de Araras, SP, sede da Coordenadoria Regional Sul do

Digitalizado gentilmente por:

IAA/PLANALSUCAR, o computador instalado no Rio de Janeiro.

2.2. Projeto lógico

2.2.1. Definição da Sistemática

– Subfunção de entrada de dados

São de 3 (três) tipos as folhas de entrada:

– Folha de entrada – FE.

Contém informações sobre: classificação, tipologia, catalogação, aquisição, armazenamento e indexação.

É composta de 57 (cincoenta e sete) campos, sendo alguns obrigatórios e outros cuja obrigatoriedade varia de acordo com o tipo de documento. Nessa planilha dão entrada todos os tipos de documentos em primeiro exemplar, com exceção de números de periódicos.

A norma de preenchimento da FE prevê uma sintaxe pré-estabelecida para cada tipo de documento.

– Folha de entrada de número de periódico – FP.

Contém informações sobre: referência bibliográfica, aquisição, armazenamento.

É composta de 57 (cinqüenta e sete) cuja obrigatoriedade varia de acordo com a forma de aquisição.

Folha de entradá de duplicatas – FD.

Contém somente informações sobre a aquisição e armazenamento do documento em duplicata. São utilizadas para todos os documentos, inclusive números de periódicos. É composta de 10 (dez) campos, uma vez que os demais já haviam sido incorporados à memória na entrada do primeiro documento.

A entrada de dados é feita em dois estágios:

– Preenchimento das folhas de entrada.

Centralizadamente, em Piracicaba, SP, na Seção de Processamento Técnico e, excepcionalmente, nas seções de documentação técnica, com sede em Campos, RJ; Rio Largo, AL; Carpina, PE; Araras, SP; apenas para os documentos que forem incorporados ao acervo por doação direta a essas sedes.

– Revisão e Digitação

No Escritório Rio. Esse estágio é da maior importância, pois dele depende a conferência do preenchimento dos campos da FE, a normalização do vocabulário e a garantia da qualidade da indexação.

– Subfunção de recuperação da informação

As recuperações que o sistema permite são:

- Número de registro
- Autor individual/corporativo
- Título
- Grandes assuntos
- Palavras-chave

– Número de registro

A recuperação de número de registro é feita em "batch", cujo catálogo é denominado arquivo mestre, pois contém todas as informações das Folhas de Entrada. É uma recuperação com fins patrimoniais e a saída é em listagem. Cada sede recebe a saída correspondente ao seu acervo e a sede do Centro de Informações em Piracicaba, recebe uma listagem global.

– Autor individual/autor corporativo e

– Título

A recuperação por autor individual/autor corporativo e título também é feita em "batch". As informações contidas nestes catálogos são: nº de registro, autor individual, autor corporativo, título, grau da tese, nº do relatório, edição, imprensa, coleção, línguas do texto, CDU, notas, armazenamento e palavras-chave. Referências do todo do documento aparecem em caso de documentos analíticos. A saída é feita em formulários contínuos, descartáveis em forma de fichas, em 6 vias de cada, ficando desse modo todas as sedes com um catálogo coletivo da Rede IAA-PLANALSUCAR.

– Grandes assuntos

A recuperação por grandes assuntos,

Digitalizado gentilmente por:

também em "batch", foi programada, tendo em vista o "Noticiário Bibliográfico", aviso de alerta que por sua própria natureza é apresentado com as referências selecionadas em grandes assuntos.

– Palavras-chave

A recuperação por palavras-chave é baseada na indexação do documento que é feita em dois níveis:

– palavras do tipo (KWIC – Key Work in Context)
– enriquecimento do título (KWOC – Key Work on Context).

Foi previsto também outro nível: descritor, para ser usado quando for implementado o vocabulário controlado.

O sistema permite a entrada de até 20 palavras-chave contendo até 30 caracteres cada.

Ao lado destas palavras existe um campo onde se identifica o nível das mesmas.

Para as palavras-chave e seus níveis, serão periodicamente emitidos relatórios de freqüência.

Enriquecimento do título é feito através de alguns thesauri, sendo usado como base o Thesaurus de Agricultura, elaborado pela BINAGRI. O controle deste vocabulário é feito pela equipe de revisão, que é encarregada da elaboração do vocabulário controlado: Thesaurus da Agroindústria Açucareira e Alcooleira.

A recuperação por palavra-chave é feita através do terminal (remoto ou não) que possibilita ao usuário definir através de um diálogo iterativo com a máquina, o conjunto de documentos do assunto desejado.

DESCRIÇÃO DOS COMANDOS

EXP – Expandir palavras-chave
SEL – Selecionar palavras-chave
COM – Combinar conjuntos logicamente
LIM – Limitar conjuntos
SUM – Sumarizar conjuntos
MOS – Mostrar conjuntos
IMP – Imprimir conjuntos
FIM – Finalizar operação

COMANDO EXP – Expandir palavras-chave

Permite ao usuário a expansão de uma página do dicionário do termo/palavra por ele escolhido, possibilitando uma visão de conjunto sobre palavras de mesmo radical.

Quando é acionado este comando, o sistema mostra 6 palavras antes e 6 depois da palavra escolhida pelo usuário, que é sempre a 7ª palavra.

COMANDO SEL – Selecionar palavras-chave

O usuário utiliza o comando SEL seguido da palavra-chave, ou do número de ordem desta palavra no último comando EXP executado, que vai expressar a informação que deseja.

Ao receber este comando o sistema seleciona todas as informações que foram indexadas pela palavra-chave utilizada e mostra no vídeo o número total de referências encontradas. Se o usuário estiver satisfeito com a pesquisa, ele poderá neste momento utilizar o comando de impressão.

Se tiver porém, um interesse mais específico, pode selecionar outras palavras-chave e o comando COM – Combinar Conjuntos.

COMANDO COM – Combinar conjuntos

Este comando é utilizado para fazer qualquer operação lógica entre 2 (dois) ou mais conjuntos, para obter um outro conjunto mais específico.

O comando COM pode, além de interseção, fazer a soma e a subtração dos conjuntos.

Os operadores lógicos são:
&: interseção
+: soma (união)
-: subtração.

COMANDO LIM – Limitar conjuntos

O usuário deve usar este comando, para especificar mais a sua pesquisa, partindo dos seguintes critérios limitadores:

Língua – de 1 (uma) a 3 (três) línguas
Data – data de entrada no sistema mês e ano
Formato: +, ou - = 99/99
mês ano
Tipo – tipo do documento – Pode ser feito o limite de três formas:
– limitar o tipo pelo último algarismo

Digitalizado gentilmente por:

do campo tipo.
Sintaxe: 19
Exemplo: Artigos que seria/1

– limitar pelo algarismo do tipo
Sintaxe: 9/
Exemplo: Tipo Monográfico 5/

– limitar por um determinado tipo
Sintaxe: 9/9
Exemplo: Tese 54

COMANDO SUM – Sumarizar conjuntos ou línguas

Este comando tem dois objetivos distintos:

1 – Fazer um resumo de toda a pesquisa feita até o presente momento, listando todos os conjuntos definidos até aquele momento, dando ao usuário uma visão geral das etapas percorridas.

2 – Mostrar os códigos de línguas contidas no dicionário de línguas.

COMANDO MOS – Mostrar conjuntos

Este comando permite mostrar ao usuário uma amostra das informações obtidas através da pesquisa, para que ele decida se deve ou não imprimi-las.

Esta amostra permite até 15 referências, ordenadas por autor, título de nº de registro.

COMANDO IMP – Imprimir conjuntos

Finalmente, este comando faz com que sejam impressas as informações contidas num conjunto qualquer resultante de um comando selecione, combine ou limite anterior, ordenado por autor, título ou número de registro, com um máximo de 300 referências.

– Subfunção de localização de documentos

Esta função é exercida através do código de armazenamento (ver dicionário de armazenamento) para designar localização do documento dentro da rede PLANALSUCAR. Este armazenamento pode ser centralizado nas 5 (cinco) bibliotecas ou descentralizado nas seções e salas dos pesquisadores.

Para a localização física do documento: arranjo em estante, é usada a CDU (Classificação Universal Internacional).

– Subfunção de controle de acervo

Esta função é exercida através dos campos referentes a aquisição, onde se tem tipo (da aquisição), custo, procedência/fornecedor, data de recebimento. São considerados tipos de aquisição: compra, permuta, doação e comissionado.

Por comissionado entende-se documento de propriedade do pesquisador posto à disposição do Centro de Informação do IAA/PLANALSUCAR enquanto o mesmo permanecer na instituição.

São estas informações que determinam o controle do acervo em termos patrimoniais.

2.2.2. Arquivos e Dicionários

O "software" SIBIL "on-line" baseia-se numa estrutura de banco de dados de forma arborescente, e é composta de um conjunto de arquivos que são atualizados diretamente a partir da digitação das planilhas de entrada de dados, através de programas de cadastramento, que verificam a consistência desses dados, de acordo com a sintaxe de preenchimento prevista para cada tipo de documento.

Estes arquivos são:

– Arquivo de Documentos Indexados: recebe todos os documentos, isto é, analíticos e monografias p.p. dito.
– Arquivo de Obras de Referência
– Arquivo de Coletâneas
– Arquivo de Número de Periódicos
– Arquivo de Outras Séries

Além destes, é usado também por assunto, o Arquivo Invertido por palavras-chave, que indica para cada palavra-chave os documentos por ela indexados. Este é o principal arquivo para recuperação "on-line".

Existe ainda uma série de dicionários, que proporcionam uma grande economia de espaço de memória, através do uso de campos codificados, ao invés de descrição livre.

Os dicionários usados são:

– Dicionário de Palavra-Chave
– Dicionário de Grandes Assuntos
– Dicionário de Locais de Armaze-

Digitalizado gentilmente por:

namento
– Dicionário de Fornecedores
– Dicionário de Línguas
– Dicionário de Títulos de Periódicos.

2.2.3. Saídas

O Sistema possui, até o momento, os seguintes relatórios de saída:
– Fichas Catalográficas por Autor
– Fichas Catalográficas por Título
– Catálogo Coletivo por nº de Registro
– Noticiário Bibliográfico
– Listagem de Palavras-Chave por documentos
– Listagem de Documentos por Palavras-Chave
– Listagem do Dicionário de Fornecedores
– Listagem do Dicionário de Palavras-Chave
– Listagem do Dicionário de Grandes Assuntos
– Listagem do Dicionário de Locais de Armazenamento
– Listagem do Dicionário de Línguas
– Listagem do Dicionário de Títulos de Periódicos
– Listagem de Saída do Comando IMP
– Listagem de Freqüência das Palavras-Chave
– Listagem de Duplicatas
– Listagem de Usuários
– Eliquetas de Tombo
– Lista de Documentos Incompletos

2.3. Estratégia de Implantação

O desenvolvimento do projeto lógico foi feito no período de agosto a dezembro de 1978.

De janeiro a abril de 1979 foi desenhado o software e elaborou-se a programação.

No período de maio/junho de 1979, deu-se entrada de informações bibliográficas relativas a 800 documentos de diversos tipos, como um pré-teste do sistema.

Em julho de 1979, foi feita a primeira exibição, com o terminal instalado em Araras – SP, acessando o computador no Rio de Janeiro.

De agosto a outubro foram reavaliados os programas e em novembro deu-se início ao teste final, com a entrada de cerca de 4000 documentos.

Em dezembro de 1979, estavam incorporadas informações bibliográficas de 4800 documentos.

Nesse período de teste final foram estabelecidos índices médios confiáveis de produção nas diversas fases de atividades.

Atividade	Média de Produção Confiável p/dia = 8 horas de trabalho diário
Preenchimento de folha de entrada	10 p/documentalista
Revisão de folha de entrada	25 p/revisor documentalista
Digitação de folha de entrada	100 p/digitador

Desse modo, a estratégia de implantação foi dividida em duas fases:
- testes
- operacionalização

Os testes foram divididos também em duas etapas:
– Pré-teste
– Teste final

Na fase de operacionalização, estão sendo tratados os documentos recentemente incorporados e parte do acervo antigo, com base em planejamento preestabelecido.

As atividades programadas para o período que se inicia no 2º semestre de 1980 dependem fundamentalmente da normalização, indexação e utilização de vocabulário específico.

Digitalizado gentilmente por:

2.4. Cronograma de Implantação

	maio/junho 79	nov./dez. 79	a partir de jan./80	a partir do 2º sem./80
Teste preliminar 800 documentos de diversos tipos				
Teste final 4800 documentos em máquina (monografia, teses, obras de referência, bibliografias)				
Acervo incorporado no período (emissão de aviso de alerta – Noticiário Bibliográfico)				
Material não convencional (incorporado ao acervo até dezembro de 1979)				
Títulos de periódicos – coleção (Kardex automatizado)				
Análise de periódicos 30 a 50 títulos selecionados				

2.5. Recursos humanos

Ao ser iniciada a implantação do Centro de Informações, contava o IAA/PLANALSUCAR com duas bibliotecárias: uma na sede de Piracicaba – SP e outra em Araras – SP.

Fazia-se necessário a contratação de outros profissionais para as demais sedes. Com os recursos disponíveis, foi elaborado um planejamento de contratações partindo-se da premissa de se manter uma equipe pouco numerosa, mas altamente qualificada e de se desenvolver um programa de treinamento constante, presente ao próprio desenvolvimento das atividades quotidianas.

Porto em prática esse planejamento, veio a constituir um dos pontos importantes do desenvolvimento do sistema, pela economia de recursos que proporcionou.

Deve-se destacar que a equipe engajada nas atividades operacionais estava

Digitalizado gentilmente por:

também participando do desenvolvimento do sistema. Houve uma perfeita integração de todo o grupo, fazendo com que os meios de comunicação, de telefonia ou dos correios possibilitassem um trabalho de grupo, mesmo à distância.

Desse modo, desde o início de 1978, o Centro de Informações passou a atender aos usuários fornecendo listagens de DSI, através de convênios, obtendo cópias e adquirindo documentos, elaborando bibliografias retrospectivas, participando de sistemas nacionais e internacionais, ao mesmo tempo que era desenvolvido e testado o Sistema de Informações Bibliográficas automatizado – SIBIL "on-line".

	1978	1979
Pessoal envolvido no desenvolvimento do Sistema Grupo de Engenharia de Sistema – Escritório Rio	1 Supervisor do Centro de Informações – Analista de Sistema senior (até agosto/80) 1 Gerente de Sistema – Analista de Informações 1 Documentalista IV – Analista de Informações 1 Documentalista III (a partir de junho/78) 1 Analista de Sistema júnior (a partir de junho de 1978)	
Pessoal de Apoio – Atividades Operacionais		– 2 Documentalistas III (a partir de junho/79)
Seção de Aquisição e Processamento Técnico – Piracicaba – SP	1 Documentalista III 1 Auxiliar	– 1 Documentalista I (a partir de maio/79) – 1 Auxiliar
Seção de Comutação Bibliográfica – Piracicaba – SP	1 Documentalista III (a partir de agosto/78) em tempo parcial	– 1 Documentalista III – 1 Estagiário até agosto/79 – 1 Documentalista I (a partir de set./79)
Seção de Documentação Técnica – Piracicaba – SP	1 Documentalista III 1 Auxiliar	– 1 Documentalista III – 1 Auxiliar – 1 Estagiário (até agosto/79) – 1 Documentalista I (a partir de set./79)
Seção de Documentação Técnica – Campos – RJ	1 Documentalista III 1 Auxiliar	– 1 Documentalista III – 1 Auxiliar
Seção de Documentação Técnica – Rio Largo – AL	1 Documentalista III	– 1 Documentalista III – 1 Documentalista II (a partir de set./79)
Seção de Documentação Técnica – Carpina – PE	1 Documentalista III 1 Auxiliar	– 1 Documentalista III – 1 Documentalista I (a partir de nov./79) – 1 Auxiliar
Seção de Documentação Técnica – Araras – SP	1 Documentalista III 1 Documentalista II 1 Auxiliar	– 1 Documentalista III – 1 Documentalista II – 1 Auxiliar

Digitalizado gentilmente por:

2.6. Configuração do hardware e software

O Sistema SIBIL foi desenvolvido e programado na linguagem MUMPS/MIIS, que é simultaneamente um interpretador, banco de dados e sistema operacional.

Foi implementado numa máquina DIGITAL modelo PDF 15, com 48 KB de memória principal e 90 MB (3 x 30 MB) de memória periférica em discos magnéticos.

O acesso ao equipamento é feito à velocidade de 1200 bauds com 1 terminal de vídeo, 1 impressora e 1 modem, todos de procedência nacional.

CONCLUSÃO

Foi possível, em apenas 1 (um) ano o desenvolvimento e implantação de um sistema de informações bibliográficas no Centro de Informações do IAA/PLANALSUCAR. É um software nacional, concebido para minicomputadores nacionais. A equipe envolvida diretamente nesse desenvolvimento foi bastante reduzida, pois compunha-se de apenas 4 (quatro) técnicos e o custo foi bastante reduzido. É um sistema que atende perfeitamente aos usuários do Centro de Informações do IAA/PLANALSUCAR e dá margem ao desenvolvimento de outros sistemas. Na realidade a primeira etapa está feita.

A elaboração de um vocabulário controlado, um sistema de dados correntes, de acompanhamento de projetos e mesmo o aperfeiçoamento desse sistema de informações bibliográficas são etapas que estão por vir.

5 – BIBLIOGRAFIA

BARRETO, A; GONÇALVES, J.B; CHASTINET, Y. *Recuperação da Informação*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972.

BARRETO, A.R. *Centro de Informações – Rede PLANALSUCAR*, Rio de Janeiro, 1978.

BARRETO, A.R. *?*

BARRETO, A.R. & OLIVEIRA, L.R.B. *O Centro de Informações da Agroindústria Canavieira*. Rio de Janeiro, IAA/PLANALSUCAR, 1979.

BARRETO, A.R. & OLIVEIRA, L.R.B. O Sistema de Informações; técnicas para o PLANALSUCAR. Soluções propostas. Rio de Janeiro, PLANALSUCAR, maio, 1977. 3V.I. Definição e Circunscrição do problema. II. Anexos. III. Apêndices. Primeiro relatório técnico (parcial).

– O Sistema de Informações; técnicas para o PLANALSUCAR. Soluções propostas. Rio de Janeiro, PLANALSUCAR, jul. 1977. Segundo relatório técnico. (final)

BRADFORD, C. *Documentação*. São Paulo, Fundo de Cultura, s.d.

CHASTINET, Y. S. Os Serviços de um Sistema de Informações e sua aceitação pelos usuários. R. *Bibliotec.* Brasília, 3(2):123-130, jul/dez 1975.

LANCASTER, F.W. *Information Retrieval Systems*. New York, J.Wiley, 1968.

MIHALLOV, A.I & GILJAREUSKIJ, R.S. *An introductory course of informatics/documentation*. The Hague, FID, 1971.

PREDICASTS terminal system users manual. Cleveland, Predicasts, 1977.

VICENTINI, A.L.C. Informática Agrícola. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, *1*(2):83-50, 1972.

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

Estudo da Interface Usuário/Sistema de Informação

2º SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS
Brasília, 25 a 30 de janeiro de 1981

Delia Valerio Ferreira (Coord.)

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente Grupo de Trabalho (GT) é analisar a Interface Usuário/Sistema de Informação com a finalidade de descrevê-la em função de seus elementos de interação, caracterizando-se, isoladamente.

Como elementos de interação foram identificados:

1 – a capacidade (própria) do usuário na utilização do sistema.

2 – a capacidade (própria) do bibliotecário no atendimento das necessidades do usuário:

2.1 – treinando diretamente o usuário para o uso das facilidades informais do sistema e de seus serviços;

2.2 – preparando material informativo que indique ao usuário a organização física e de conteúdo da informação armazenada no seu sistema, além dos serviços disponíveis.

No caso particular deste Seminário, as atenções se voltam principalmente a bibliotecas universitárias, o que delimita o problema. O GT valeu-se do documento-base "Educação de Usuários em Bibliotecas Universitárias" que enfocou apenas a atuação do bibliotecário quanto ao treinamento de usuários, através do qual se pretendeu ter uma visão da atuação do bibliotecário na interface Usuário/Sistema de Informação. O documento-base não apresentou nenhuma análise do comportamento do usuário quanto à sua atuação frente à mesma interface.

Por estas razões a análise do tema "Interface Usuário/Sistema de Informação" foi feita de maneira bastante unilateral, enfocando, principalmente, o bibliotecário da biblioteca universitária. No entanto, o GT examinou também a atuação do usuário através de depoimentos dos bibliotecários presentes aos trabalhos do grupo.

ANÁLISE/DISCUSSÃO DO DOCUMENTO-BASE

O documento-base visava a um conhecimento da interação Usuário/Sistema de informação através de programas de treinamento de usuário desenvolvidos pelas bibliotecas. Desse documento, o GT destacou dois elementos fundamentais para a análise: a série de perguntas e algumas das respostas obtidas.

1 – as perguntas se referiam essencialmente a se era ou não feito algum programa de "treinamento de usuário", formal ou informal; a que público era dirigido; quem o elaborava;

Digitalizado gentilmente por:

se era precedido de algum estudo sobre o usuário ao qual se dirigia; os problemas encontrados na ministração do curso. Aos que não desenvolviam nenhuma atividade desse tipo, indagava-se a razão.

2 – As respostas, cerca de 40% dos questionários enviados, podem ser resumidas em:

2.1 – Os cursos estão sendo montados a partir da "visão" do bibliotecário quanto às necessidades do usuário, vez que não foi feito nenhum estudo prévio dos usuários;

2.2 – Dentre as razões apresentadas para não haver programas de treinamento de usuário e também dentre os "problemas" encontrados nos cursos, cabe destacar alguns: falta de recursos financeiros, falta de material didático, de local apropriado, "desinteresse do aluno", atendimento a outras prioridades.

Com base nesses elementos e depois de longa discussão, o GT considerou que as respostas refletiam um bibliotecário com conhecimento deficiente do seu papel, carecendo dos elementos básicos de formação necessários.

O GT procurou, então, discutir as causas determinantes de tal posicionamento, apontando que, fundamentalmente, esse decorria de dois fatores:

1 – formação profissional deficiente que não fornece aos bibliotecários os conhecimentos necessários para um desempenho satisfatório da totalidade das funções que se espera que ele venha a desempenhar;

2 – de um sentimento de menor valia quanto ao seu papel na sociedade, conseqüência da escala de valores dessa sociedade a qual não atribui prioridade a atividades culturais nas quais se incluem as da Biblioteca.

No caso particular das bibliotecas universitárias, somam-se a esses fatores a indefinição do próprio papel da Biblioteca Universitária como instrumento do sistema educacional e ainda sua posição na estrutura administrativa da universidade.

Desses valores resultaria a postura DEPENDENTE assumida pelo bibliotecário face a problemas que ele tem que enfrentar como mediador entre o usuário e o sistema de informação.

O GT considerou que todos os esforços devem ser desenvolvidos no sentido de inverter essa situação, modificando as condições do bibliotecário, tanto no que diz respeito à sua formação, quanto à sua atitude para com problemas que ele enfrenta no seu desempenho profissional.

CONCLUSÕES

O GT, considerando:

1 – que o tema "Interface Usuário/Sistema de Informação" é de fundamental importância para os problemas de informação no Brasil;

2 – que o tempo disponível para discussão desse tema por um grupo de trabalho, dentro de um seminário como o SNBU, é bastante limitado;

3 – que o documento-base preparado para o GT abordou apenas um aspecto do problema "Interface Usuário/Sistema de Informação", conclui pela necessidade de outras oportunidades e ações que contemplem estudos mais aprofundados sobre o assunto.

Ainda como resultado dos trabalhos desenvolvidos na presente oportunidade, o GT apontou:

– como fatores próximos determinantes das dificuldades encontradas na Interface Usuário/Sistema de Informação nas bibliotecas universitárias, de um lado, o despreparo profissional do bibliotecário e, do outro lado, o despreparo do usuário (alunato e professorado), quanto ao uso de material informacional para educação;

– como fatores remotos:

a) a história cultural do país que ja-

Digitalizado gentilmente por:

mais contemplou o uso de material informacional como fundamental no seu sistema educativo. As bibliotecas, criadas recentemente na história do país, têm sido mantidas como entidades dissociadas do ensino mesmo após a reforma universitária;

b) a estrutura social que, reflexo das condições de desenvolvimento do país, não valoriza atividades de cunho cultural, voltando-se primordialmente para aquelas da área econômica.

O GT, consciente de que mudanças fundamentais só ocorrerão a longo prazo e serão decorrentes de modificações sócio-econômicas profundas, julga que algumas modificações poderão ser atingidas a curto e médio prazos se algumas ações puderem ser implementadas nas áreas influentes na formação tanto do bibliotecário, quanto do alunato/professorado.

Para tanto apresenta a seguir uma lista de recomendações e faz uma sugestão específica.

RECOMENDAÇÕES

I – Formação/Atualização Profissional

– endossar os estudos que estão sendo desenvolvidos sobre a reformulação do currículo das Escolas de Biblioteconomia, recomendando uma ênfase especial na área de educação de usuários, nos cursos de graduação;

– sugerir que os cursos de mestrado em biblioteconomia estimulem seus alunos a elaborar pesquisas sobre temas relacionados à Interface Usuário/Sistema de Informação;

– propor a elaboração e distribuição gratuita de manual metodológico sobre estudo de usuários de bibliotecas universitárias brasileiras, acompanhado de bibliografia especializada indicando a localização dos itens disponíveis em bibliotecas do país;

promover cursos de aperfeiçoamento ou especialização na área de treinamento de usuários, fundamentados em estudos de usuários;

– desenvolver programas de educação continuada buscando uma transformação da postura e conscientização da necessidade de cooperação bibliotecários/professores universitários nos cursos destinados ao treinamento de usuários.

II – Apoio Institucional

– recomendar ao Conselho Federal de Educação que concite centros, faculdades e departamentos de educação das universidades a promoverem a interação Biblioteca/Educação visando ao uso da biblioteca como parte integrante do processo de Ensino/Aprendizagem;

– solicitar o apoio dos órgãos competentes para o desenvolvimento de estudos de base que atuem como suporte para resoluções de problemas mais abrangentes ligados à Interface Usuário/Sistema de Informação e para a criação de um grupo de trabalho permanente sobre o assunto.

SUGESTÃO

Aos organizadores do próximo Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias sugerimos que seu tema central seja EDUCAÇÃO E ESTUDOS DE USUÁRIOS.

COMPONENTES DO GRUPO DE TRABALHO:
ESTUDO DA INTERFACE USUÁRIO/ SISTEMA DE INFORMAÇÃO

Coordenador:
Delia Valerio Ferreira
Centro Latino-Americano de Física
Av. Wenceslau Braz, 71 – fundos
22290 – Rio de Janeiro – RJ

Redator:
Paulo da Terra Caldeira

Digitalizado gentilmente por:

Escola de Biblioteconomia da UFMG
Caixa Postal 1906
30000 – Belo Horizonte – MG

Comissão de redação:

Judith R. Schleyer
UFPB – C.C.S.A.
Departamento de Biblioteconomia e Documentação
Campus Universitário
58000 – João Pessoa – PB

Rosali Pacheco Fernandez
Setor de Documentação e Informação
Centro Latino-Americano de Física
Av. Wenceslau Braz, 71 – fundos
22290 – Rio de Janeiro – RJ

Tânia Rodrigues Mendes
Escola de Administração de Empresas de São Paulo
Fundação Getúlio Vargas – Biblioteca
Av. 9 de Julho, 2020 – Bela Vista
01313 – São Paulo – SP

Terezine Arantes Ferraz
IPEN – Divisão de Informação & Documentação Científica
Caixa Postal 11049 – Pinheiros
01000 – São Paulo – SP

Demais participantes:

Consuelo Lisboa Ferreira Lima
Universidade do Maranhão
Rua 13 de maio, 506
65000 – São Luiz – MA

Eunice de Faria Lopes
UFMG Escola de Veterinária – Biblioteca
Caixa Postal 567
30000 – Belo Horizonte – MG

Fernanda I. Piochi
Biblioteca Conjunto das Químicas USP
Caixa Postal 30786
São Paulo – SP

Gilda Maria Braga
IBICT
Av. General Argolo, 90
São Cristovão
Rio de Janeiro – RJ

Helena Mattos de Carvalho Mendes
Biblioteca Central da Universidade Federal do Ceará
Caixa Postal 153 D
60000 – Fortaleza – Ceará
Maria Izabel Santoro Brunetti
UNESP – Instituto de Química
Campus Araraquara
Caixa Postal 174
14800 – Araraquara – SP

Milton A. Nocetti
DID – EMBRAPA
Caixa Postal 1316
70000 – Brasília – DF

Neusa Dias de Macedo
Escola de Comunicações e Artes USP
Rua Peixoto Gomide, 1914 – Ap. 15
01409 – São Paulo – SP

Ruth Moura Arruda
Universidade do Amazonas
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Departamento de Biblioteconomia
Rua Emilio Moreira, 601
69000 – Manaus – AM

Ruth Versiani Tavares
Escola de Biblioteconomia UFMG
Caixa Posta 1906
30000 – Belo Horizonte – MG

Ubaldino Dantas Machado
EMBRAPA – DID
Caixa Postal 1316
70000 – Brasília – DF

Digitalizado gentilmente por:

Avaliação da circulação de periódicos: uma análise do atendimento prestado aos usuários locais

*Maria Elisa Rangel**
*Maria Emilia F.G. Taparelli**
*Regina Celia Figueiredo Castro***
*Aron Nowinski****

CDU 05.001.4

Realizou-se uma avaliação de circulação de periódicos e do grau de satisfação dos usuários em relação ao atendimento de solicitação de periódicos a nível local. Descreve-se a metodologia utilizada e apresentam-se os resultados da análise de dados referentes aos pedidos não atendidos pela Biblioteca, identificou-se as causas do não-atendimento por diagrama. O grau de satisfação dos usuários foi de cerca de 75% e as principais causas do não-atendimento foram devidas a falhas na coleção e material não existente no acervo.

1. INTRODUÇÃO

Um dos principais critérios pelo qual a coleção de uma biblioteca pode ser avaliada é saber se esta satisfaz ou não a demanda de seus usuários ou, mais precisamente, que proporção da demanda a coleção é capaz de satisfazer.

Estudos deste tipo têm sido amplamente realizados, pois as restrições orçamentárias tornaram necessária uma maior atenção quanto a um planejamento racional da política de aquisição das bibliotecas. Cada vez mais se necessita avaliar o uso das coleções no sentido de definir o nível de satisfação dos usuários ante suas reais necessidades de informação, para que as coleções se desenvolvam não só de acordo com os objetivos da Biblioteca, mas também com os níveis de demanda.

A capacidade de promover acesso ao documento e o conseqüente grau de satisfação dos usuários podem ser facilmente medidos em termos quantitativos e estudos deste tipo podem ter várias aplicações. Entre elas:

* Bibliotecária da Divisão de Atendimento ao Usuário da BIREME.
** Bibliotecária da Divisão de Documentação da BIREME.
*** Médico, Coordenador de Programas de Informação e Serviços da BIREME.

Digitalizado gentilmente por:

a) indicar deficiências no atendimento de solicitações;
b) indicar prioridades para os bibliotecários;
c) indicar áreas de assunto menos favorecidas pela coleção;
d) indicar títulos mais solicitados ou não solicitados.[8]

Baseadas nesses princípios, a Biblioteca Regional de Medicina – BIREME e um grupo de bibliotecas do campo das ciências biomédicas de São Paulo, decidiram empreender um estudo sobre a utilização de suas coleções. A BIREME coordena a Rede de Informação em Saúde da América Latina, atuando como Centro Regional para a América Latina, Centro Nacional para o Brasil e Subcentro para o Estado de São Paulo. Seria de interesse, portanto, conhecer as possibilidades de cada biblioteca participante, para que se desenvolvesse a médio prazo a rede colaborativa de bibliotecas em São Paulo, de forma a atender às necessidades dos usuários, através do incremento de serviços cooperativos.

O estudo desenvolveu-se a partir do início de 1979 mas, por motivos que serão expostos neste trabalho, os dados coletados na BIREME não puderam ser incluídos na avaliação final. O objetivo deste artigo é descrever a metodologia utilizada pela BIREME, assim como apresentar a análise de alguns dados que mereceram atenção neste momento. Não representa uma avaliação final, nem de todos os dados coletados, mas espera-se que a experiência aqui relatada sirva de base para estudos futuros e estimule outros a desenvolver análises semelhantes.

2. HISTÓRICO

No encontro de bibliotecários biomédicos, realizado em São Paulo, na BIREME, durante a IV Assembléia das Comissões Permanentes da FEBAB em 1978, foi apresentado trabalho de autoria de bibliotecárias da Faculdade de Saúde Pública (FSP/USP), sobre avaliação do uso de periódicos na Biblioteca daquela unidade[1]. O trabalho interessou aos demais participantes, nascendo a idéia de se fazer estudo similar no campo biomédico em âmbito nacional e estadual.

Os objetivos iniciais foram:
- avaliação quantitativa do uso de periódicos;
- estabelecer uma planificação de aquisição;
- implantação de um sistema cooperativo interbibliotecário;
- melhor atendimento às reais necessidades do usuário selecionando os periódicos biomédicos mais solicitados e descartando os de menor demanda;
- orçamento para as assinaturas das coleções;
- avaliação dos títulos a serem duplicados;
- idiomas mais usados e assuntos mais procurados.

O controle inclui apenas títulos de periódicos correntes, excluindo relatórios, congressos, anuários e periódicos de referência.

Além da BIREME, outras bibliotecas biomédicas da USP (Universidade de São Paulo) participaram da avaliação: Biblioteca da Faculdade de Saúde Pública; Biblioteca da Faculdade de Medicina; Biblioteca da Faculdade de Medicina Veterinária; Biblioteca do Instituto de Ciências Biomédicas; Biblioteca da Faculdade de Ciências Farmacêuticas; Biblioteca da Escola de Enfermagem; Biblioteca do Instituto de Biociências; Biblioteca da Faculdade de Odontologia.

A metodologia adotada foi a seguinte: para cada unidade emprestada (fascículo ou volume) controlava-se: título do periódico, ano de publicação e categoria do usuário. No controle das folhas de registro anuais, mencionava-se o tipo de aquisição, periodicidade, assunto, língua e preço de cada periódico. Uma equipe coordenadora encarregou-se da uniformidade de assuntos dos periódicos analisados.

Controlava-se e registrava-se separadamente o uso das coleções pelo empréstimo domiciliar, consultas locais e fotocópias de artigos, ordenando as folhas de registro em ordem alfabética.

Digitalizado gentilmente por:

Os consulentes, segundo sua categoria, foram classificados em: professores, alunos de pós-graduação, externos, outros e bibliotecas (empréstimo entre bibliotecas).

Para uniformizar a coleta de dados, deveriam ocorrer mudanças internas nas diversas bibliotecas: o empréstimo seria feito por meio de cartão de empréstimo; a consulta local pelas publicações consultadas e deixadas na mesa ou por papeletas distribuídas nas salas de leitura e preenchidas pelo usuário; as fotocópias registravam-se na folha de controle de título, no momento da execução da cópia, ou por meio de papeletas preenchidas pelo usuário ou encarregado do Setor.

Para facilitar o registro dos anos de publicação do periódico, os intervalos de classe deveriam ser:

a) sem intervalo de classe para os últimos 5 anos (1975-1979);
b) 5 anos para período de 1960 a 1974 (1970-74; 1965-69; 1960-64);
c) 10 anos para período de 1940 a 1959 (1950-59; 1940-49);
d) de 1939 para trás não haveria divisão de classe, devendo os dados ser reunidos a partir daquela data.

A duplicação dos formulários ficaria a cargo das bibliotecas participantes (sugerindo-se cores diferentes para cada tipo de uso).

O projeto foi coordenado e supervisionado por um grupo de profissionais representanres da BIREME e FSP/USP.

A partir de novembro de 1978 as bibliotecas começaram a coleta de dados a título experimental. A avaliação propriamente dita foi iniciada em janeiro de 1979.

A BIREME participou do projeto mas, desde o início, fez algumas alterações no formulário para atender a outros objetivos internos. Em março de 1979 foi feita uma avaliação experimental e nessa época já se detectaram alguns problemas de divergência entre os dados anotados pela BIREME e de outras bibliotecas, o que, contudo, não invalidou o estudo.

Em dezembro de 1979 as bibliotecas encerraram a coleta de dados e deram início ao preenchimento de folhas de entrada para posterior entrada dos dados no computador. Nessa fase, a BIREME não pôde participar por vários motivos. Entre eles: o volume de requisições de periódicos da BIREME era proporcionalmente superior ao das outras bibliotecas; o tempo para preenchimento das folhas de entrada para o computador era curto (3 meses) e a BIREME não dispunha no momento de pessoal e tempo; os dados que haviam sido alterados tinham que ser preparados para compatibilizar com os dados da avaliação inicial, o que tomaria mais tempo.

2.1 A BIREME neste Projeto

A coleta de dados na BIREME foi efetuada por funcionários da Divisão de Atendimento ao Usuário, Seção de Referência*. Como a BIREME é uma biblioteca de acesso fechado, já possuía um formulário para requisição de periódicos, que foi alterado para incluir os dados necessários para a avaliação.

No início foi feita uma experiência com um formulário unificado para solicitação dos diversos tipos de documentos (livros, periódicos e audiovisuais). Na prática, este formulário confundiu o leitor, pois os dados referentes a esses 3 tipos de documentos eram semelhantes. Subdividiu-se o formulário em 3, internamente denominados formulário 1 (para solicitação de periódicos); formulário 2 (para solicitação de livros) e formulário 3 (para solicitação de audiovisuais).

O atual formulário (fig. 1) foi adaptado no decorrer da avaliação, introduzindo-se vários dados para: melhor identificação do usuário; especificação do periódico e do artigo solicitado (este último, no caso da pesquisa ter sido negativa e o usuário desejar solicitar o artigo por intermédio do empréstimo entre bibliotecas); especificação dos motivos do não atendimento; e identificação dos itens fotocopiados.

A folha de registro de títulos (fig. 2) também foi alterada para caracterizar os

* Foram envolvidos no estudo 2 auxiliares, em média, e as bibliotecárias Maria Emília F.G. Taparelli, Maria Elisa R. Braga, Beatriz G. Ghedini, sob a orientação de Dinah A. Población, Assessora da Diretoria.

Digitalizado gentilmente por:

BIREME
OPAS / OMS

REQUISIÇÃO DE DOCUMENTO
(PREENCHER UM FORMULÁRIO PARA CADA DOCUMENTO)

1.

EPM
- ☐ DOCENTE
- ☐ ALUNO GRADUAÇÃO
- ☐ PÓS-GRADUAÇÃO
- ☐ PROFISSIONAL
- ☐ OUTROS

EXTERNO
- ☐ DOCENTE
- ☐ ALUNO GRADUAÇÃO
- ☐ PÓS-GRADUAÇÃO
- ☐ PROFISSIONAL
- ☐ OUTROS

Nº CONSULENTE

DATA

NOME CONSULENTE

INSTITUIÇÃO

DEPARTAMENTO

LOCAL

REQUISIÇÃO DO PERIÓDICO

TÍTULO DO PERIÓDICO

PAÍS | VOLUME | FASCÍCULO | SUPLEMENTO | PÁGINA | ANO

PESQUISA NEGATIVA

NÃO TEMOS
- ☐ TÍTULO
- ☐ VOLUME
- ☐ FASCÍCULO
- ☐ ANO
- ☐ DADOS NÃO COINCIDEM
- ☐ FORA DE ÁREA
- ☐ TÍTULO NÃO IDENTIFICADO
- ☐ ENCADERNAÇÃO

RUBRICA

COMPLEMENTO

AUTOR(ES) DO ARTIGO

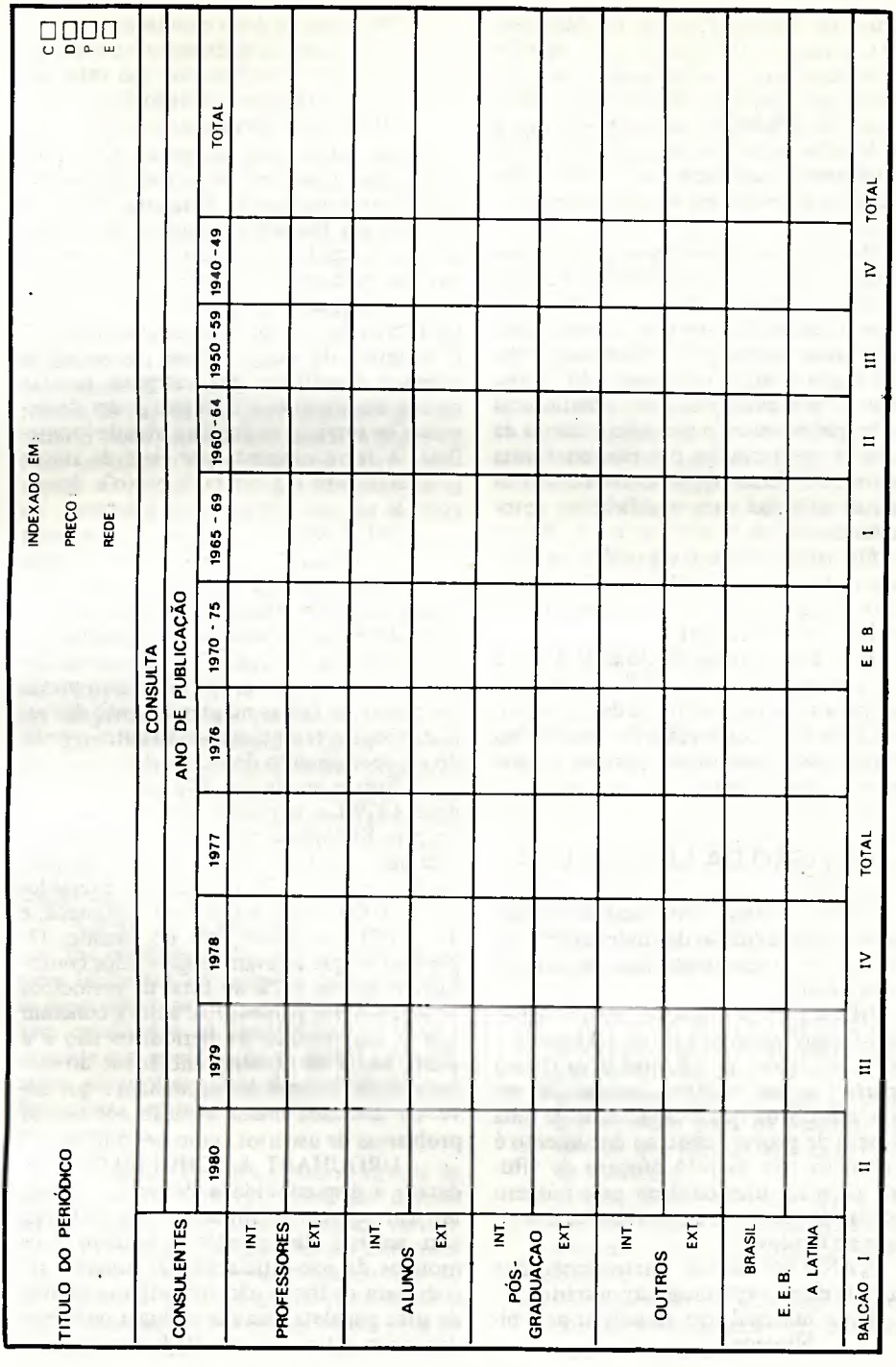
TÍTULO DO ARTIGO

FONTE DE REFERÊNCIA

XEROX | Nº DE PÁG. | PREÇO | Nº MÁQUINA | CONTAGEM INICIAL | CONTAGEM FINAL | RUBRICA

Formulário para preenchimento de requisições

Digitalizado gentilmente por:



Folha de Registro de Títulos

Digitalizado gentilmente por:

usuários da Escola Paulista de Medicina (EPM), à qual a BIREME acha-se vinculada, e os usuários externos dentro de cada categoria profissional. Houve necessidade também de subdividir os pedidos feitos a nível local e os feitos por empréstimo entre bibliotecas, separando os provenientes do Brasil dos demais países da América Latina.

Para coletar dados que permitissem orientar a política de aquisição de periódicos e evidenciar as falhas no atendimento aos usuários, utilizou-se essa mesma folha de registro de títulos para anotar outros dados alheios à avaliação de circulação. Acrescentou-se, por exemplo, preço, bibliotecas da rede que possuam o periódico, fontes de indexação que incluíam o periódico, forma de aquisição; foram registradas também as falhas de coleção com codificações apropriadas.

Os títulos foram separados em negativos (títulos que a BIREME não possuía ou com falha na coleção) e positivos (títulos existentes na BIREME).

Com esses dados, no final de 1979 e no 1º semestre de 1980, foi feita uma avaliação para orientar a política de aquisição, como base para renovação de subscrições de periódicos e para futura política cooperativa entre bibliotecas.

3. REVISÃO DA LITERATURA

Vários estudos têm sido realizados sobre a disponibilidade de materiais em bibliotecas e o conseqüente grau de satisfação dos usuários.

BUCKLAND[2] usou o termo "nível de satisfação" ao se referir ao critério de o usuário encontrar ou não um item (livro) em particular nas estantes, quando dele necessita, e declarou que a capacidade de uma biblioteca de prover acesso ao documento é determinada não só pelo número de títulos da coleção, mas também pelo número de cópias disponíveis, especialmente dos títulos mais usados.

KANTOR[4] definiu quatro categorias principais de não-satisfação dos usuários:

DA = material não adquirido pela biblioteca
DC = material em circulação
DL = falha de ordenação e armazenagem do material nas estantes, material extraviado, etc.
DU = falhas do usuário

Ao medir essas categorias, KANTOR utiliza um diagrama onde são representadas as porcentagens de cada uma dessas categorias em relação ao número de satisfações dos pedidos dos usuários. O princípio em que se baseia a análise é de que há somente uma razão que impede uma biblioteca de atender aos pedidos de seus usuários. O objetivo da análise dessas porcentagens relativas é verificar que categoria satisfaz menos aos usuários e com isso poder desenvolver os serviços de forma a atendê-los melhor. A regra proposta por ele é de atacar primeiramente o fator mais baixo e desenvolvê-lo até que não seja mais o menor.

PITTERNICK[7] realizou um estudo de disponibilidade de periódicos durante um período de 12 dias, solicitando aos usuários da Woodward Biomedical Library que informassem cada vez que falhavam em encontrar um fascículo ou volume de periódico na biblioteca. O formulário previa 19 causas de falhas no atendimento das solicitações e o tempo decorrido entre o pedido e o recebimento do material.

Foram analisados 370 casos; em 100 deles (27%) o periódico não fora adquirido pela Biblioteca ou ainda não havia sido recebido; em 66 (18%) estava na encadernação; em 64 (17%), estava emprestado; em 34 (9%) estava em uso na biblioteca; e 41 (11%) envolviam erro do usuário. Os periódicos que estavam emprestados constituíram apenas 4,7% do total de periódicos solicitados no período. A autora concluiu que o empréstimo de periódicos não é a maior causa da não-disponibilidade do material como os usuários supunham e que deve ser dedicada maior atenção aos outros problemas de usuários como periódicos.

URQUHART & SCHOFIELD[8] estudaram a disponibilidade de livros existentes em quatro bibliotecas universitárias, sem analisar diretamente o número e os motivos da não-satisfação. Os usuários registravam os livros não encontrados através de uma papeleta deixada no lugar onde eles deveriam estar. Os resultados mostraram

Digitalizado gentilmente por:

como um bibliotecário pode descobrir o grau de não-disponibilidade ou falha em qualquer área da biblioteca, as causas das falhas e até os itens muito solicitados e que não estavam disponíveis.

A mais extensa pesquisa da capacidade das bibliotecas de atender à sua demanda foi realizada pelo Institute for the Advancement of Medical Communications para a National Library of Medicine. ORR & SCHLESS[6] descreveram a metodologia proposta para esse tipo de estudo e os resultados de um estudo realizado em 92 bibliotecas de escolas médicas. O índice de capacidade (CI) expressa a capacidade em termos de rapidez de atendimento que um usuário pode esperar em relação a todos os itens testados e é calculado por várias condições. É proposto um modelo matemático no qual a capacidade potencial de uma biblioteca se iguala à soma algébrica da capacidade básica de seu acervo; as "perdas" são atribuídas ao uso da coleção, problemas de processamento, relativa inacessibilidade, armazenagem, etc. . .; o "ganho" é definido pela associação com outras fontes (empréstimo entre bibliotecas). Valores empíricos foram calculados para cada uma dessas variáveis e foram derivadas equações que forneceram projeções úteis sobre a capacidade básica, a partir do tamanho da coleção. Os resultados mais importantes foram as análises de custo-efetividade usadas para orientar a administração das bibliotecas.

GERC & BANOVIC[3] estudaram o uso das coleções de livros e periódicos em uma biblioteca de hospital que atendia a 6 departamentos de medicina interna. Foram analisadas as estatísticas coletadas durante um período de 5 anos (1975-79) sobre empréstimo, uso de periódicos para fotocópias, empréstimos entre bibliotecas e uso interno.

Os dados foram coletados através de um formulário com 150 itens, que deveria ser preenchido pelo usuário quando consultasse o material. Os dados foram utilizados para: (1) estimativa do uso total da coleção da biblioteca; (2) uma análise mais detalhada da circulação de periódicos em relação às características sociodemográficas dos usuários; (3) identificação dos títulos mais requisitados.

ANDRADE[1] e outros desenvolveram uma avaliação do uso de periódicos em uma biblioteca de Saúde Pública, na qual foi baseada a presente avaliação. Esta foi realizada por um período de seis meses em 1973/4, com a finalidade de verificar as tendências de interesse de seus usuários, computando somente os dados de empréstimo. O levantamento mediu as seguintes variáveis: tipo de aquisição, categoria de consulentes, ano da publicação, língua em que o periódico foi publicado e assunto.

Os resultados indicaram que 36,5% dos títulos do acervo circularam, embora a maior concentração de pedidos equivalesse somente a 3,6% do total de títulos. Verificou-se ainda que, 68,3% dos periódicos circulados eram adquiridos por compra; 82,5% a periódicos dos últimos 5 anos e que 72,5% da demanda fora feita pelo corpo docente.

4. HIPÓTESES

De acordo com os objetivos iniciais do projeto de avaliação e com os dados coletados durante o período, várias análises poderiam ser realizadas, para caracterizar os usuários e a demanda de periódicos a nível local e da Rede (através do Empréstimo entre Bibliotecas) e indicar o grau de satisfação provocada pelo atendimento das solicitações de periódicos.

Para fins deste trabalho serão testadas as seguintes hipóteses:

1) o grau de solicitação de periódicos é maior para os últimos 5 anos do que para os anteriores;
2) a freqüência para consulta de periódicos é maior para os usuários externos do que para os da Escola Paulista de Medicina;
3) as solicitações de títulos que a BIREME não possui são feitas mais no Empréstimo entre Bibliotecas que no Balcão;
4) a freqüência de solicitação é maior para os pós-graduados do que para as outras categorias de usuário.

Digitalizado gentilmente por:

Além disso, os dados coletados poderiam refletir: a incidência dos títulos solicitados por forma de aquisição; se os títulos mais fotocopiados corresponderiam também aos mais solicitados; que instituições externas mais utilizam os serviços de requisição de periódicos; que disciplina da Escola Paulista de Medicina solicita material e que está sendo melhor atendida quanto à disponibilidade de periódicos no assunto; quais os títulos com falhas de coleção e que foram solicitados; quais os títulos do acervo da BIREME mais solicitados e os que nunca ou poucas vezes foram solicitados; os títulos mais solicitados e que a BIREME não possui.

5. METODOLOGIA

5.1 Operacionalização dos Conceitos

Para fins deste trabalho foram utilizados os seguintes conceitos:

- Requisições positivas – requisições de material que a BIREME possui
- Requisições negativas – requisições de material não existentes na coleção da BIREME

As requisições negativas incluem:

- falta de título = material não adquirido
- falta de volume, fascículo ou ano = falha de coleção
- título não identificado = título pedido incorretamente ou não identificado pelos funcionários do depósito
- dados não coincidem = informação incorreta do usuário ou da fonte de referência
- título de referência = material localizado no Salão de Referência
- monografias = livros, que não estão localizados nos depósitos e, portanto não deveriam ser solicitados na Seção de Referência

5.2 Coleta de Dados

O acervo de periódicos da BIREME não é aberto ao público, portanto o acesso aos artigos é conseguido através de requisições feitas em formulário apropriado em 2 (duas) vias, preenchidas no Balcão de Circulação, localizado na Divisão de Atendimento ao Usuário, Seção de Referência. Do preenchimento destas papeletas é que se obtêm os dados sobre o uso da coleção de periódicos.

Preenchido o pedido pelo consulente, este é encaminhado aos respectivos depósitos. Se a pesquisa resultar positiva, a revista chega ao usuário acompanhada da 1ª via do formulário, e a 2a via fica na estante, no local de onde foi retirada.

Se a pesquisa resultar negativa, o formulário é devolvido, com a especificação do motivo do não atendimento; uma via é entregue ao usuário e a outra guardada para controle estatístico. Todas as requisições do dia são guardadas para que, no dia seguinte, se processem as estatísticas.

Inicialmente são anotados os seguintes dados: a) total de requisição fotocopiadas; b) total de usuários que solicitaram periódicos, subdividindo-os em externos e da Escola Paulista de Medicina.

Em outra etapa, separam-se as requisições positivas das negativas, distinguindo as negativas de títulos das de folha de coleção. Anota-se o total de solicitações por instituição (e disciplina, no caso da EPM) e por categoria profissional do usuário. Para as pesquisas negativas de falha de coleção registram-se também os totais, indicando o motivo do não atendimento.

Alfabetadas as requisições, processa-se a anotação nas respectivas folhas de registro de títulos.

6. ANÁLISES DOS DADOS

Para este trabalho foram utilizados somente os resultados dos dados das pesquisas negativas, coletados no período janeiro/agosto 1980. Além de testar as hipóteses propostas, serão analisadas também as requisições da EPM por disciplinas.

6.1 Circulação Local

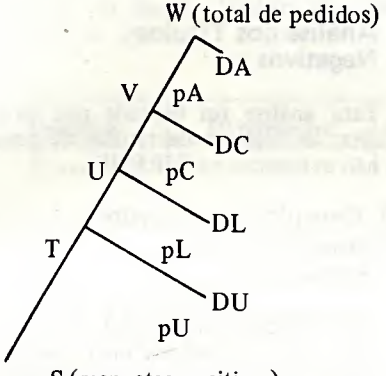
Para análise dos dados de circulação local adotou-se o modelo utilizado por KANTOR[4], que identificou 4 categorias

Digitalizado gentilmente por:

principais de não-satisfação:

DA = material não adquirido
DC = material em circulação
DL = material armazenado fora do lugar, perdido, etc . . .
DU = erro do usuário

As medidas de desempenho correspondentes a essas categorias foram representadas por: pA, pC, pL e pU. Elas eram calculadas utilizando-se o seguinte diagrama:



e a fórmula:

T = S + DU	pU = S/T
U = T + DL	pL = T/U
V = U + DC	pC = U/V
W = V + DA	pA = V/W

A probabilidade de satisfação (pS) é determinada por:

$$pS = pA \,.\, pC \,.\, pL \,.\, pU$$

Adaptando este modelo aos dados deste trabalho tem-se que:

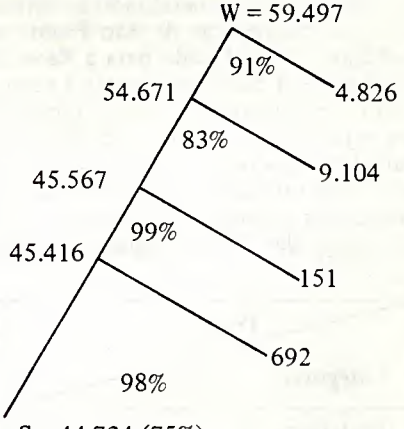
DA = material não existente na BIREME
DC = falha de coleção (falta volume, ano ou fascículo)
DL = títulos não identificados pelos depósitos, localizados em outras seções (títulos de referência e monografias).

Observação: Os dados de deficiência de atendimento dos depósitos (armazenados fora do lugar, perdidos ou a serem guardados) computados por KANTOR só foram anotados a partir de junho e, portanto, não puderam ser incluídos neste total)

DU = informação incorreta fornecida pelo usuário (dados não coincidem)

Assim:

DA = 4.826
DC = 9.104
DL = 151
DU = 692



S = 44.724 (75%)

De acordo com a análise destes dados, verificou-se que a maior porcentagem de não satisfação se deve às respostas negativas por falha de coleção, seguida por falhas de títulos. Isto pode ser confirmado pelo cálculo percentual simples destas falhas em relação ao total de negativos onde: DA = 33%; DC = 61%; DL = 1%; DU = 4%.

KANTOR apresentou o resultado de vários estudos, para os quais aplicou o modelo do diagrama e verificou que o maior índice correspondia a falhas de circulação ou falhas da biblioteca. Em nosso estudo, as falhas de circulação foram substituídas por falhas de coleção, fator importante em

Digitalizado gentilmente por:

termos de bibliotecas brasileiras; as falhas de biblioteca, como já explicado anteriormente, foram anotadas por um período curto de tempo, o que não nos permitiu incluir os resultados neste estudo.

Apesar disso, os níveis de satisfação encontrados não diferem basicamente dos descritos por KANTOR. Em seu trabalho, ele afirma que os níveis de satisfação proporcionados pelas bibliotecas comparadas variam entre 75 e 95%. Ele atribui essa semelhança ao fato de que as bibliotecas tinham várias características em comum: todas eram grandes bibliotecas, associadas a universidades, em países de língua inglesa, o que tornaria típicos os índices de tais instituições.

A BIREME é uma biblioteca especializada, associada a uma escola médica, com um atendimento generalizado às outras instituições biomédicas de São Paulo, como Subcentro deste Estado para a Rede de Informação em Saúde do Brasil. A partir dos resultados encontrados neste trabalho, talvez seja possível afirmar que, mesmo num país de língua latina, embora numa biblioteca com um acervo caracterizado basicamente por coleções estrangeiras e principalmente de língua inglesa, os limites percentuais apresentados por KANTOR mantiveram-se semelhantes.

Por outro lado, o 2º maior índice de não satisfação das solicitações de usuários encontrado na BIREME foi o devido a falhas de título, que, nos outros trabalhos, não teve essa colocação. O percentual de material não adquirido pela biblioteca não esteve acima dos apresentados pelos outros autores mas, em nossa escala, este foi um fator importante no não atendimento de solicitações de usuários.

6.2 Análise dos Títulos Negativos

Esta análise foi baseada nos dados das folhas de registro de títulos de periódicos não existentes na BIREME.

6.2.1 Consulta de Acordo com o Ano de Publicação

Com relação à hipótese 1, de que os anos mais recentes são os mais consultados, observou-se que 60% dos pedidos de títulos que a BIREME não possui são feitos para os últimos 5 anos (tab. 1).

Período / Categoria	1980-1976	1975-
Professor	422 (14,5%)	355 (18,5%)
Aluno	682 (23,4%)	439 (22,9%)
Aluno Pós-Graduação	797 (27,3%)	560 (29,2%)
Outros	1008 (34,6%)	563 (29,3%)
Total	2909 (60%)	1917 (40%)

Tab. 1 – Total de requisições de títulos não existentes na BIREME em relação ao ano de publicação, subdividido por categorias de usuários.

Digitalizado gentilmente por:

Fazendo análise por categoria do usuário, observou-se que não há diferença significativa na freqüência de utilização dos últimos 5 anos em relação aos anteriores.

6.2.2 Freqüência de Usuários

Constatou-se que a freqüência de usuários para consulta de periódicos é maior para os usuários externos (60%) que para os da Escola Paulista de Medicina (40%) (tab. 2).

O total de solicitações de títulos que a BIREME não possui incide mais na categoria de usuários externos que na de internos; 63,48% dos pedidos negativos foram feitos por usuários externos (tab. 3).

6.2.3 Freqüência de Solicitações por Categoria de Usuários

Contrariando a expectativa de que a freqüência de solicitações de artigos de periódicos é maior para os pós-graduados, observa-se que (tab. 4):

Usuários	1º trimestre	2º trimestre	jul/agosto	total
Externos	7.840	10.185	6.145	24.170 (40%)
Internos	10.696	14.085	10.560	35.341 (60%)

Tab. 2 – Freqüência de usuários para consulta de periódicos.

	Interno	Externo
Professor	310	467
Aluno	321	800
Aluno pós-graduação	709	648
Outros	422	1149
Total	1762 (36,51%)	3064 (63,48%)

Tab. 3 – Solicitações negativas por categoria de usuários.

	Solicitações	%
Pós-graduação	18671	31,37
Outras categorias	40840	68,62
Total	59511	

Tab. 4 – Freqüência de solicitações por categoria de usuários.

Digitalizado gentilmente por:

Dentro de "Outras categorias", 50% das solicitações incidiram na categoria "Outros":

– Outras categorias	40840
Alunos e professores	20505
Outros	20335

Assim, analisando o total de solicitações da categoria "Outros" em relação ao total geral de solicitações, constata-se que a freqüência maior de solicitações (34,17%) pertence a esta categoria, que abrange profissionais formados em várias áreas, e pessoal de laboratórios.

6.3 Análise por Disciplina

As solicitações feitas por dez disciplinas da Escola Paulista de Medicina corresponderam a 52% do total de solicitações identificadas por disciplinas (em 14% dos pedidos, o usuário não identificou a disciplina) (tab. 5).

	Total	Total Acumulado	Positivas	Negativas	% Positivas
Psicobiologia	1724		1335	389	77,43%
Pediatria	1655	3379	1388	267	83,86%
Cirurgia	1342	4721	1108	234	82,56%
Microbiologia	1319	6040	1032	287	78,24%
Medicina	1034	7074	845	189	81,72%
Imunologia	950	8024	851	99	89,57%
Cardiologia	876	8900	730	146	83,33%
Neurologia	788	9688	552	236	70,05%
Urologia	687	10375	562	125	81,80%
Pneumologia	584	10959	509	75	87,15%
52%					
Gastrocirurgia	580	11539	462	118	79,65%
Patologia Clínica	553	12092	438	115	79,20%
Nefrologia	552	12644	468	84	84,78%
Endocrinologia	547	13191	459	88	83,91%
Clínica Médica	541	13732	478	63	88,35%
Farmacologia	528	14260	369	159	69,88%
Bioquímica	523	14783	407	116	77,82%
Fisiologia	519	15302	406	113	78,22%
Reumatologia	492	15794	351	141	71,34%
Parasitologia	484	16278	290	194	59,91%
Morfologia	466	16744	336	130	72,10%
Gastroenterologia	368	17112	290	78	78,80%
Oftalmologia	335	17447	229	106	68,35%
Tocoginecologia	310	17757	249	61	80,32%
Dermatologia	302	18059	209	93	69,20%
Biofísica	279	18338	216	63	77,41%
Enfermagem	262	18600	182	80	69,46%
Ginecologia	226	18826	183	43	80,97%
Otorrinolaringologia	225	19051	181	44	80,44%
Fonoaudiologia	207	19258	114	93	53,62%
Hematologia	186	19444	133	53	71,50%
Neurocirurgia	155	19599	101	54	65,16%
Genética	154	19753	130	24	84,41%

Digitalizado gentilmente por:

Psiquiatria	152	19905	118	34	77,63%
Anatomia Patológica	142	20047	105	37	73,94%
Obstetrícia	134	20181	108	26	80,59%
Ortopedia	115	20296	87	28	75,65%
Neurofisiologia	103	20399	63	40	61,16%
Anatomia Descritiva	101	20500	53	48	52,47%
Medicina Preventiva	86	20586	75	11	87,20%
Moléstias Infecciosas	45	20631	37	8	82,22%
Cirurgia Plástica	40	20671	21	19	52,05%
Histologia	29	20700	22	7	75,86%
Laboratório Central	27	20727	20	7	74,07%
Anestesia	24	20751	22	2	91,66%
Radiologia	13	20764	11	2	84,61%
Embriologia	12	20776	11	1	91,66%
Diretoria	11	20787	11	–	100,00%
Educação Física	1	20788	1	–	100,00%
Div. Document. Divulg.	1	20789	1	–	100,00%
TOTAL	20789		16359	4430	78,69%
Sem Departamento (14%)	3380		2505	875	74,11%
TOTAL GERAL	24169		18864	–	78,05%

Tab. 5 – Total de solicitações por disciplina da EPM.

Em geral, a porcentagem de atendimento foi de aproximadamente 79%. Apenas dez disciplinas tiveram atendimento inferior a 70%, das quais somente quatro tiveram uma porcentagem relativamente baixa (abaixo de 60%): Fonoaudiologia, Parasitologia, Anatomia, Cirurgia Plástica.

7. CONCLUSÃO

Neste trabalho foram analisados, de maneira geral, os dados referentes a títulos não existentes no acervo da BIREME. A análise apresentada no diagrama, porém, pode representar o padrão de atendimento a solicitações de periódicos a nível local alcançado pela BIREME. O nível de satisfação dos usuários é de cerca de 75%.

Para o restante dos dados analisados, correspondentes a material não existente no acervo, observou-se que: são utilizados principalmente os últimos anos (60%); as solicitações feitas por usuários externos correspondem a 60% do total; os profissionais em geral, seguidos dos pós-graduandos, são os que mais utilizam a coleção (34,17% e 31,37%, respectivamente); o atendimento que vem sendo dado às disciplinas da EPM quanto à disponibilidade do material é de cerca de 78% de respostas positivas.

Análises deste tipo sempre são importantes para se conhecer a avaliar melhor o desempenho da biblioteca e definir quais os pontos que merecerão estudos mais detalhados de avaliação até que atinjam um índice satisfatório. Como afirma KANTOR, "o próximo passo não é a análise estatística das categorias (ou itens) analisados, mas a análise administrativa das políticas das atividades desenvolvidas e até mesmo de pessoal".

Para a BIREME, o presente estudo atingiu dois objetivos principais: o primeiro, foi permitir uma avaliação da avaliação

Digitalizado gentilmente por:

que se desenvolve até o momento; para o próximo ano vários itens deverão ser revistos. O segundo, obviamente, foi analisar os dados compilados com vistas à definição da política de seleção e aquisição de periódicos, da freqüência por categoria profissional de usuários e do grau de satisfação das necessidades de informação dos usuários a nível local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, M.T. – Avaliação do uso de periódico em biblioteca especializada em Saúde Pública. *Revista de Saúde Pública*, *12*:388-402, 1978.

2. BUCKLAND, M.K. – An operations research study of a variable loan and duplication policy at the University of Lancaster. *Library Quarterly*, *42*:97-106, 1972.

3. GERC, A. &BANOVIC, M. – Dynamics of book and journal use in a hospital library. In: INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDICAL LIBRARIANSHIP, 4. Belgrade, Yugoslavia, 2-5 Sept. 1980. *Proceedings*. Belgrade, 1980. v.l., p. 323-31.

4. KANTOR, P.B. – Availability analysis. *Journal of the American Society for Information Science*, *27*-(5/6):311-9, 1976.

5. LANCASTER, F.W. – *The measurement and evaluation of library services*. Washington, D.C., Information Resources Press, 1977.

6. ORR, R.H. & SCHLESS, A. – Document delivery capabilities of major biomedical libraries in 1968: results of a national survey employing standardized tests. *Bulletin of the Medical Library Association*, *60*(3):-382-422, 1972.

7. PITTERNICK, A.B. – Meaurement of journal availability in a biomedical library. *Bulletin of the Medical Library Association*, *60*(4):534-42, 1972.

8. URQUHART, J.A. & SCHOFIELD, J.L. – Measuring reader's failure at the shelf. Journal Documentation, 27(4):27386, 1971.

Digitalizado gentilmente por:

Biblioteconomia e história: uma abordagem dialética

CDU 02.930.1
CDU 020.72

*Solange Puntel Mostafa**

Esclarece sobre o conceito de historicidade na pesquisa social e principalmente na biblioteconomia, dando ênfase para dois tipos de história: história-estanque e história-processo. Aponta os erros metodológicos verificados nos estudos históricos das bibliotecas e/ou biblioteconomia vislumbrando maneiras novas de captar a essência de práticas biblioteconômicas, enquanto trabalho socialmente determinado.

INTRODUÇÃO

As idéias apresentadas nesse artigo, visam a uma complementação de algumas colocações trazidas ao 1º congresso latino-americano em Salvador, aonde propusemos um outro modelo de se pesquisar em biblioteconomia, em contraposição às correntes positivistas inspiradas no modelo comteano. Aquelas primeiras colocações davam maior ênfase nos possíveis tipos de problemas a serem pesquisados, o que foi apresentado por algumas hipóteses levantadas e menor ênfase sobre o método privilegiado para pensar aqueles problemas, uma vez que já se tinha discorrido superficialmente sobre as várias correntes existentes (9).

Como não são poucos os problemas e contradições passíveis de análise na Biblioteconomia, e enumerá-los é sempre tarefa parcial, impõe-se uma maior compreensão de ordem metodológica, base para a tarefa científica, sobre os fenômenos, fatos, serviços, ocorrências, e mecanismos da biblioteconomia.

Antes de mais nada deve-se repetir e é necessário fazê-lo enfaticamente, que

* CRB-8.899 – Professora do Curso de Mestrado em Metodologia do Ensino em Biblioteconomia – PUC CAMPINAS, SP.

Digitalizado gentilmente por:

a biblioteca, os bibliotecários, suas associações de classe, sua produção científica, seus papéis sociais têm repetidamente sido estudos dentro de uma visão fechada sobre si mesma, cuja responsabilidade pelas contradições ou pelas disfunções (para usar a terminologia funcionalista), assumem sempre um caráter individual: melhorando-se o bibliotecário, melhorar-se-á o usuário, melhorando-se o catálogo, melhorar-se-á o uso que se possa fazer dele; melhorando-se a imagem profissional, obter-se-á melhor colocação do mercado, etc.

Em todos esses projetos o raciocínio é determinístico: se A então B. Em nenhum momento, esse relacionamento causal, linear superou aquela limitação determinística propondo um tipo de raciocínio circular, que pudesse dar voltas por dentro e por fora da biblioteca, onde as portas estivessem abertas justamente para promover o livre entrar e sair, típicos e necessários num processo de pesquisa real, uma vez que a biblioteca e/ou os seus agentes não existem soltos na sociedade mas *estruturados* e *com ela constituindo* a estrutura social; nessa constituição a biblioteca troca relações com outras instituições extrínsecas a si mesma e os agentes do trabalho bibliotecário com outros agentes do trabalho social. Nesse sentido, a biblioteca é sujeito e objeto da sociedade e por isso mesmo não pode ser analisada em apenas um desses papéis. A única maneira de compreender essa *totalidade* complexa chamada biblioteca, é, como vínhamos propondo, sair da linha reta e pegar a circular. Esclarecer mais sobre o método circular é o objetivo desse trabalho.

Materialismo Histórico

Qualquer forma de trabalho humano deve ter o começo de sua análise enfocado numa perspectiva histórica e é por aí que deve passar a análise de qualquer elemento do conjunto chamado prática biblioteconômica. Afirmar a necessidade de encarar a biblioteca de forma histórica não quer absolutamente dizer vasculhar o passado atrás de fatos mortos na tentativa de buscar explicações para o presente, como se o passado fosse uma forma germinal do presente; se assim fizéssemos, ainda não teríamos saído do raciocício mecânico do tipo SE A ENTÃO B e fatalmente estaríamos anistoricizando o objeto de estudo; a história para esse tipo de pensamento é sempre coisa que ficou pra trás e resgatá-la é tarefa árdua e de valor descritivo; esse valor só assume um carácter interpretativo na medida em que ele explica o presente. Ora, explicar o presente é novamente anistoricizá-lo; mais do que explicá-lo, a História *se constitue com ele.* Isso quer dizer que não existem presente e história separados: a realidade é a própria história. A história portanto é algum *processo* que acontece aqui e agora, produzidas por nós através de contradições que criamos. Alguma coisa é histórica, porque se constitui *prática e continuamente.* Imbricado no conceito de história estão esses outros dois: o conceito de práxis e o conceito continuidade. Do grego, "praxis significa um modo de agir no qual o agente, sua ação, e o produto de sua ação são termos intrinsicamente ligados e dependentes uns dos outros, não sendo possível separá-los". O homem só se humaniza, só vira homem na prática que ele consegue "praticar" através do trabalho. O trabalho é a "condição eterna" que o homem faz para sobreviver, o que deve fazê-lo sempre e continuamente.

Essa maneira de encarar a história e/ou o real (já que realidade e história são a mesma coisa), foi a grande descoberta científica de carácter metodológico de Marx, chamado por ele de método dialético e popularizado como materialismo histórico. Todos esses conceitos filosóficos fundamentais, Marx explica

Digitalizado gentilmente por:

em diversas passagens da sua obra, quer no 1º volume d'O Capital, quer em trechos da Ideologia Alemã, quer quando discorre sobre o método n'A Introdução à Crítica da Economia Política.

No materialismo histórico, os fenômenos se apresentam aos nossos olhos de um certo jeito ou com uma certa aparência que nunca explicam ou revelam o seu conteúdo verdadeiro; esse conteúdo verdadeiro não é dado à observação e o papel da ciência é justamente buscá-lo: não basta pois descrever os fenômenos mas sobretudo decifrá-los. A descrição é parte do trabalho e serve de fio condutor para a busca da verdade. Ora, se para o mestre do positivismo (4), ciência era apenas e tão somente descobrir as relações entre os fenômenos, suas leis, sempre com a finalidade de previsão ("saber para prever, prever para prover"), para o mestre da dialética materialista, o papel da ciência não poderia jamais bastar nessa imediatez dos fenômenos, pois se assim o fizesse, toda a ciência seria inútil; a ciência para Marx não poderia jamais ficar somente no aparecer social; o papel da ciência era, isto sim, penetrar por baixo do superficial e encontrar as bases de onde os fenômenos partem, bases essas que a ideologia tem por função esconder. Descobrir os porquês dos fenômenos era para Auguste Comte um ultraje e até um estágio pré-científico, chamado de metafísico; importa apenas descrevê-los. Descrever a realidade de um ponto de vista dialético e mais ainda, descrevê-lo de um ponto de vista dialético-marxista significa penetrar o real em suas determinações: "o real é a síntese de múltiplas determinações".

No prefácio da "Contribuição à Crítica da Economia Política"(7), Marx tece algumas considerações sobre o método e a idéia central é a seguinte: ao observar o real, isola-se dele algumas categorias e procede-se a uma análise delas abstrativamente, isto é, isoladamente da situação em que se encontram, pois na situação elas formam um todo estruturado e por isso confuso de serem pensadas, para então voltar à situação e compreendê-la, agora já mediatizada por determinações várias. É por isso mesmo chamado método de retorno. A situação é ao mesmo tempo ponto de partida (é de lá que serão retiradas as categorias) e de chegada. Inicia-se o processo pelo que é mais imediato, aparente, abstrato, sinônimos que significam positividade da situação: o fato existe como algo já dado, positivo, até chegar ao mediato, ao ser, ao concreto, sinônimos que significam o processo de constituição de uma realidade.

A dialética materialista pode, por esse processo de ida e vinda, aprender a coisa dentro de uma *totalidade* concreta que não significa *todos* os fatos mas significa apreender as mediações ou contradições que determinam aquela aparência, aquela situação, tal qual a enchergamos empiricamente. Conhecer os fatos passa a ser na concepção dialética, conhecer o lugar que eles ocupam na totalidade do próprio real.

Utilizar o materialismo histórico não significa também prescindir dos dados empíricos ou da observação, mas esses dados são, a um só tempo, partida e chegada da análise. Eles exprimem alguma coisa que não está à vista. Desde que o objeto de estudo não seja teórico, a empiria ou observação é necessária mas nunca suficiente. O fato empírico é uma forma particular da realidade, início abstrato e relativo.

Biblioteconomia e História

Em biblioteconomia, a pesquisa histórica se divide em duas correntes: uma que considera o passado como uma situação pronta que necessita somente ser explicada e outra mais promissora, que considera a história como método de estudo([3, 5,8 e 10]). Na primeira corrente, os acontecimentos estão distribuídos no tempo e cabe ao investigador ordená-los, classificá-los. Shauí, ao expor a concepção revolucionária de Helgel quanto ao conceito

Digitalizado gentilmente por:

de história esclarece: "... revoluciona o conceito de história porque não pensa a história como uma sucessão contínua de fatos no tempo, pois o tempo não é uma sucessão de instantes (antes, agora, depois; passado, presente, futuro), nem é um recipiente vazio onde se alojariam os acontecimentos, mas é um movimento dotado de força interna, criador dos acontecimentos. Os acontecimentos não estão no tempo, mas são o tempo".

A maioria dos trabalhos históricos em biblioteconomia estão enfocados nessa concepção morna da história, onde o historiador não faz a história mas a descreve e bem poucos acreditam numa colocação mais ampla, a exemplo de Colson: "history, as the study of the profession's record, may assist in the development of the necessary understanding, but only in the mind of librarians who are free from the past" e ainda Reichmann citando Vleeschauwer: "library history is not merely the study of the dead past. It constitutes the actual library".

Os estudos da biblioteca histórica, quer refiram-se à história-estanque, quer refiram-se à história-processo, cometem equívocos metodológicos que precisam agora ser explicitados: *a essência supra-histórica da biblioteconomia* ou *a determinação imperiosa das condições sociais que operam sobre a mesma.* Enquanto que no primeiro caso, não há história da biblioteconomia só sendo possível captar concepções de mundo particulares de cada sociedade e em cada época, e a história da biblioteconomia passa a ser a história daquelas cosmovisões, no segundo caso, já existe a ligação biblioteca e sociedade, porém ela existe ainda de forma mecânica: a estrutura age como uma camisa-de-força e a biblioteca acaba sendo apenas um reflexo da sociedade (ou do modo de produção) onde está inserida.

Em ambas as situações perde-se de vista o aspecto dialético da prática biblioteconômica que certamente possui uma dinâmica própria, que embora subordinada às condições gerais em que opera, possui um ritmo próprio, uma especificidade de desenvolvimento, através de rupturas e reorganizações que não se explicam inteiramente por aquela subordinação. Esse aspecto dialético da prática é que necessita ser captado: na medida em que ela ajuda a estruturar a sociedade ela é sujeito, mas a estrutura volta a agir sobre ela, agora objeto, que reorganizando-se e estruturando-se novamente infra e supra-estruturalmente não se esgota como objeto dessa determinação estrutural.

A abordagem dialética dá possibilidade para a compreensão desses processos; a dificuldade de se trabalhar com ela advém do fato da quase inexistência de bibliotecários interessados, pois toda a competência bibliotecária profere um discurso batizado por Shauí de "discurso competente".

"A ciência da competência tornou-se bem-vinda, pois o saber é perigoso apenas quando é instituinte, negador e histórico. O conhecimento, isto é, a competência instituída e institucional não é um risco, pois é arma para um fantástico projeto de dominação e de intimidação social e política".

Os bibliotecários proferem assim um discurso ideológico, preocupados que estão com as técnicas de Survey e outras correlações. Esse discurso é dito aparente e abstrato não por ser falso (todas as correlações que se estabelecem sobre os fenômenos diários da biblioteca são verdadeiros) mas porque não se os remete para a totalidade concreta da qual fazem parte. Ora, o papel da ideologia é justamente este: universalizar o particular, dando-lhe a aparência de concreto, através de uma lógica que Shauí chama de "lógica da lacuna, lógica do branco." "O discurso ideológico é um discurso feito de espaços em branco, como uma frase na qual houvesse lacunas ... O discurso ideológico se sustenta, justamente, porque não pode dizer até o fim aquilo que pretende dizer. Se o disser, se

Digitalizado gentilmente por:

preencher todas as lacunas, ele se autodestrói como ideologia."(1)

Está plenamente justificada agora a cientificidade da biblioteconomia: ao ser colocada como ciência, ela é retirada da sua condição de trabalho socialmente determinado para se situar numa terra de ninguém de paisagem quase divina: a ciência da biblioteconomia ou da informação! Quer como arte, quer como ciência, a biblioteconomia se reveste de neutralidade e tem assim todas as condições de se apresentar como objeto de estudo autônomo, positivo, fixo e passível de manipulação, isto é, um objeto morto porque sem movimento e sem história, como convém à "ciência da competência."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHAUÍ Marilena. *Cultura e democracia; o discurso competente e outras falas.* São Paulo, Moderna, 1981. 220p.
2. *O que é ideologia.* São Paulo, Brasiliense, 1981. 125p.
3. COLSON, John Calvin. The writing of American library history, 1876-1976. *Library trends,* 25:7-21, july, 1976.
4. COMTE, Auguste. *Discurso sobre o espírito positivo (e outros textos)* São Paulo, Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)
5. KELLY, Thomas. Thoughts on the writing of library history. *Library History,* vol. 3, 161-169, spring, 1975.
6. KOSIK, Karel. *Dialético do concreto.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. 230p.
7. MARX, Karl. *Contribuição para a crítica da economia política.* Lisboa, Estampo, 1974.
8. MCMULLEN, Hagnes. Research in backgrounds in librarianship. *Library trends,* 6:110-119, oct., 1975.
9. MOSTAFA Solange Puntel. Desafio à pesquisa de informação latino-americana; linha temática e linha metodológica. CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1º , ANAIS, v. 1, Salvador, FEBAB, 1980.
10. REICHMANN, Felix. Historical research and library science. *Library trends,* 33(13): 31 41, 1964.

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

Um sistema alemão de programa para a gestão automatizada e integrada das bibliotecas*

CDU 025.3:007

*Mario G. Losano***

Descrição de um programa alemão para a automação de uma rede integrada de bibliotecas: o BIKAS 2, criado pela sociedade Siemens, da Alemanha, constituindo um conjunto de sub-programas coordenados entre si, com a finalidade de produzir catálogos de bibliotecas e listagens de vários tipos, tanto em volume, quanto em fichas ou microformas. Baseia-se no princípio da coleta analítica dos dados, tendo-se a possibilidade de extrair de um único registro de base (em fita magnética) uma pluralidade de levantamentos bibliográficos. Completando o BIKAS 2, o BVS (Bibliotheks--Verbundsystem) um sistema que permite coordenar entre si as atividades de várias bibliotecas, num sistema integrado; mesmo que estas bibliotecas estejam espalhadas geograficamente por um estado ou região e que seu estágio de organização seja desigual. A qualquer momento, uma determinada biblioteca poderá entrar e fazer parte da rede já em funcionamento.

As firmas construtoras de computadores eletrônicos, de modo geral, criaram recentemente, vários programas para a catalogação automatizada e para a gestão integrada dos serviços de biblioteca.

Estes programas se parecem uns com os outros, uma vez que todos buscam alcançar uma meta comum, porém divergem quanto aos métodos empregados para alcançar essas metas iguais.

De maneira geral, é aconselhável que uma biblioteca, ao desejar automatizar os seus serviços, escolha um programa já criado por uma firma construtora de computadores, deixando de lado a idéia de criar um programa próprio. Esta segunda hipótese, do ponto de vista teórico, não seria impra-

* Traduzido do italiano por Giacomina Faldoni, bibliotecária da Faculdade de Direito da USP. Mestranda do curso de Pós-graduação em Ciências da Comunicação na ECA/USP.

** Professor da Universidade Estatal de Milão.

Digitalizado gentilmente por:

ticável, mas, do ponto de vista prático, este trabalho ocuparia por demais a biblioteca que, na realidade, tem finalidades bem mais específicas a cumprir.

Por outro lado, não poderia haver uma atualização constante entre os programas criados pelas firmas construtoras e o programa criado pela biblioteca.

Um dos programas atualmente criados pela Siemens alemã, para a automação de bibliotecas, é o programa BIKAS 2.

Quando falamos do BIKAS 2 ou de outros programas de igual porte, devemos lembrar que a palavra programa significa, nesse caso, uma série de sub-programas coordenados entre si, com a finalidade de proporcionar a gestão automatizada de uma biblioteca.

O programa BIKAS 2 é um conjunto de programas que tem a finalidade de produzir catálogos de bibliotecas e listas de vários tipos, tanto em volume, como em fichas, microfichas ou microfilmes.

O programa foi criado na Alemanha, e segue, portanto, as "Regras para a Catalogação Automatizada" (RAK) e a "International Standard Bibliographic Description" (ISBD).

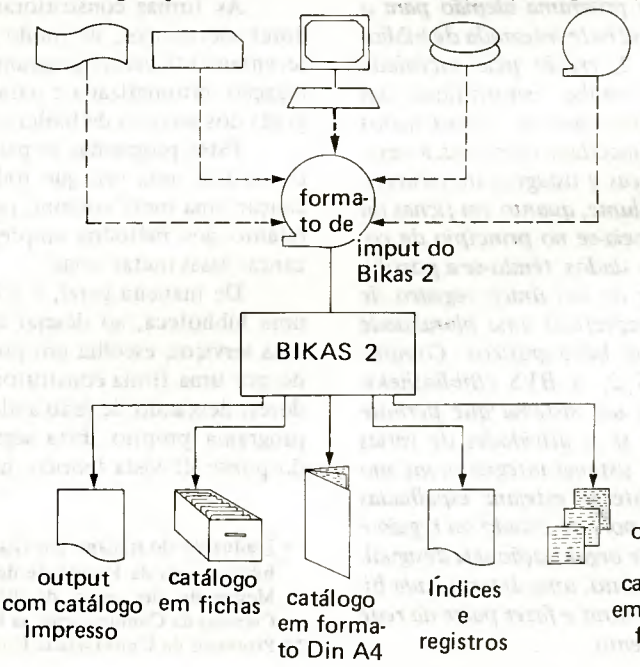
O princípio no qual se baseia o programa é o da coleta analítica dos dados. Isto é feito somente uma vez, tendo-se a possibilidade de extrair desse único registro de base, uma pluralidade de levantamentos bibliográficos.

Além disso, esse sistema permite ao usuário do BIKAS 2 utilizar também o material produzido por outras bibliotecas. Desta forma, a coordenação entre bibliotecas é facilitada, mesmo naquela fase difícil de transição da gestão individual para a gestão integrada.

O BIKAS 2 não prevê o registro dos dados bibliográficos sobre um suporte determinado: suporte pode fornecer os dados que depois são armazenados de forma seqüencial em fita magnética.

Esta fita magnética constitui o elemento básico sobre o qual opera o programa BIKAS 2 (ver figura 1).

FIG. 1



Digitalizado gentilmente por:

Pela figura, vemos claramente como os dados são provenientes de vários suportes (fita perfurada, cartão perfurado, data entry, disco magnético, fita magnética, etc.).

Depois do processamento com o BIKAS 2, são obtidos vários tipos de catálogos, através da impressora, em fichas tradicionais, em registros especiais ou em microformas.

Analisemos, agora, brevemente, as operações efetuadas pelo BIKAS 2 e, de forma especial, a codificação do material que deve ser realizada para desfrutar ao máximo as capacidades do programa.

Em outras palavras, vamos dirigir a nossa atenção para aquela parte da figura 1 que é representada pelo bloco central marcado BIKAS 2.

Dissemos anteriormente que o sistema analítico na coleta dos dados é o instrumento fundamental para poder interpretar de forma correta os dados bibliográficos registrados e para poder combiná-los, mais tarde, de várias formas, obtendo tanto os tradicionais catálogos próprios das bibliotecas, quanto os catálogos especializados que não poderiam ser produzido manualmente, uma vez que a sua organização exigiria um tempo demasiado longo.

A cada elemento bibliográfico são associados códigos de categoria e caracteres de comando. Examinemos separadamente estes dois elementos.

a) Os códigos de categoria: quando da coleta dos dados, o codificador atribui a cada elemento um código numérico de três caracteres, graças ao qual o programa reconhece a indicação que o segue como um elemento específico, que se distingue dos outros.

Por exemplo, o nome "Itália" pode designar o país de origem ou o autor; no primeiro caso, será precedido pelo código de categoria 130; no segundo caso, pelo código de categoria 210.

Para se ter uma idéia exata do grau de capacidade de recuperação do programa BIKAS 2, vejamos alguns dos códigos de categoria aceitos pelo programa, na sua versão em uso no ano de 1979.

110	nº de identificação
120	nº de tombo
130	país de origem
150	nº de chamada
170	nº de classificação
180	ISBN
190	nº de identificação da série com o nº do volume
210-290	autor (pessoa física)
310-340	autor (pessoa jurídica)
350	título
360	título principal, título original
370	língua do texto original, quando tradução
380	subtítulo
381	título paralelo
390	outras informações sobre o título
391	título quando o autor não é indicado
400	outras notas que devem aparecer no catálogo, depois do autor
410	edição
420	lista dos nºs dos volumes
430	lugar de edição
440	editor
450	ano de edição
460	nº de páginas e de ilustrações
470	título da série
480	notas bibliográficas e outras informações
481	remissivas e analíticas
451-790	dados para o catálogo de assuntos
490	notações para registros secundários no catálogo sistemático
800	preço
810	fornecedor
820	nº de chegada
950	código para obras em vários volumes

Digitalizado gentilmente por:

b) Caracteres de comando: para especificar ainda mais as categorias acima ilustradas, o programa BIKAS 2 prevê que, às 3 posições numéricas próprias dos códigos de categoria sejam associados caracteres de comando, constituídos por um único caracter alfabético. Por questões de programa, nem todos os caracteres alfabéticos podem ser atribuídos aos códigos de categoria. A tabela que segue ilustra essa combinação.

Caracter de comando	Código de categoria	Explicação
a	210,310, 350,360	Registro principal
b	210-360 510-790	Forma diferente do nome ou título referenciado. Deve seguir a forma oficial. São possíveis registros múltiplos.
h	210-340	Editor
i	210-290	Ilustrador
n	140,150,170 470,480,490, 950	Atualizações

Operando com os vários elementos individualizados de forma exata pelos códigos de categoria, combinados com os caracteres de comando, é possível desenvolver uma série de funções que têm por objetivo a manutenção do catálogo, isto é, a correção, a anulação e a modificação de dados bibliográficos já memorizados. Para essas atividades, há uma série de indicações que, porém, não podemos examinar detalhadamente. Por exemplo, se fôr preciso corrigir o texto de uma categoria que já foi registrada, deveremos recompor essa mesma categoria. Por outro lado, uma categoria que ainda não foi registrada é incerida como correção. A anulação de uma categoria já existente é feita, colocando-se dois pontos de exclamação no final do código de categoria.

É fácil compreender como a exatidão e a precisão na atribuição dos códigos e das subseqüentes correções seja fundamental para a obtenção de um registro correto. Como já dissemos, é deste único registro que serão depois extraídos todos os elementos para a formação dos vários catálogos e listas de todos os tipos. O processamento e a impressão levam em consideração as letras minúsculas e maiúsculas, além dos sinais especiais e diacríticos. Em outras palavras, o *produto final do computador apresenta as mesmas características filosóficas dos catálogos produzidos manualmente.*

Para termos um quadro das possibilidades oferecidas pelo programa BIKAS 2, vejamos quais os catálogos gerais e parciais que podem ser produzidos.

Além do *catálogo geral alfabético,* é possível fazer uma seleção com o código de categoria 170 (nº de classificação) e 490 (notações para registros secundários no catálogo sistemático). Obteremos com isso um *catálogo geral sistemático,* que pode também ser apresentado com os títulos. É possível, também, produzir um catálogo geral por assunto.

Por seleção do catálogo geral, é possível produzir *catálogos parciais* alfabéticos (por título, por autor, por instituição) e catálogos parciais por assunto (por assunto, por pessoa, por áreas geográficas, etc.).

Voltando a uma seleção sobre as categorias 170 e 490 anteriormente citadas, é possível obter catálogos parciais de uma determinada disciplina. Por exemplo, utilizando uma determinada marcação no nº de chamada, é possível obter catálogos especializados alfabético-sistemáticos, por assuntos em matérias bem determinadas, como matemática, economia, direito.

A especialização do catálogo pode desfrutar ainda mais a fundo a estrutura de um número de chamada sistemático, chegando assim a catálogos que compreendem um alto grau de especialização dentro

Digitalizado gentilmente por:

de um assunto: direito de família, técnica bancária, etc.

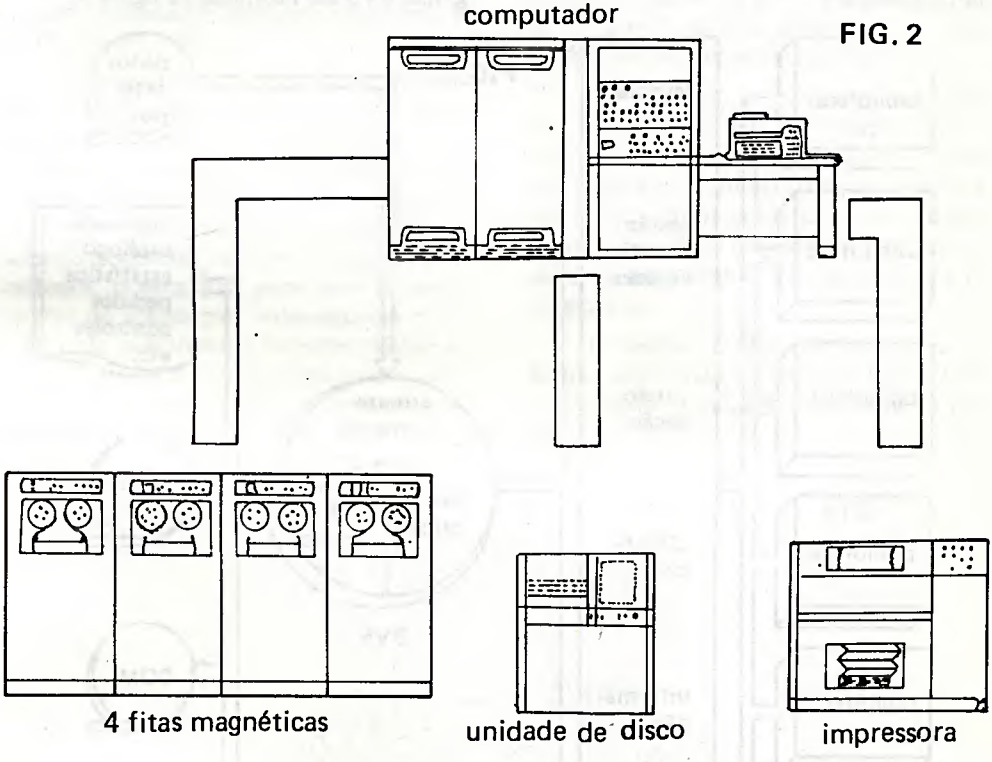
Utilizando as notações previstas na categoria 150, é possível fazer seleções positivas ou negativas sobre as notações contidas naquela categoria. Por exemplo, tendo assinalado com um determinado símbolo as teses, no campo 150, os catálogos mencionados até agora podem ser produzidos por seleção negativa. Poderemos, por exemplo, produzir um catálogo especializado em macroeconomia, excetuados as teses.

Por outro lado, é possível produzir catálogos especializados graças a uma seleção positiva: poderemos, assim, produzir um catálogo geral de teses.

Além desses catálogos, é possível produzir listas de remissivas alfabéticas e por assunto, além de índices relacionados com os catálogos sistemáticos e de assuntos.

Para desenvolver estas atividades bastante complexas, tanto na fase de armazenamento, e correção dos dados, quanto na fase de produção dos catálogos, o programa BIKAS 2 necessita de um "hard-ware" mínimo de 120k de memória, 4 fitas magnéticas, uma unidade de disco e uma impressora. (Ver figura 2).

FIG. 2



Descrevemos, até o presente momento, a automação de uma única biblioteca.

As dimensões de um centro de processamento de dados, a repetição de muitas rotinas (freqüentemente as bibliotecas de uma mesma região acabam por catalogar um porcentual elevado de livros iguais) torna necessária a criação de um conjunto de programas que permita coordenar entre si as atividades de várias bibliotecas.

É esta a função do programa BVS (Bibliotheks-Verbundsystem).

Digitalizado gentilmente por:

É tarefa deste conjunto de programas reunir várias bibliotecas num sistema integrado.

Esta operação de interligação exige que registros diferentes sejam tratados em conjunto, ao passo que o usuário individual deve ter a possibilidade de acesso a todos os dados ou a partes específicas dos mesmos, caso assim o deseje.

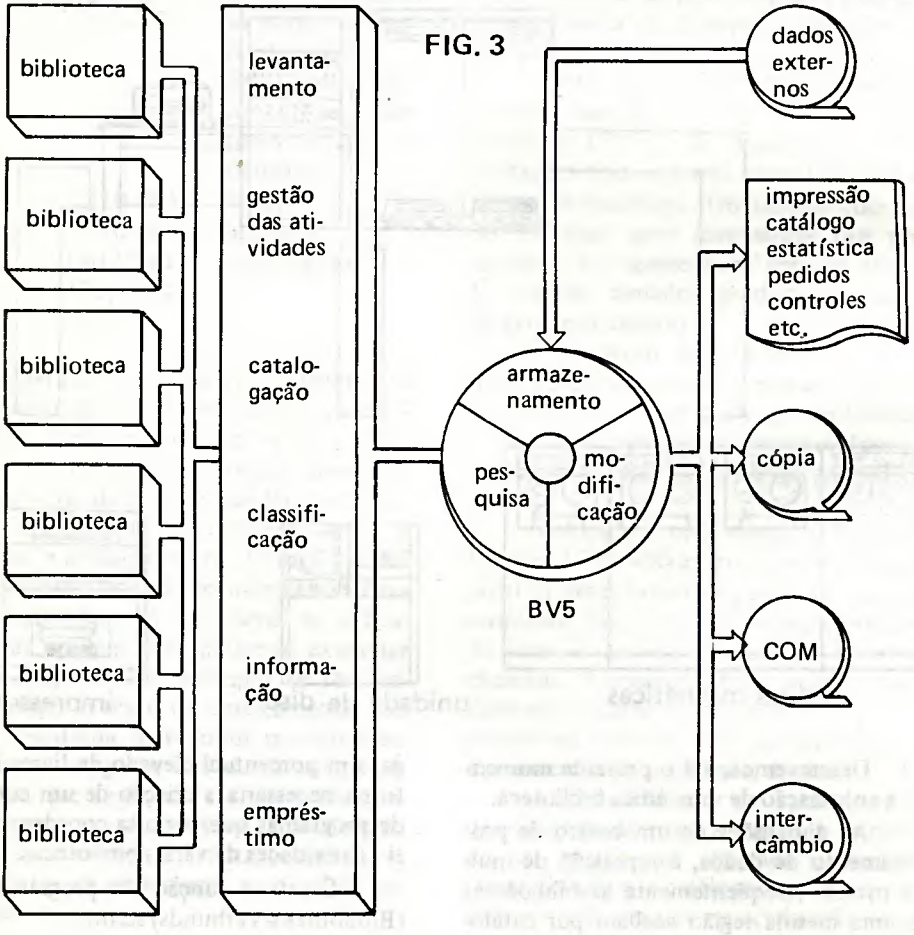
Em outras palavras, o usuário individual (a biblioteca individual) deverá ter acesso ao catálogo cumulativo da região ou ao catálogo específico de uma biblioteca (seja ela a sua própria biblioteca ou uma outra qualquer).

Este sistema para a gestão integrada de bibliotecas está estruturado de forma a poder ser ligado ao BIKAS 2 e a sistemas específicos para a gestão local do empréstimo bibliotecário.

O BVS, operando "on line" ou em "batch" produz, modifica e atua a pesquisa e a emissão de dados bibliográficos. Os dados são memorizados conforme um esquema de categorias organizado diretamente pelo usuário.

A integração entre as várias bibliotecas e as atividades desenvolvidas pelo programa BVS são ilustradas na figura 3.

FIG. 3



Digitalizado gentilmente por:

Como vemos pela figura 3, as várias bibliotecas estão ligadas a um programa que desenvolve uma série de atividades. O resultado deste programa consiste na criação de uma série de documentos impressos, de fitas para o intercâmbio com outras organizações ou de cópias destinadas aos arquivos, além de microfilmes produzidos com a técnica COM (Computer Output Microfilm).

As funções desenvolvidas pelo programa BVS destinam-se substancialmente a tornar compatíveis entre si os dados provenientes de várias bibliotecas e permite, portanto, realizar amplas economias no uso de um computador eletrônico destinado à gestão das bibliotecas.

É importante salientar que este conjunto de programas foi projetado levando-se em conta a situação real que se verifica no momento em que várias bibliotecas já existentes devem ser integradas: uma vez que nem todas as bibliotecas satisfazem as mesmas exigências, operam com os mesmos métodos, o programa prevê determinados pontos de acesso para subprogramas específicos de cada usuário, de forma tal que as várias bibliotecas possam continuar a ter a sua atividade sem precisar intervir no programa BVS.

Talvez a compreensão da estrutura deste programa seja facilitada pelo conhecimento da situação real em razão da qual resolveu-se a adoção desse sistema.

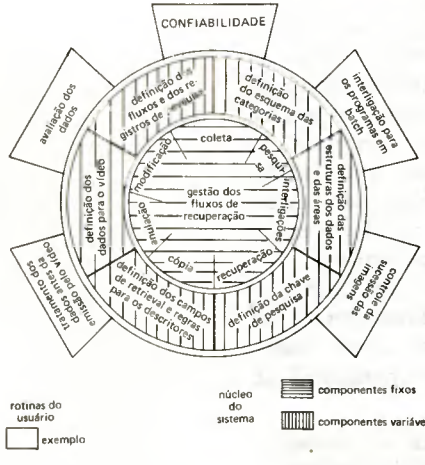
O governo federal alemão pretende integrar progressivamente as bibliotecas de seu território e, conseqüentemente, deve levar em consideração exigências biblioteconômicas diferentes, estruturas organizacionais variadas e eventuais sistemas de processamento eletrônico dos dados pertencentes a marcas diferentes de computadores.

O sistema BVS, previsto para enfrentar estas exigências, prevê em primeiro lugar o "input" de uma série de fontes diferentes, que já examinamos na figura 1.

Na figura 3, ao contrário, encontramos as várias formas de "output" que a aplicação do BVS torna possíveis. Além dos catálogos impressos (em vários formatos e com vários conteúdos) há também microformas, fitas magnéticas, etc, para facilitar o intercâmbio das informações bibliográficas.

O núcleo central do programa, indicado pelo círculo central da figura 3 deve ser agora examinado mais de perto (ver figura 4).

FIG. 4



Digitalizado gentilmente por:

Ele é composto por 3 setores bem distintos, que correspondem a 3 diferentes níveis de exigências das bibliotecas-usuário.

O centro do núcleo contém todos aqueles programas que cada usuário deve necessariamente utilizar, pelo próprio fato de ter decidido automatizar a sua biblioteca: São os programas para recuperar, corrigir, copiar, etc., os vários dados.

Sempre no núcleo, mas não de forma obrigatória, podem existir, no todo ou em parte, outros programas, indicados na coroa que circunda o programa-núcleo.

O uso de uma ou mais destas possibilidades depende tanto das exigências de cada uma das bibliotecas, quanto da capacidade do computador que cada uma emprega.

Finalmente, na parte externa do núcleo, são indicadas algumas programações ligadas a exigências específicas de uma determinada biblioteca.

Estes diferentes níveis de utilização podem também corresponder às diferentes fases de desenvolvimento da automação dentro de uma biblioteca.

O BVS, portanto, pode ser aplicado progressivamente às bibliotecas de uma região, sem que os problemas dos usuários recem-chegados interfiram no desenvolvimento das bibliotecas em fase mais adiantada de automação.

Digitalizado gentilmente por:

Catalogação de obras raras e valiosas

CDU 025.3:094

*Maria Luiza do Espírito Santo Silva**

A Seção de Catalogação da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) planejou e vem desenvolvendo um esquema próprio de catalogação para obras raras e valiosas. Como resultado de uma compilação de opiniões e atividades desenvolvidas na área, descreve-se o processo adotado para a preparação deste tipo de material.

Este trabalho é o resultado de paciente compilação de opiniões, bem como de experiências próprias. Foi, porém, motivado pela certeza da falta quase total de material para pesquisa, pelo desejo de prestar serviços e também para transmitir o mínimo conhecimento que temos, aos que se iniciam no estudo do assunto e necessitam abrir caminho, através do emaranhado de grandes e autorizados trabalhos sobre o fascinante campo das obras raras e valiosas, que realizamos o presente trabalho.

Não pretendemos apresentá-lo sem falhas técnicas ou de julgamento. Como sabemos, o conceito de raridade, sendo relativo ao tempo e ao espaço, é passível de interpretações, quanto ao equilíbrio de valores *extrínsecos* como: escrita, ilustração, encadernação; e principalmente os *intrínsecos:* bibliográficos e particularidades, que tomam as obras raras, preciosas ou curiosas, deixando portanto de ser absoluto.

Igualmente, deve-se coletar obras para figurar em nosso acervo de raridades, por compreender a utilidade ocasional desses livros, como marcos sempre vivos da linguagem, do espírito e dos hábitos

* Bibliotecária da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas.

Digitalizado gentilmente por:

de uma época. É oportuno lembrar que a maioria deles tornou-se famosa no passado, sendo proibidos por atentarem contra a moral ou por criticarem interesses de certas classes sociais, políticas ou religiosas.

São vários os exemplos de livros que em todas as épocas têm levado seus autores a tribunais, passíveis de condenações, ou a figurar no *Index librorum prohibitorum.* Porém hoje, se ainda fazem parte dos "infernos" das bibliotecas, é mais por tradição, já que se modificou o ponto de vista ético de nossos dias.

Quando deparamos com uma obra que aparenta raridade, de imediato fazemos uma análise obedecendo um código de regras, tais como:

1. Se foram impressas antes do ano de 1600;
2. Se são nacionais, anteriores ao ano de 1820;
3. Se são livros de edição limitada (300 ou menos);
4. Se são primeiras edições;
5. Se são exemplares autografados;
6. Verifica-se as capas, ilustrações, papel fino;
7. Verifica-se gravuras, retratos, etc.;
8. Se são manuscritos, etc.

Feito isso, passamos a pesquisa para o nosso instrumento de identificação de obras raras, ou seja: o Brunet e o Grasse, sendo que o primeiro se prende à produção francesa e latina ou anterior ao século XIX. É a mais célebre bibliografia geral internacional, composta de 6 volumes. Os cinco primeiros volumes, com entradas de autores e títulos, em ordem alfabética; o sexto volume inclui *Tabela metódica,* com um esquema de classificação adotada na obra. Este esquema agrupa as áreas do conhecimento humano.

Semelhante ao Brunet, aparece o Grässe. A obra é composta de seis volumes em quatro, sendo que no último volume está inserto um suplemento dc A-Z. Serve de complemento ao Brunet, destacando notadamente obras alemãs e orientais. O arranjo é alfabético, porém não apresenta índice sistemático.

Quanto à catalogação: Os dados da página de rosto, sentenças ou sílabas são transcritos por linhas separando-as por barras (/).

A letra que vem depois da barra (/) é transcrita em caixa alta, e as seguintes em caixa baixa.

Quando aparecem gravuras, ornamentos, epígrafes, fios, etc.: isto fica registrado dentro de colchetes em caixa baixa.

1. Autor, com pesquisa de nome certo:

> Coruja, Antonio Alvares Pereira, 1806-1889.

2. Em seguida: título, subtítulo e informações adicionais (colaboradores, tradutores, ilustradores, etc.).

> Coruja, Antonio Álvares Percira, 1806-1889.
> Compendio / Da / Orthographia / Da/Lingua nacional,/Pelo professor/ Antonio Álvares Pereira Coruja,/Membro do Instituto Histórico c Geographico Brasileiro, c natural da cidade de Porto-Alegrc, Capital da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul & c./

3. Os dados referentes a edição e imprenta vêm separados dos dados precedentes por três espaços e transcrito na mesma linha, se o espaço permitir.

> Coruja, Antonio Álvares Pereira, 1806-1889.
> Compendio / Da / Orthographia / Da/Lingua nacional,/Pelo professor/ Antonio Álvares Pereira Coruja,/Membro do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, e natural da cidade de Porto-Alegre, capital da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, & c./|grav.|/ Rio de Janeiro./Ty-

Digitalizado gentilmente por:

pographia Franceza/|fio|/1848.

4. A coleção é sempre transcrita nesta ordem: número de páginas, aparecendo as seções numeradas com romanos e arábicos (caso das prefaciais). Se a obra compreende mais de 1 volume, no lugar da paginação deve ser mencionado o número do volume.

Material ilustrativo. Se faz necessário diferenciar o *tipo* e *quantidade* de ilustração, tais como: fotografias, lâminas, gráficos, retratos, etc. Ex. 2 retr., 1 mapa.

Quanto ao *tamanho* determinanos a *altura* e *largura* do volume.

5. Caso haja série, é transcrita, entre parênteses, três espaços após o término da colação.

Coruja, Antonio Álvares Pereira, 1806-1889.
Compendio / Da / Ortographia/ Da/Lingua nacional,/Pelo professor/ Antonio Álvares Pereira Coruja,/Membro do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, e natural da cidade de Porto-Alegre, capital da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, & c./|grav.|/ Rio de Janeiro./Typographia Franceza/|fio|/1848.
iii, 262p. 2 fot. 21x13cm. (Série)

Informações relativas ao aspecto físico da obra podem ser evidenciados ao leitor por intermédio de uma nota. Ex.: Bastante rafado nas beiras. Até a p.42, atacado pela broca e restaurado.

Coruja, Antonio Álvares Pereira, 1806-1889.
Compendio / Da/Orthographia/ Da/Lingua nacional,/Pelo professor/ Antonio Álvares Pereira Coruja,/Membro do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, e natural da cidade de Porto-Alegre, capital da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, & c./|grav.|/ Rio de Janeiro./Typographia Franceza/|fio|/1848.
iii, 262p. 2 fot. 21x13cm. (Série)
Em bom estado de conservação. Algumas folhas amareladas e manchadas, sem sinais de broca.

Os livros raros são classificados em 090, mas quando têm assunto especializado damos uma segunda entrada.

Após breve relato de um simples estudo, este trabalho apresenta certamente lacunas, sendo quaisquer sugestões bem-vindas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNET, J.C. *Manuel de libraire et de l'amateur de livres.* 5.ed. Paris, Firmin-Dicot, 1860-1865. 6v.

FERRAZ, W. *A biblioteca.* 6.ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1972. 207p.

FIGUEIREDO, L.M. & CUNHA, L.G.C. da. *Curso de bibliografia geral.* Rio de Janeiro, Record, 1967. 144p.

GRANDE Enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro, Delta, 1970. 6v.

GRASSE, J.G.T. *Trésor des livres rares et precieux.* Dresden, Kuntzen, 1922. 7v. em 4.

LEHNUS, D.J. *Catalogação descritiva.* Brasília, VIPA, 1971. 116p.

LENTINO, N. *Classificação decimal.* São Paulo, LEIA, 1959. 295p.

PORTO ALEGRE. Biblioteca Pública. *Catálogo de obras raras ou valiosas da Biblioteca Pública do Estado.* Porto Alegre, Globo, 1972. 210p.

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

O Estudo do usuário: uma revisão de idéias *

CDU 024

Kazuko Oniki e
Vania da Silva Monteiro **

Notam-se falhas na tentativa de detectar as necessidades do usuário. A biblioteca é sub-utilizada, com o usuário relegado a um segundo plano. A relação do usuário com outros sistemas, que influencia e dos quais recebe influência, torna-se fundamental para uma compreensão do problema.

1 – INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma revisão bibliográfica sobre trabalhos nacionais concernentes a questões de usuário. Trata-se de mostrar a relação entre usuário e biblioteca, a fim de visualizar a interação dos dois elementos no sistema onde estão inseridos.

Pode-se afirmar que nos últimos anos aumentou-se consideravelmente a preocupação com o usuário através de investigações realizadas por várias instituições, cujo intuito foi descobrir qual a maneira de obtenção, processos técnicos sofridos e uso da informação científica, pelos cientistas e técnicos.

Estudos de usuários são investigações feitas para detectar as necessidades de in-

* Trabalho apresentado, em novembro de 1979, à disciplina "Referência", do 8º semestre, do curso de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP, à Profª Neusa Dias de Macedo.

** Alunas do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações c Artes da Universidade de São Paulo.

Digitalizado gentilmente por:

formações dos leitores, conseguindo assim elementos para uma análise de adequação dos serviços disponíveis e o grau de satisfação obtida.

Estes estudos são, portanto, canais de comunicação existentes entre a biblioteca e a comunidade para a qual presta serviços, uma vez que servem para detectar por quê, como e para que fins se usa a informação, e que fatores se interam nesse processo. Encorajam, ainda, os usuários a expressarem suas necessidades, ao mesmo tempo que despertam responsabilidade pelo atendimento ao usuário, por parte da fonte de informação, ou seja, a biblioteca ou seus serviços de informação. Servem também como pontos de apoio para o planejamento ou conseqüente mudança da demanda dos produtos das bibliotecas, possibilitando uma alocação de recursos necessários na devida época.

Devido ao crescimento mundial da literatura, surgiram problemas de informação em vários níveis. Para o documentalista, por exemplo, há o problema de desenvolvimento de técnicas aplicáveis ao volume sempre crescente de informação especializada que lhe cabe analisar; enquanto que, para o usuário, o problema é selecionar a informação existente.

Esse quadro gerou a criação de novas atividades que enfatizam a análise, avaliação e síntese da informação. No entanto, existem problemas quanto à sua solução efetiva, na medida em que as necessidades dos usuários ainda não são tão bem compreendidas como deveriam ser.

É importante salientar que, embora tenham sido realizados vários estudos sobre o assunto, a maioria peca por não oferecer critérios que definam as necessidades específicas de informação de um dado campo, disciplina ou ambiente organizacional. São poucas, na verdade, as investigações que dão subsídios para a compreensão das necessidades reais de informação a uma dada comunidade.

2 – BREVE HISTÓRICO

Os estudos de usuário começaram a ser enfatizados somente a partir da segunda metade da década de 1940 e foram importantes na medida em que significaram uma mudança de atitude da biblioteca em relação aos seus consulentes, tornando-se mais ativa e aperfeiçoando seus serviços.

Entre 1948 e 1970 estes estudos tiveram algumas preocupações fundamentais: determinar os documentos requeridos pelos usuários, estudar a aceitação das microformas, estudar o uso dos documentos e verificar como eles eram obtidos.

Em termos de evolução, há basicamente três períodos: no primeiro, que se situa entre 1958 e 1965, a preocupação era aferir o uso da informação pelos cientistas e engenheiros, por serem as áreas onde os problemas estavam mais aguçados e os sistemas utilizados evidenciavam mais as inadequações. Pretendia-se, então, obter resultados que levassem a um planejamento que se ajustasse aos serviços de informação com o intuito de atender às necessidades da maioria dos usuários. Os métodos mais utilizados durante este período foram questionários e entrevistas. Devida à complexidade, amplitude e diversificação de necessidades por parte dos usuários, concluiu-se que era muito difícil planejar um sistema que pudesse atender a todas suas necessidades.

No segundo período, a partir de 1965, houve uma grande diminuição de estudos amplos, sobre comunidades inteiras. Começou-se a aplicar técnicas mais sofisticadas através de observação indireta para estudar aspectos particulares do comportamento dos leitores. Surgiram também nesta época estudos utilizando métodos sociológicos para análise da transmissão não convencional da informação, que é um amplo canal de fluxo informativo entre os cientistas. Conseguiu-se obter conhecimentos mais profundos do meio de aquisição e de como a informação era utilizada. Mas estes conhecimentos tiveram pouco efeito no

Digitalizado gentilmente por:

planejamento dos sistemas, uma vez que os planejadores estavam mais voltados aos estudos de computadores e se interessavam mais pela capacidade técnica do sistema a ser implantado, do que pelas necessidades dos possíveis usuários.

No terceiro período, na década de 70, esta abordagem sociológica do problema é ainda a mais utilizada, sentindo-se a necessidade de ajustar o sistema ao usuário, o que influenciou as investigações correntes. Nesta fase também houve a descoberta da necessidade de se estudar usuários de outras áreas, como as ciências sociais e humanidades, em estudos amplos e exploratórios. Há uma tendência para estudos de caráter mais restrito nos campos de ciência e tecnologia, voltados para pesquisas de canais específicos da informação, no âmbito do usuário, ou para o esclarecimento de problemas observados num sistema particular.

Em relação à Biblioteconomia, estes estudos são muito importantes na medida em que servem de subsídio para guiar a política de seleção de uma biblioteca, visando ao interesse dos usuários; ajudam a dinamizar o processo de aquisição, com a busca de publicações de difícil obtenção; possibilitam a organização da biblioteca, desde a construção de edifícios até à linha e profundidade de serviços a serem oferecidos. Adquirem uma importância especial quando se prestam para apontar diretrizes para o serviço de referência e disseminação da informação sob todas as formas.

3 – MÉTODOS DE APLICAÇÃO DE ESTUDOS DE USUÁRIO

Os estudos de usuário eram feitos *a priori* a partir de levantamentos de dados no tocante a preferências de leitores, passando a serem utilizados métodos de pesquisa social, tais como os métodos diretos de observação e os indiretos, com análises bibliométricas.

Principais técnicas:

a) *Questionários* – o questionário é aplicado contendo perguntas abertas ou fechadas, ou pelas duas formas simultaneamente. As respostas são tabuladas e analisadas estatisticamente. Esse método pode ser aplicado pessoalmente ou enviado pelo correio. Para a obtenção de informações e coleta de dados de grande número de pessoas é a técnica mais recomendada. Também apresenta suas falhas; uma das desvantagens sentidas é a escassez da quantidade de respostas recebidas, principalmente se enviadas pelo correio. Para determinar o nível de compreensão da pergunta e o grau de sinceridade da resposta, são encontrados grandes empecilhos já que a resposta está condicionada a fatores emocionais tais como: desejo de prestígio, nível, qualificações do informante, etc. Em outras palavras, as respostas não são tão honestas quanto as esperadas e desejadas, pois o entrevistado não consegue emitir opiniões sinceras e imparciais, pelos motivos acima citados.

b) *Entrevistas* – podem ser estruturadas, não estruturadas ou gravadas em fita. Por intermédio desta técnica se consegue uma amostragem melhor, pois as perguntas apresentadas por um entrevistador previamente preparado, obterão respostas diretas e mais completas. De preferência, o nível de preparação dos entrevistados deve ser universitário.

c) *Observação Direta* – é dispendido muito mais tempo e esforço por parte do investigador, sendo que uma das vantagens deste método é não depender da memória do usuário. A observação direta oferece duas opções de aplicação: pode ser feita pelo observador ou filmada para tela de um vídeo.

d) *Estudos de Caso* – consiste em solicitar do usuário, objeto do estudo, um registro de todos os seus atos, com o fim de obter informações durante um certo período. É recomendável que este período

Digitalizado gentilmente por:

não ultrapasse de dez a quinze dias. Em grandes grupos, torna-se difícil a aplicação desta técnica. Outra dificuldade sentida provém do próprio entrevistado, que nem sempre consente ou tem disposição em fazer este diário, ou algumas vezes não continua o registro até o final do período solicitado. Deve-se levar em conta o fator emocional citado anteriormente. Este método é recomendado para ser aplicado em estudos locais de necessidades de informação.

e) *Análise dos Registros Existentes* – para os estudos de usuário, esta técnica é desaconselhada e goza de total descrédito, visto que é baseada na quantidade e não no uso efetivo da informação.

Um procedimento aconselhável para conseguir detectar necessidades de usuários seria a implantação de um registro permanente de observações, queixas e sugestões. Deve ser registrada a freqüência e a intensidade das reclamações para a avaliação do grau de insatisfação existente. Esse registro, se implantado com seriedade e precisão, torna-se um meio importante para identificar áreas de insatisfação e detectar falhas no sistema em vigência.

4 – LIMITAÇÕES DOS ESTUDOS DE USUÁRIO

Pode-se considerar, de um modo geral, que a metodologia aplicada a estudos de usuário é deficiente, pois o resultado normalmente é uma massa de dados mal interpretados, coletado através de amostragens inadequadas, com o emprego de métodos que não têm validade e que são de baixa confiabilidade, quase sempre com base num planejamento mal concebido.

Para Nice Figueiredo[5], os estudos de usuário apresentam uma série de limitações, algumas das quais serão apresentadas a seguir.

A finalidade desses estudos seria, acima de tudo, alcançar aplicações práticas de acordo com os interesses e expectativas dos usuários de um determinado centro informativo, fornecendo respostas lógicas, passíveis de interpretação quantitativa às questões formuladas, mas normalmente esbarradas com problemas metodológicos, tais como:

a) contradição entre os dados coletados por questionários e os observados de maneira indireta;
b) falta de definições das populações analisadas e/ou que envolvem amostragens não comparáveis;
c) falta de conhecimento dos usuários em relação aos serviços e produtos que lhes seriam de utilidade e o fato deles solicitarem do sistema aquilo que julgam que lhes possa oferecer e não aquilo que realmente necessitam;
d) dificuldades com os métodos de observação direta e os de registro diário. O primeiro ponto a se destacar é a sobrecarga de trabalho lançado sobre o indivíduo observado e o segundo é a natural mudança de comportamento deste quando se vê observado. Neste sentido, a validade deste método é perdida num estudo científico, pois não se tem consistência na manutenção dos diários e a observação direta implica, muito provavelmente, numa mudança de atitude.

Atualmente há uma nova tendência: a investigação sobre o efeito da informação, tentando descobrir-se o papel ou a contribuição da informação para a inovação, para a criação ou para os trabalhos em andamento. Isto em função da necessidade sempre crescente de se justificar os sistemas de informação sob o ponto de vista custo-benefício, pois não há relação entre a obtenção da informação e/ou o uso feito dela.

Outro problema existente é de ordem extremamente prática: o efeito produzido pelos sofisticados sistemas postos à disposição dos usuários, nas diversas áreas do conhecimento humano.

Digitalizado gentilmente por:

Um outro ponto ainda, que está muito ligado a críticas em relação aos estudos de usuário em geral, é o da possibilidade de se estabelecer as necessidades de informação deste, refletidas apenas pela análise, da busca a um documento, uma vez que muitos destes estudos preocuparam-se apenas em medir esta demanda para um documento, e não verdadeiramente as carências de informação dos leitores. De um modo geral, os estudos de usuário se limitaram ao levantamento do primeiro estágio da pesquisa: a demanda pela informação, mas muito pouco é sabido sobre o uso que o pesquisador faz da informação, uma vez obtida, na forma de um documento, de uma conversa, etc.

5 – DESCOBERTAS PROVENIENTES DE ESTUDOS DE USUÁRIO

Apesar de todos os problemas levantados, os estudos de usuário têm chegado a algumas descobertas. Uma delas está ligada ao fato de o cientista e o técnico normalmente consultarem várias fontes antes de chegarem à biblioteca. Uma das razões da não utilização da biblioteca é o desconhecimento de centros ou bibliotecas voltados para o seu interesse. Há os que têm conhecimento dos serviços, mas não têm noção do ponto de acesso ou do benefício potencial dos mesmos; outros não exploram de maneira extensiva os serviços, por não conhecerem a capacidade do sistema.

Outra descoberta é que os serviços de informação são basicamente procurados mais pelo seu acesso físico do que por conter a informação que possa vir a ser útil ao usuário. A distância geográfica e o acesso fácil têm importância fundamental ao uso ou não do centro informativo.

Com estes estudos foram estabelecidos também os fatos que levam os cientistas a procurar informação, ou seja:

a) atualização periódica;
b) solução de um problema de momento;
c) levantamento bibliográfico retrospectivo;
d) revisão de um conhecimento;
e) informação sobre outras áreas.

Foram constatadas outras variáveis que podem motivar o uso de bibliotecas, como a qualificação e a função do indivíduo na organização, o tamanho desta, local de emprego, etc. Foram identificados diversos canais de informação para a área de ciência e tecnologia: periódicos, serviços de índices e resumos, artigos de revisão, citações, livros, relatórios, catálogos comerciais, colegas, fornecedores, clientes, anúncios, consultores, sendo estes canais classificados em formais ou escritos, ou informais ou orais.

Outros três fatores descobertos foram: grande dependência em relação a um número relativamente pequeno numa área; obsolescência, a partir de 3 a 5 anos para a coleção científica/tecnológica; a língua inglesa é de uso generalizado, e o material em outra língua é pouco utilizado.

6 – INTERAÇÃO USUÁRIO/ SISTEMA

Chama-se atenção, agora, para um ponto de fundamental importância, que talvez devesse ser melhor refletido por todos aqueles que lidam com usuários. Apesar dos vários estudos, até agora não se conseguiu o devido equilíbrio entre os esforços devotados ao desenvolvimento de sistemas e os instrumentos de informação e documentação científica, bem como entre aqueles voltados para o estudo de como o homem, em suas várias tarefas, reage aos sistemas de informação.

Um serviço de informação não deve ser visto como algo espetacular, que sirva simplesmente para ostentação, mas sim como parte integrante da vida da organização, no mesmo nível em que a própria informação é parte integrante da vida do indivíduo.

Digitalizado gentilmente por:

Neste sentido é que se deve considerar o usuário não um mero dado numérico na performance do sistema, mas ao contrário, a razão fundamental do próprio sistema. Ao estudá-lo, deve-se considerar seu *background,* motivação, orientação profissional, dentro do sistema social, político, econômico que o afetam tanto individual como profissionalmente.

Os estudos de usuário, suas atitudes, preferências, necessidades, enfim, o seu comportamento na organização à qual pertence, deve vincular-se à sua atuação pessoal nos vários sistemas sociais em que está interagindo, como indivíduo e personagem de vários grupos sociais que influencia e recebe influência. Não se pode separar a personalidade do usuário e seus condicionamentos, de sua atuação profissional e de suas preferências pessoais.

A maioria dos estudos não considera o comportamento do homem nas organizações e instituições, ignorando o caráter psicológico de tais agrupamentos, sem considerar que no mundo de hoje as pessoas passam grande parte de seu tempo em organizações e ambientes institucionais.

A aplicação produtiva da teoria dos sistemas consiste em visualizar a organização como parte de um sistema mais amplo, ou super-sistema e fazendo parte integrante dele. Assim como não se pode aplicar a teoria dos sistemas considerando-se o serviço de informação/biblioteca como uma unidade estática isolada, também não se pode reduzir a psicologia do usuário à consideração do homem com parte integrante de um mundo dinâmico e envolvente.

Não é adequado interpretar os dados sobre necessidade e uso da informação sem considerar os vários sistemas que afetam cada aspecto do trabalho do cientista/tecnólogo.

Para aperfeiçoamento da transferência de informações é fundamental compreender os vários sistemas que afetam o usuário, formando um conjunto de círculos quase concêntricos, considerando-o em relação:

a) à sua cultura;
b) ao sistema político;
c) ao grupo do qual faz parte;
d) ao grupo de referência;
e) ao colégio invisível;
f) à organização formal;
g) à equipe de trabalho;
h) a ele mesmo;
i) ao sistema legal econômico;
j) ao sistema convencional de informação.

Uma conceitualização superficial pode implicar na consideração dos seguintes fatores:

1 - completa discriminação nas fontes de informação disponíveis;
2 - usos que serão feitos da informação;
3 - background, motivação, orientação profissional e outras caracteríisticas individuais do usuário;
4 - sistemas social, político, econômico e outros que afetam profundamente o usuário e seu trabalho;
5 - as conseqüências do uso da informação como, por exemplo, a produtividade.

Para tratar desses cinco fatores de uma só vez, deve-se eleger uma equipe interdisciplinar, na qual entrem cientistas da informação e bibliotecários, psicólogos, sociólogos, economistas, engenheiros e outros profissionais que poderiam contribuir com seu conhecimento, de maneira direta ou indireta, para uma melhor compreensão do usuário.

Neste contexto, está-se iniciando um movimento em direção a uma Psicologia Social que se interessa pela estrutura social, por intermédio da teoria do sistema aberto, devendo-se ressaltar que esta abordagem não está amplamente desenvolvida.

7 — BIBLIOTECAS

Terminando esta revisão de idéias, uma atenção especial deve ser dirigida às bibliotecas públicas, para cujos usuários praticamente inexistem estudos no Brasil.

Digitalizado gentilmente por:

Para um mais amplo entendimento dos estudos de usuário de uma biblioteca pública seria interessante ter-se um quadro geral da atuação desta no Brasil, como bem o define Maria Lúcia Andrade Garcia[6] no seu artigo "O leitor e a biblioteca pública".

Um dos problemas mais sentidos em bibliotecas públicas é a falta de consciência de sua função como meios ou canais de distribuição de leitura, ou seja, sua própria função social, que nem sempre é levada em consideração pelos bibliotecários, que normalmente superestimam as tarefas administrativas como fim em si mesmas, menosprezando as necessidades de leitura dos indivíduos. Esse problema é sentido particularmente com as bibliotecas públicas pelo fato delas servirem a uma população hetereogênea e rotativa e a grupos sociais diferentes, com diversificadas motivações e tendências para a leitura.

No Brasil, em particular, devido ao número exíguo de bibliotecas públicas, a quantidade de pessoas que a procuram pode dar a idéia errônea de que estão funcionando bem, atingindo suas finalidades. Têm-se uma outra visão da realidade quando se analisa, por exemplo, os recursos bibliográficos disponíveis, que não são utilizados e as pessoas que podem usá-los e não usam, ou quando se identifica que muitas pessoas procuram materiais não raros e não os encontram, ou, ainda, quando se compreende que os acervos são mais impostos do que compostos, de acordo com as necessidades específicas dos leitores. Seria interessante considerar essas questões quando se pretende criar bibliotecas e salas de leitura públicas, procurando obter um conhecimento dos tipos de públicos a serem servidos e em que escala de prioridade.

Para se conhecer este público, deve-se considerar que os membros de uma sociedade ou comunidade não têm o mesmo domínio da leitura ou do hábito de ler, pois além de problemas de capacidade física ou educacional, há fatores ligados à estrutura sócio-econômica da comunidade bem como os modelos de comportamento instituídos, que estabelecem maior ou menor probabilidade para a leitura.

Uma segunda consideração a ser feita é sobre a motivação para a leitura. Pode ser entendida como uma combinação de interesse com vontade, que supostamente leva a ação dos indivíduos em determinada direção.

Outro fator importante é fazer a distinção entre "leitor em geral" e "leitor usuário de uma biblioteca". O primeiro pode ser entendido como "todo indivíduo que domina a técnica da leitura, inclusive a compreensão do texto e que apresenta ou não certa regularidade no ato de ler"[6] (p. 188). Considerando-se uma escala de leitura, poder-se-ia fazer a seguinte discriminação: indivíduos que lêem, com compreensão do que lêem; os que lêem, com compreensão do que lêem, mas o fazem espaçadamente e aqueles que lêem, possuem compreensão, e o fazem constantemente.

"O atendimento de quaisquer das categorias e grupos mencionados deve ser cuidadosamente planejado, precedido de um levantamento das necessidades de leitura, das dificuldades de acesso a outros meios de informação e leitura, dos recursos da biblioteca e das possibilidades de colaboração com a comunidade, dentro de uma escala de prioridade"[6] (p. 196).

Levando-se em conta todos estes fatores tem-se um quadro de referência para situar o leitor e discutir as possibilidades da biblioteca pública determinar suas categorias de leitores preferenciais, podendo assim definir melhor o objeto de seus serviços, tendo-se uma idéia mais clara da chamada população que atende.

Somente sendo capaz de diagnosticar seus públicos potenciais, transformando-os em públicos reais, a biblioteca pública estará cumprindo a sua finalidade social básica, que é a de integrar, através da leitura e da informação, os indivíduos à sua comunidade, à sociedade e ao tempo em que vivem.

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

Relações Públicas segundo sua bibliografia

CDU 659.4 (048.1)

*C. Teobaldo de Andrade**

Historia a evolução das Relações Públicas desde 1940, década em que se posicionou como disciplina e como curso, até a década de 70, através das publicações sobre o assunto, em diversos países da América e da Europa

Os primeiros livros específicos de Relações Públicas apareceram na década de 40. Um dos primeiros tinha o título "Carreiras em Relações Públicas"[1], o que já demonstrava o interesse por uma atividade nova em busca da posição de profissão. Esse livro, que surgiu nos Estados Unidos, foi seguido por um artigo intitulado "Relações Públicas, uma Profissão à Procura de Profissionais" (1946), publicado na revista "Public Opinion Quarterly"[2] e que alcançou sensível repercussão na área de R.P. Interessante observar que, no ano seguinte, aparecia a primeira escola de Relações Públicas na Universidade de Boston (EE.UU.). Pode-se inferir que as Relações Públicas, desde a década de 40, encaminhava-se para o caminho correto, isto é, a formação escolar, pois nos Estados Unidos, nas Faculdades de Jornalismo e de Administração de Negócios, surgia a disciplina Relações Públicas e algumas vezes o próprio curso de Relações Públicas.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito a vários livros publicados na década de 40, ainda na nação norte-americana, com os seguintes títulos: "Relações Públicas para Igrejas"[3], "Relações Públicas para Escolas Femininas"[4] e "Relações Públicas na Guerra e na Paz"[5], o que ca-

* Conselheiro Consultivo da FIARP.

Digitalizado gentilmente por:

racterizava uma preocupação no sentido de posicionar Relações Públicas a serviço de instituições perante os problemas da época.

No campo dos negócios, apareceram nos Estados Unidos os livros: "Relações Públicas para os Varejistas"[6], "Você e o seu Público"[7] e "Relatórios Anuais para os Investidores"[8].

Na França, no final dessa década, era editado o primeiro livro de Relações Públicas, de autoria de Lule Dejardin, sob o título "O Que São as Relações Públicas"[9].

Somente em 1949, no Brasil, aparecem dois opúsculos editados pelo Instituto de Administração da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo[10], em conseqüência de uma série de conferências realizadas sobre Relações Públicas e sua correlação com a propaganda e Ciências Sociais. O tema mais discutido nessas palestras foi a pesquisa de opinião pública.

Em 1942, a Revista do Serviço Público publicava um artigo intitulado "Relações da Administração com o Público"[11], que pode ser considerado o marco inicial no Brasil do estudo e aplicação de Relações Públicas na área governamental federal. Essa mesma revista, editada pelo DASP, publicava em 1949 um artigo: "Curso de Relações com o Público"[12], que culminou com a efetivação de um curso com essa denominação três meses depois.

DÉCADA DE 1950

Se nos dez anos anteriores falava-se de uma atividade à procura de profissionais e apareciam os primeiros cursos, nessa década a formação acadêmica ganhava novo impulso, principalmente em razão da publicação de um artigo de Earl Newson, no "PR Journal", em 1951, sob o título: "Nós Não Sabemos O Suficiente"[13]. E a discussão acerca da formação universitária crescia, quando naquele mesmo periódico, três anos depois, Raymond Simon escreveu um artigo: "Eles Aprendem Relações Públicas no Trabalho"[14]. Em resposta, Horward Stephenson, ainda no "PR Journal", em 1957, disse: "Podem as Relações Públicas ser Ensinadas nas Escolas"[15].

No início dessa década, o livro do inglês J.A.R. Pimlott, denominado "Relações Públicas na Democracia Americana"[16], editado nos Estados Unidos, faz severas críticas às Relações Públicas na nação norte-americana, por seu caráter ingênuo que se aproximava das artes de magia. Em 1959, é editado nos Estados Unidos o livro "Os Mercadores de Imagens: O Fabuloso Mundo das Relações Públicas"[17], que segundo os maiores estudiosos atrasou o desenvolvimento das Relações Públicas, em terra norte-americana, por dez longos anos.

Foi nessa década que apareceu a primeira especialização de Relações Públicas dirigida para a atividade escolar, com o livro "Relações Públicas na Educação"[18], seguindo-se o livro "Relações Públicas Escolares"[19] e "Relações Públicas para Professores"[20].

A meta de Relações Públicas, proposta por Edward Bernays, da identificação do interesse privado com o interesse social, volta a ser discutida, em 1955, como o fora na segunda década do atual século, em face do novo livro de Bernays, intitulado "A Engenharia do Consentimento"[21].

Na Bélgica, em 1959, é editado pelo Centro Belga de Relações Públicas uma obra de 235 páginas, sob o título "Relações Públicas a Serviço do Progresso Social"[22], enquanto na França, nessa década, aparecia o livro de Lucien Matrat e Alec Carin, intitulado "Relações Públicas: Motor de Produtividade"[23].

Por outro lado, nos Estados Unidos, notava-se a preocupação com a aplicação de Relações Públicas no Governo, que culmina em 1952, com o aparecimento de um manual, editado pelo Departamento de Serviço Civil, denominado "Relações Públicas para o Pessoal do Governo"[24], que abarcava duas partes: 1ª – O papel

Digitalizado gentilmente por:

de Relações Públicas. 2ª – Algumas Técnicas de Relações Públicas.

No Brasil, o Prof. Mário Wagner Vieira da Cunha do Instituto de Administração (USP) publica em 1951 um opúsculo "Administração de Negócios e os Serviços de Relações Públicas"[25], para, em 1954, a Escola Brasileira de Administração Pública iniciar a publicação de uma série de cadernos sobre Administração Pública e o primeiro opúsculo foi "Relações Públicas, Divulgação e Publicidade"[26]. No então Ministério da Guerra em 1958, surgia o primeiro manual de R.P. na esfera militar, debaixo do título "Relações Públicas no Exército"[27]. Nesse mesmo ano, era publicada no Estado de São Paulo uma monografia, sob o título: "Programa de Relações Públicas para o Serviço Público Paulista"[28].

DÉCADA DE 1960

Foi nessa época que nova especialização apareceu nos Estados Unidos: "Relações Públicas Financeiras"[29], em razão da publicação desse livro de Oscar Beveridge. É válido notar que o primeiro livro de Relações Públicas editado nos Estados Unidos, em 1939, de autoria de Alden B. Mills, intitulado "Relações Públicas em Hospitais"[30], já era indicativo da aplicação de Relações Públicas num campo específico. Trinta anos após, o mesmo tema é focalizado, desta vez por H. Kurtz no manual "Relações Públicas para Hospitais"[31].

Nessa década, na America Latina, ainda se discutia o que eram Relações Públicas, assim Andrés Samper Gneco editava seu livro (1963) em Bogotá (Colômbia), com o título: "Relações Públicas: O Que São e Para Que Servem"[32] e Jorge Saruba, um publicitário, solicitava um lugar para as Relações Públicas, com a sua obra: "Relações Públicas Pedem a Palavra"[33], enquanto Lorenzo Blanco, ainda na Argentina, escrevia um opúsculo: "Algumas Considerações sobre o Porquê das Relações Públicas"[34]. No Brasil, aparecia o primeiro livro nacional: "Para Entender Relações Públicas"[35].

A primeira obra sobre R.P. governamentais é editada em 1968, na Argentina, a de Luiz Gargantini[36], podendo-se dizer que a produção editorial de livros de Relações Públicas, naquele país irmão, alcançou nessa década a cifra de nove livros, o que corresponde à metade de todos os livros argentinos de Relações Públicas editados, até 1979, na Argentina.

Na Venezuela, Arnaldo Sehwerert publicava dois opúsculos: "As Relações Humanas e as Relações Públicas na Administração Municipal"[37] e "As Relações Públicas e os Direitos Humanos"[38], para no final da década aparecer o primeiro livro venezuelano de Relações Públicas de autoria de Juan Merchán López, intitulado "Técnicas Magistrais de Relações Públicas"[39]. No Chile, Carlos Aracena escrevia o livro "Relações Públicas em Ação"[40].

No Brasil, somente quatro livros foram publicados nesse período: além do já mencionado, mais "Relações Humanas, Liderança e Relações Públicas"[41], "Relações Públicas: Filosofia e Profissão"[42] e "Relações Públicas nas Empresas Modernas"[43], este último editado em Portugal.

Existiu, no Rio de Janeiro, nessa década de 60, a "Revista Brasileira de Relações Públicas"[44], da qual,entre dezenas de artigos publicados, destacamos os seguintes: "Homem de R.P. sob Fogo Cerrado", "Uma Experiência Bem Sucedida", "Qual o Futuro de R.P.?", "A Comédia dos Erros", "É Tempo de Acordar", "O Que um Técnico de R.P. Pode Fazer pela Empresa", "Necessidade de Lutar para Salvar Relações Públicas". Eis uma síntese das Relações Públicas, no Brasil, nessa década, com os acertos e as desconfianças, o otimismo e o pessimismo, tudo próprio de uma atividade nova.

Digitalizado gentilmente por:

DÉCADA DE 1970

A bibliografia destes anos inicia-se voltada para a prática de Relações Públicas. Sam Black lança, na Inglaterra, a terceira edição do seu livro "Relações Públicas Práticas"[45], o que é um fato pouco comum na literatura de R.P., enquanto Roy Blumental edita, nos Estados Unidos, a sua obra "A Prática de Relações Públicas"[46] e na Espanha aparecia a tradução espanhola do livro "Practical Public Relations", de William A.Nielander[47].

Deve-se salientar, nesta década, o aparecimento do livro de Humberto López: "O Ensino de Relações Públicas"[48], editado pela CIPERP, em 1971. Também merece menção o livro de Abelardo Burgos: "O Policial, a Polícia e as Relações Públicas"[49], editado no Paraguai. Ainda nesse País, o estudioso Hector Oxilia publicava sua obra "A Função de Relações Públicas nas Forças Armadas"[50].

Outro fato notável desse período foi, inegavelmente, o livro "O Destino de Relações Públicas", obra internacional realizada graças à iniciativa de Paul Dumont-Frenette, que contou com a colaboração de quinze estudiosos de Relações Públicas dos seguintes países: Argentina, Brasil, Canadá, Colômbia, Bélgica, Estados Unidos, França, Espanha e Itália[51].

Roman Peres Senac, no Uruguai, publica nesta década quase dez artigos, focalizando Relações Públicas em várias áreas, inclusive nos setores educacional e agrário[52].

Apenas se iniciava esta década, quando Hugh Culbertson, em artigo no "Public Relations Quarterly"[53], perguntava: "Está o termo imagem realmente morto?". Provavelmente, a palavra "imagem" estava morta nos Estados Unidos, como o próprio articulista acabava por concluir, mas em outros países ainda se falava muito da imagem institucional, imagem corporativa e que Relações Públicas era projetar a imagem da empresa! Não obstante, na terra ianque, em 1975, no "PR Journal"[54], aparecia o artigo intitulado "A Pobre Imagem dos Fazedores de Imagens".

Na Espanha, em 1977, Fernando Lozano escrevia em sua revista um artigo "Relações Públicas: Para Quê? Quê? Por Quê?", para em 1979 publicar a segunda edição do seu livro "Manual de Relações Públicas"[55] com as respostas.

Começa a consolidar-se a fase de Relações Públicas como Auditoria Social, que teve seus seguidores no Brasil nas figuras de Ney Peixoto do Vale e Roberto Porto Simões. Na revista da IPRA surge o artigo "Contribuição de Relações Públicas para a Auditoria Social"[56], de autoria de Pierre-Jean Linon.

A revista "R.P. em Revista", com a orientação de Sara Ramalho e Yvonildo de Souza, iniciada em 1971, após nove fecundos anos de atividade editorial na área de Relações Públicas, é obrigada a fechar suas portas em dezembro de 1979.

No Brasil, nesta década, publicam-se diversos livros: "Psico-Sociologia das Relações Públicas"[57], "Dicionário Profissional de Relações Públicas"[58], "Usos e Abusos de Relações Públicas"[59], "Comunicação Social e Relações Públicas"[60], entre outros, além de três teses a nível de doutoramento e duas dissertações de mestrado[61]

E a pergunta feita por Ray Eldon Hierbert, no "PR Journal", edição de setembro de 1970, por meio do artigo "Estão os Professores Adaptando-se à Profissão ou a Profissão está Adaptando-se aos Professores?"[62] continuava sem resposta.

NOTAS

1) Averell Broughton. Careers in Public Relations, New York, E.P. Dutton Glo., 1943, 255 p.

Digitalizado gentilmente por:

2) Stephan Fitzgerald. Public Relations: A Profession in Search of Professionals, Princeton, Public Opinion Quarterly, vol.10, Summer, 1946.
3) Stewart Harral. Public Relations for Churches, Nashville, Abingdon-Cokesburg Press, 1945, 136 p.
4) Harold E. Gibson. Public Relations in college for Women, Jacksonville, Mid-West Publishing Co., 1948, 239 p.
5) Rex Francis Harlow. Public Relations in War and Peace, New York, Harper & Bros., 1942.
6) Tom Mahoney e Rita Hession. Public Relations for Retailers, New York, Mcmillan Co., 1949, 248 p.
7) Verne E. Burnett. You and Your Public, New York, Harper & Bros., 1947, 205 p.
8) Norman Loyall Mc Laren. Annual Reports for Stockholders, New York, Ronald, 1947, 364 p.
9) Lulé F. Dejardin. Que Son les Relations Publiques, Paris, Editions de Plas, 1949.
10) João da Costa Doria. "Public Relations", Uma Nova Técnica de Propaganda, Publicação Avulsa nº 49 – Auricélio G. de Oliveira Penteado. Relações Públicas e as Pesquisas de Opinião Pública, Publicação Avulsa nº 65.
11) Newton Correia Ramalho. Relações de Administração com o Público, Rio de Janeiro, Revista do Serviço Público, jun. 1942.
12) Diógenes Bittencourt Monteiro. Curso de Relações com o Público, Rio de Janeiro, Revista do Serviço Público, maio 1949.
13) Earl Newson. "We Don't Know Enough", New York, PR Journal, jan. 1951.
14) Raymond Simon. They Learn PR on the Job, New York, PR Journal, ago. 1954.
15) Howard Stephenson. Can Public Relations Be Taught in Schools, New York, PR Journal, mar. 1957.
16) J.A.R. Pimlott. Public Relations and American Democracy, Princeton, Princeton University Press, 1951, 265 p.
17) Irwin Ross. The Image Merchants: The Fabulous World of Public Relations, New York, Doubleady, 1959, 288 p.
18) Clifford Brownell, Leo Gans e Tufie Maroon. Public Relations in Education, New York, Mc Graw-Hill, Book Co., 1955, 249 p.
19) Leslie W Kindred. School Public Relations, New York, Prentice-Hall, 1957.
20) Doyle M. Bortner. Public Relations. for Teachers, New York, Simmons Boardman Publishing Co., 1959, 166 p.
21) Edward L. Bernays, The Engineering of Consent, Oklahoma, University of Oklahoma Press, 1955, 236 p.
22) Belge Centre des Public Relations. Public Relations in the Service of Social Progress, Bruxelles, Ed. Centre Belge des Public Relations, 1959, 235 p.
23) Lucien Matrat e Alec Carin. Les Public Relations, Moteur de Productivité, Paris, Elzevir, 1951, 197 p.
24) Civil Service Assembly. Public Relations for Governments Employees, Chicago, Civil Service Assembly, 1952.
25) Mário Wagner Vieira da Cunha. Administração de Negócios e os Serviços de Relações Públicas, São Paulo, Publicação Avulsa nº 123, Instituto de Administração da Universidade de São Paulo, 1951.
26) Benedicto Silva. Relações Públicas, Divulgação e Propaganda, Rio de Janeiro, Caderno de Administração Pública nº 1, EBAP/FGV, 1954, 26 p.
27) Ministério da Guerra. Relações Públicas no Exército, Rio de Janeiro,

Digitalizado gentilmente por:

Estabelecimento Gal. Gustavo Cordeiro de Farias, 1952, 131 p.

28) Jaime Pacini Coelli. Programa de Relações Públicas para o Serviço Público Paulista, São Paulo, Departamento Estadual de Administração, 1958, 18 p.

29) Oscar Beveridge. Financial Public Relations, New York, Mc Graw-Hill, 1963.

30) Alden B. Mills. Hospital Public Relations, Physicians Record Co., 1939, 361 p.

31) H. Kurtz. Public Relations for Hospitals: A Practical Handbook, New York, Thomas, 1969.

32) Andrés Samper Gneco. Relationes Públicas, Qué Son y Para Qué Sirven, Bogotá, Ediciones Tercer Mundo, 1963, 168 p.

33) Jorge Saruba. Las Relationes Públicas Piden la Palabra, Buenos Aires, Asociación Argentina de la Propaganda, 1962, 251 p.

34) Lorenzo A. Blanco: Algunas Consideraciones sobre el Porqué de las Relaciones Públicas, Buenos Aires, Ford Motor Argentina S.A., 1969, 64 p.

35) Cândido Teobaldo de Souza Andrade. Para Entender Relações Públicas, São Paulo, Editora Luzir, 1962, 201 p.

36) Luiz B. Gargantini. Relaciones Públicas Gubernamentales, Buenos Aires, Editorial Plus Ultra, 1968, 90 p.

37) Arnaldo Ferrer Sehwerert. Las Relaciones Humanas y las Relaciones Públicas en la Administración Municipal, Medellín, CERP, 1966, 15 p.

38) Arnaldo Ferrer Sehwerert. Las Relaciones Públicas y los Derechos Humanos, Caracas, Cámara de la Indústria Farmaceutica, 1968.

39) Juan Merchán López. Técnicas Magistrales de Relaciones Públicas, Caracas, Editora Sucre, 1968, 206 p.

40) Carlos Aracena. Relaciones Públicas en Acción, Santiago, Imprenta El Diário Ilustrado, 1966, 98 p.

41) Uirpy Benício. Relações Humanas, Liderança e Relações Públicas, Rio de Janeiro, Gráfica Editora Amora Ltda., 1963, 226 p.

42) Jaques Gonçalves. Relações Públicas: Filosofia e Profissão, Recife, Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de Pernambuco, 1969, 63 p.

43) José Roberto Whitaker Penteado. Relações Públicas nas Empresas Modernas, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1969, 242 p.

44) A Revista Brasileira de Relações Públicas era editada sob a responsabilidade do profissional Heber Moura e tinha em seu Conselho Editorial os srs. Ney Peixoto do Vale, Evaldo Simas Pereira e Walter Poyares.

45) Sam Black. Practical Public Relationes, London, Pitman & Sons, 1970, 282 p.

46) Roy L. Blumenthal. The Practice of Public Relations, New York, The Macmillan Co., 1972, 278 p.

47) William A. Nielander, Práctica de las Relaciones Públicas, Barcelona, Editorial Hispano Europea, 1973, 450 p.

48) Humberto López López. La Enseñanza de las Relaciones Públicas, Medellín (Colômbia), CIPERP, 1971, 100 p.

49) Abelardo Burgos. El Policía, la Policía y las Relaciones Públicas, Asunción, Imprenta Comuneros, 1971, 221 p.

50) Hector Oxilia. La Función de las Relaciones Públicas en las Fuerzas Armadas, Asunción, Imprenta Militar, 1976, 107 p.

51) O livro "Le Destin des Relations Publiques" foi editado em Montreal (Canadá), por François L. de Martigny, em 1977, com 310 páginas e teve como colaboradores, além de

Digitalizado gentilmente por:

Paulo Dumont Frenette, os seguintes autores de R.P.: Lorenzo Blanco, Scott Cutlip, Guido Rossi del Lion Nero, Cândido Teobaldo de Souza Andrade, Francis Dumont, Jorge Xifras-Heras, Paul Laurent, Forbes Leclair, Fernand Leclerc, Robert Lindsay, Humberto López López, Lucien Matrat, Albert Sullivan e Jean-Maris Van Bol.

52) A maioria dos artigos do uruguaio Roman Peres Senac foram publicados na revista "Relaciones Públicas" de Madrid.

53) Hugh M. Culbertson. Is the Term "Image" Really Dead?, New York, Princeton, Public Relations Quarterly, vol. 15. nº 1, 1970.

54) Arthur Ciervo. The Poor Image of the Image Marker's, New York, PR Journal, jul. 1975.

55) Fernando D. Lorano. Manual de Relaciones Públicas, Madrid, Revista Relaciones Públicas, 1979, 335 p.

56) Pierre-Jean Linon, Contribution of Public Relations to Social Audit, New York, IPRA Review, set. 1979.

57) Cândido Teobaldo de Souza Andrade. Psicossociologia das Relações Públicas, Petrópolis, Editora Vozes, 1975, 115 p.

58) Cândido Teobaldo de Souza Andrade. Dicionário Profissional de Relações Públicas e Comunicação, São Paulo, Editora Saraiva, 1978, 139 p.

59) José Xavier de Oliveira. Usos e Abusos de Relações Públicas, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971, 112 p.

60) Walter Ramos Poyares. Comunicação Social e Relações Públicas, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1970, 112 p.

61) As teses foram de autoria de C. Teobaldo de Andrade (2) e Hebe Wey Ramos e as dissertações de Tupã Gomes Corrêa e Waldir Ferreira.

62) Ray Eldon Hiebert. Are Teachers Keeping Up With the Profession or Vice-Versa? New York, PR Journal, set. 1970.

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

Documentação histórica

Rosemarie Erika Horch *

O primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil foi criado pelo Decreto nº 8835 de 11 de julho de 1911(1). Faz parte do novo Regulamento da Biblioteca Nacional (artigos 34 a 42) então aprovado.

Não começou a funcionar imediatamente, já que diversas dificuldades tiveram que ser superadas para que funcionasse regularmente. Isso só se deu em 1915. Começou com a inscrição de 27 alunos, mas, no final do ano só 4 alunos poderiam prestar exames, – o curso tinha a duração de um ano –, "porque só esses, na forma do Regulamento, não tinham número de faltas que os impossibilitasse de tal". Nenhum, contudo, quis apresentar-se à prova final de habilitação (2).

Em 1916, o curso teve 6 alunos inscritos, dos quais 2 puderam prestar os exames regulamentares: Carlos Mariani e Luiz Côrte-Real de Assunção (3).

Em 1917, teve 5 alunos, "3 desistiram das provas, 1 foi inabilitado e só 1 Emmanuel Eduardo Gaudie Ley, conseguiu ser plenamente aprovado"(4). Muitos anos mais tarde iria ser o meu chefe na então Seção das Obras Raras da Biblioteca Nacional e o teria também como professor de História do Livro e das Bibliotecas no Curso Fundamental de Biblioteconomia da mesma Biblioteca Nacional em 1948.

Para o ano de 1917 publicam-se pela primera vez os "Programas do Curso de Biblioteconomia". São estes, que reproduzimos na íntegra, em seguida, a título de informação histórica.

* Bibliotecária do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

(1) *Colleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brazil de 1911*, v. II, p. 168-189.

(2) A Biblioteca Nacional em 1915. Relatorio que . . . apresentou o diretor geral interino Dr. Aurélio Lopes de Sousa, *Anais da Biblioteca Nacional, 1916*, v. 38, p. 366-7, Rio de Janeiro, 1920.

(3) A Biblioteca Nacional em 1916. Relatorio que . . . apresentou o diretor geral interino Dr. Antonio Lopes de Sousa, *Anais da Biblioteca Nacional 1917*, v. 39, p. 674, Rio de Janeiro, 1921.

(4) A Biblioteca Nacional em 1917. Relatorio que . . . apresentou o diretor geral interino Basilio de Magalhães, *Anais da Biblioteca Nacional, 1918*, v. 40, p. 370, Rio de Janeiro, 1922.

Digitalizado gentilmente por:

PROGRAMMA DE BIBLIOGRAPHIA

1. — Bibliographia — Noções preliminares.
2. — Typographia — Composição e impressão.
3. — O Livro, Ornamentação — Ilustração — *Ex-libris*. Formato.
4. — Encadernação.
5. — O Papel. Historia e fabricação.
6. — Conservação e restauração dos livros.
7. — Invenção da imprensa. Transição do livro manuscripto para o impresso. Primeiros impressores.
8. — Caracteristicos do livro antigo e do moderno. — Incunabulos e cimelios. — Livros raros e preciosos. — Falsificações bibliographicas.
9. — O jornal — A revista — O folheto — Publicações periodicas.
10. — Classificação — Systemas principaes.
11. — Classificação decimal — Suas modificações.
12. — Catalogação — Arrumação dos livros e preparo para a catalogação — O bilhete systematico — A ficha.
13. — O catalogo — Fontes de Informação — Repertorios.
14. — A imprensa no Brasil — Livros e jornaes — Impressores e editores — Bibliographia nacional — Fontes de Informação.
15. — Bibliotecas — Historia — Construção — Iluminação — Mobiliario.
16. — A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Fundação e phases do seu desenvolvimento. — Bibliotecas no Brasil.
17. — Organisação e administração das bibliotecas — Pessoal — Estudos geraes e technicos. — Exames e concursos.
18. — Secretaria e Archivo — Legislação — Regulamentos — Direitos autoraes.
19. — Serviço de informações. — Serviço de permutações internacionaes. Emprestimo domiciliar. — Acquisição e remessa de livros, manuscriptos, estampas e peças numismaticas para as secções. — Officinas graphicas.

PROGRAMMA DE PALEOGRAPHIA E DIPLOMATICA

PALEOGRAPHIA

1. — Definição e noções preliminares. A escripta latina. Capital, uncial, cursiva e semiuncial.
2. — As escriptas nacionaes. A gothica e a humanistica.
3. — Cryptographia. Siglas, abreviações, notas tironianas.
4. — Regras e signaes de orthographia. Signaes numeraes.
5. — Materias subjectivas da escripta: metaes, pedras, marmores, taboinhas enceradas.
6. — Mesmo assumpto: papyro, pergaminho, papel.
7. — Instrumentos do escriptor. Tintas e côres.
8. — Forma e composição do livro. Rôlos e codices. A escripta propria do livro.
9. — Mesmo assumpto. Encadernação e ornamentação.
10. — Arte libraria. Bibliothecas.

DIPLOMATICA

1. — Objecto e historia da diplomatica.
2. — Chronologia technica. Das datas de annos. Eras.
3. — Chronologia technica. Periodos chronologicos (Olympiadas. Indicção).
4. — Chronoloiga technica. Datas do mez e do dia.
5. — Mesmo assumpto. Calendarios.
6. — Elementos criticos do teôr dos documentos diplomaticos: titulos e qualidades das pessoas; nomes de pessoa e de logar.
7. — Mesmo assumpto. Designações geographicas e topographicas. Pesos e

Digitalizado gentilmente por:

medidas. Moedas. Da língua usada nos documentos.
8. – Partes constitutivas dos documentos. Formularios e manuaes.
9. – Divisão dos documentos. Protocolo inicial.
10. – Divisão dos documentos. O texto.
11. – Divisão dos documentos. As clausulas finaes.
12. – Divisão dos documentos. Formalidades diversas. O protocolo final.
13. – Signaes de validação (subscripções, assinaturas e testemunhas).
14. – Mesmo assumpto. Sellos.
15. – A chancellaria pontifical.
16. – As chancellarias regias.
17. – Os actos privados.
18. – Os documentos falsos.

PRATICA DOS SERVIÇOS

1. – Origem e composição das collecções manuscriptas das bibliothecas e archivos. Organisação dos registos e inventarios.
2. – Classificação e catalogação dos documentos manuscriptos.

João Carlos de Carvalho,
Director da 2ª secção.

PROGRAMMA DE ICONOGRAPHIA

PARTE THEORICA

1. – Iconographia e iconologia. Imagem. Sua reprodução na arte. A gravura ou processo equivalente e a impressão ou estampagem. Princípios de pintura applicaveis à arte da gravura.
2. – Origem da gravura. As cartas de jogar. Carimbos gravados em madeira e metal. A gravura dita de crivo. Alexandre e Isabel Cunio. Lourenço Coster. Os mestres de 1406, 1418 e 1423.
3. – As mais antigas gravuras em metal e madeira, nos seculos XV e XVI, na Allemanha e Paizes Baixos, na Italia, França, Hespanha e Inglaterra. As estampas com saudações de anno novo. As cartas de indulgencia. Livros de imagens xylographadas na Allemanha e Paizes no seculo XV.
4. – Nigellagem. Maso Finiguerra. Os nigellos. Seus caracteres. Os nigelladores italianos e florentinos no seculo XV.
5. – A gravura a buril nos seculos XV e XVI. – Allemanha. Martin Schongauer. Alberto Dürer. Lucas Granach. Seus discipulos. – Paizes Baixos. Lucas de Leyde e sua escola. – Italia. Escolas florentina, paduo-mantuana, lombardo-veneziana, milaneza e da Italia Central. – França. Escolas de Fontainebleau, Lyon e Orléans.
6. – A gravura a agua forte nos seculos XV e XVI.
7. – A gravura na Allemanha, Paizes Baixos, Inglaterra, Italia, França e Hespanha nos seculos XVII a XIX.
8. – A gravura em Portugal desde a sua origem até o seculo XIX. A officina calcographica, typographica e litteraria do Arco do Cego.
9. – A gravura, a lithographia e os processos photo-mecanicos no Brasil no seculo XIX.
10. – Os processos da gravura; noções geraes sobre a technica. Gravura em madeira ou xylographia. Gravura de crivo. Outros processos de gravura em relevo. Gravura a buril. Gravura a ponta secca. Gravura a agua-forte. Gravura á maneira de lapis. Gravura a pontilhado. Gravura á maneira negra ou mezzo-tinto. Gravura a aguada e agua-tinta.
11. – A technica dos trabalhos do gravador conforme os processos. Traços simples e cruzados. Pontos. Combina-

Digitalizado gentilmente por:

ções e direcções desses elementos de accordo com o objecto a representar. Sombras e meias sombras na gravura a aguada e no mezzo-tinto. – Maneira e maneirismo. – O processo e o assumpto; conformidade de um com o outro.

12. – Lithographia. Origem. Processos. Seus representantes mais notáveis, até o seculo XIX, nos principaes paizes da Europa.
13. – Daguerreotypia. Photographia. Processos photo-mecanicos. Heliogravura.
14. – A estampa em côres.
15. – Aquarella. Guache. Miniatura. Aguada. Pastel. Suas applicações.
16. – A arte ficticia ou de fantasia. Os gravadores macabros. Os caprichos. A caricatura e o grotesco.
17. – Os *ex-libris*. Estylos. Allegorias e outros generos de composição.
18. – A illustração do livro. O cartaz, o cardapio e outras applicações da estampa.
19. – As cartas geographicas antigas. Sua ornamentação. As cartas e plantas modernas.
20. – Estampagem. A impressão primitiva. A impressão a machina. O preparo do papel. A impressão em côres. Tiragem em papel, seda e pergaminho.
21. – Provas. Ensaios. Prova *avant la lettre*. Prova *avant toute lettre*. Prova terminada. Estados de uma estampa. Exemplares em papel commum, papel da China e do Japão. Provas de artista. Provas com *remarque*. Valor intrinseco e extrinseco de cada grupo. Original e copia.
22. – Falsificação da estampa; suas modalidades. A modernização em iconographia. O apocrypho na gravura de retratos.
23. – Utilidade da estampa. O ensino pela imagem. A estampa como divulgadora das obras de arte. A documentação iconographica.
24. – Catalogação. Fichas ou verbetes. Catalogação alphabetica. Catalogação topographica.
25. – Catalogação systematica. Classificação dos artistas por escolas e por nacionalidades. Significação da palavra – *escola* – no sentido geral e restricto. Classificação por assumptos.
26. – Instalação de um gabinete de estampas. Mobiliario. Acondicionamento.
27. – Conservação e restauração das estampas. Descollamento. Engommagem. Alvejamento. Tiragem de nodoas. Descoloração. Reparação de dilacerações e lacunas. Forração e entelação. Restauração do desenho. Reparação do pergaminho. Montagem simples de estampas. Montagem em *passe-partout*.
28. – *Iconophilia. Iconomania.* Formação de colleções. Collecionadores notaveis.
29. – Technologia da arte da gravura e da estampa.

PARTE PRATICA

Reconhecimento dos processos. Critica das qualidades da impressão e do estado do exemplar. Estimativa artistica da estampa. Estimativa da prova como peça de colleção.

Preparo das fichas para a entrada nos diversos catalogos. Classificação de estampas para os catalogos systematicos.

Pratica dos diccionarios de monogrammas e principaes manuaes de estampas.

Dr. Aurelio Lopes de Souza,
Director da 3ª secção.

PROGRAMMA DE NUMISMATICA

1. – A numismatica. Seus dominios. A moeda na antiguidade e sua evolução.

Digitalizado gentilmente por:

2. — A moeda propriamente dita. Materia prima. Valor dos metaes. Titulos das moedas.
3. — A peça monetaria. Seu aspecto, formas e typos.
4. — Nomenclatura. Epigraphia monetaria. Divisas. Invocações. Marcas de officina. Marcas de emissão. Nomes de gravadores.
5. — As officinas de moedagem. A fabricação das moedas. Processos de cunhagem. Moedas fundidas. Arte monetaria da antiguidade. Os cunhos. Gravura dos cunhos. Ensaio. A cunhagem entre os Romanos. Processos antigos. Processos actuaes.
6. — As medalhas. Differenças entre as moedas e as medalhas. Os medalhões. Medalhistas da Renascença.
7. — A moeda instrumento de troca. O bimetalismo. O padrão unico. Unidade monetaria. Moeda auxiliar. Moeda divisionaria. Moeda fiduciaria.
8. — Systemas de classificação.
9. — Numismatica antiga. Moedas dos povos e das cidades.
10. — Moedas gregas. As primeiras moedas. Caracteristicos. Systemas. Periodo da arte archaica e periodo de transição. Apogêo da arte, estabilidade e decadencia. Moedas das cidades autonomas; moedas dos reis; moedas imperiaes gregas; moedas coloniaes.
11. — Moedas romanas. Os reis. A Republica. O *as* e suas reducções. Moedas de prata. Moedas romano-campanicas. Os magistrados monetarios. Legendas e typos.
12. — Moedas romanas do Imperio. Os consulados. Moedas legionarias.
13. — Moedas bysantinas.
14. — Edade media. Epocas merovingia., carlovingia e dos Capetos. Moedas feudaes.
15. — Moedas dos tempos modernos: Europa.
16. — Moedas dos tempos modernos: Asia, Africa, Oceania.
17. — Moedas dos tempos modernos: America.
18. — Numismatica portugueza: 1º, 2º e 3º periodos; systemas monetarios.
19. — Numismatica portugueza: Moedas coloniaes, Asia e Africa.
20. — Numismatica brasileira: systemas monetarios. Moeda metalica. Epoca colonial.
21. — Numismatica brasileira: Imperio e Republica.
22. — Numismatica brasileira: Papel-moeda. Bilhetes de banco.
23. — Gabinetes de moedas e medalhas. As collecções. Acquisições. Disposição das peças nos medalheiros.
24. — Exame de uma moeda. Cuidados. Conservação. Decalque. Processos de moldagem.

João Gomes do Rego,
Director da 4ª secção.

Neste ano "a aula de Bibliografia foi regida pelo Dr. Constancio Antonio Alves, diretor da 1ª Seção; a de Paleografia e Diplomática pelo Sr. João Carlos de Carvalho, diretor da 2ª Seção; a de Iconografia, pelo Sr. Mario Bhering, diretor interino da 3ª Seção, no impedimento do Dr. Aurelio Lopes de Sousa; e de Numismatica, pelo Sr. João Gomes do Rego, diretor da 4ª seção."(5)

Visava o curso, no dizer de Manuel Cícero Peregrino da Silva, selecionar as pessoas "mais capazes de se dedicar ao gênero de trabalho que serão chamadas a executar e quais as que maior inclinação revelam para o ofício."

E mais adiante torna-se mais explícito: "As qualidades a exigir dos que pretendem servir nas bibliotecas só podem ser verificadas no decurso de um certo estágio. Muitos recomendam o funcionário de uma inteligência superior e uma variada cultura;

Digitalizado gentilmente por:

mas, se a tão invejáveis qualidades ele não alia o amor à ordem, a honestidade, a compreensão do dever, a assiduidade e uma grande capacidade de trabalho, não está em condições de ser admitido, porque se tornará inútil, se não prejudicial."(6)

Este curso, tendo funcionado com certas dificuldades, foi extinto em 1922. Só em 1931 volta a ser restabelecido, sobre novas bases e com a duração de dois anos. Em 1944 há uma nova reestruturação curricular.

(5) Op. cit.

(6) Silva, Manuel Cicero Peregrino da – Conferência: Da remodelação por que passou a Biblioteca Nacional e vantagens daí resultantes, *Anais da Biblioteca Nacional 1913,* v. 35, p.1-9, Rio de Janeiro, 1916.

Digitalizado gentilmente por:

Documento

Exigências e procedimentos postais para as publicações oficiais

Do 3º Seminário sobre Publicações Oficiais Brasileiras, 23-27 jul., 1979, transcreve-se parte da exposição do Sr. José Hugo de Medeiros Dias, gerente comercial da diretoria regional da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

"A renovação do serviço postal brasileiro teve início em 1969 quando, a 20 de março daquele ano, pelo Decreto Lei nº 509, foi concretizada a transformação do antigo DCT em Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, permitindo, daí para frente, aplicar-se filosofia empresarial moderna em todas as áreas de atividades para que pudéssemos, em pouco tempo, oferecer serviços em maior número e de melhor qualidade e, ao introduzir técnicas operacionais mais eficientes com custos reduzidos, fazer crescer a demanda e produzir melhores resultados.

Em 1974, terminado o período inicial em que a nova Empresa teve por preocupação básica a sua própria implantação, foram definidas e adotadas as diversas políticas para recuperação e desenvolvimento dos Correios, com o objetivo principal de criar um serviço postal eficiente e econômico, ajustado a dois fatores externos, que se impunham como restrições operacionais:

"— a necessidade de um crescimento balanceado, em duas direções — na de um correio industrial, de renda ra-

Digitalizado gentilmente por:

zoável e onde, pelos seus usuários, a Empresa se coloca como um dos motores do desenvolvimento econômico, e na de um correio doméstico onde, com outras preocupações além do rendimento, ela presta um serviço público;

– os grandes desníveis de utilização entre as regiões, em virtude das diferenças de densidade demográfica e de características sócio-econômicas, desníveis que forçavam o estabelecimento de administrações e metas diferentes, proporcionais à demanda".

Hoje, 10 anos são passados e vemos que o esforço desenvolvido vem atingindo plenamente os objetivos fixados; já não se transfere à ECT a irresponsabilidade de um documento não remetido e não se justificam conveniências pessoais como: "você não recebeu? mandei pelos Correios!". Conseguimos recuperar a confiança do público brasileiro em seus Correios. Salmos, desde 1977, do malfadado déficit financeiro: livramo-nos das subvenções governamentais, equilibramos nossas contas e as despesas já são cobertas por nossas próprias arrecadações.

Na verdade, o progresso brasileiro continua em aceleração e a prosperidade dos negócios continua gerando inúmeras necessidades, na área das comunicações. Os Correios, pela dinâmica de sua própria finalidade, estão conscientizados do papel que lhes cabe como fator de integração nacional e têm atuado constantemente em todas as fases do processo postal – Atendimento, Transporte e Distribuição – para que seu crescimento, dentro do sistema, seja seguro, eficiente e harmonioso.

Julgamos ainda oportuno ressaltar que o processo de reformulação da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos vem se tornando acentuado, graças à adequada política de Recursos Humanos a que estamos submetidos, representada sinteticamente por 4 (quatro) Centros de Treinamento – Porto Alegre, Bauru, Belo Horizonte e Recife – implantados para revigoramento técnico-administrativo de todo pessoal de nível médio e uma Escola Superior de Administração Postal/ESAP, instalada em Brasília, desde 15 de Maio de 1978, única do tipo na América do Sul, responsável pela formação e aperfeiçoamento de nossos chefes e executivos.

Após esta rápida digressão, em que procuramos ressaltar alguns aspectos relevantes do que se tem feito na reorganização de nossos Correios, cada vez desejados mais eficientes no desempenho de suas atribuições institucionais, mister se faz, ao passarmos ao tema principal de nosso encontro – Exigências e Procedimentos Postais para a Publicação Oficial – relembrar a todos, alguns termos do diploma legal que outorga à União, em regime de monopólio e através da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, a exploração das seguintes atividades postais:

– Recebimento, transporte e entrega, no território nacional e a expedição para o exterior, de carta e cartão postal;

– Recebimento, transporte e entrega, no território nacional, e a expedição para o exterior, de correspondência agrupada.

Ainda pela Lei nº 6538 de 22 de Junho de 1978, já cognominada de Nova Lei do Monopólio Postal, os objetos postais acima referidos estão definidos da seguinte maneira:

– CARTA – objeto de correspondência, com ou sem envoltório, sob a forma de comunicação escrita, de natureza administrativa, social, comercial ou quaisquer outras, que contenha informação de interesse específico do destinatário;

– CARTÃO POSTAL – objeto de correspondência de material consistente, sem envoltório, contendo mensagem e endereço;

– CORRESPONDÊNCIA AGRUPADA – reunião, em volume, de objetos da

Digitalizado gentilmente por:

mesma ou de diversas naturezas, quando, pelo menos um deles, for sujeito ao monopólio postal, remetidos a pessoas jurídicas de direito público ou privado e/ou a suas agências, filiais ou representantes.

Dito isto, iniciaremos o arrolamento dos produtos e serviços da ECT que, por suas naturezas e finalidades, estão mais ligados ao cotidiano dos editores e profissionais da documentação:

1. *CARTAS:* são todos os objetos de correspondência que têm, em princípio, caráter de uma informação ATUAL e PESSOAL; considera-se, também, carta todo objeto de correspondência com endereço, cujo conteúdo só possa ser desvendado por violação.

Na categoria de CARTAS está inclusa também toda correspondência social do tipo saudações natalinas, cumprimentos por aniversários, convites para casamentos e formaturas, fórmulas de pêsames, etc.

Ultimamente também tivemos incluídas nesta categoria, todas as mensagens transmitidas por registros sonoros – fitas cassetes – e embaladas em invólucro próprio denominado "FONOPOSTAL".

Normalmente, o acondicionamento mais usado para a CARTA é o envelope e o fato de ser apresentado aberto ou fechado não altera o valor de sua tarifação, aplicada de acordo com seu peso, até 2 quilos; pode ainda, a CARTA, ser apresentada em forma de rolo.

Sobre envelopes, desejamos lembrar que a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, dando atendimento às solicitações dos CORREIOS, já estabeleceu padrões para a fabricação dessas sobrecartas, tendo sido feita ampla divulgação dos mesmos em todo território nacional através, principalmente, da impressão da sigla RPC, em todos eles, significando Recomendado Pelos Correios.

Esta medida surgiu da própria evolução dos serviços postais no Brasil que, para agilização no tratamento da correspondência, demandam sofisticados equipamentos eletrônicos para automação das operações de triagem e separação de cartas. Estes equipamentos asseguram rapidez e boa qualidade no escoamento do crescente volume do tráfego postal e já se encontram em funcionamento nas cidades de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, planejando-se, nas etapas subseqüentes, implantações nas cidades de Salvador, Recife, Porto Alegre, Belo Horizonte e Curitiba.

Por tudo isto é que, aproveitando a oportunidade, ressaltamos a importância do uso dos envelopes RPC's, bem como do correto endereçamento da correspondência, hoje tão evidenciada através do "tape" de televisão intitulado "Bê a bá dos Correios".

Ao endereçar sua correspondência, certifique-se do correto número do CEP – Código de Endereçamento Postal – da localidade onde se encontra seu destinatário; os CORREIOS, para maior comodidade de seus usuários, já fizeram publicar 2 volumes do Guia Postal Brasileiro, nos quais poderão ser encontrados os números dos códigos de todos os municípios brasileiros, bem como os códigos de ruas e (ou) logradouros das cidades que já completaram seus próprios distritamentos: São Paulo, Rio de Janeiro, Niterói e Brasília.

O número do CEP deverá ser inscrito sem qualquer sinal de pontuação entre os 5 dígitos que o compõem; recomendamos ainda, quando do endereçamento de cada correspondência, o não esquecimento dos dados completos do REMETENTE, pois só assim poderemos assegurar a efetiva devolução do objeto, no caso de não ser localizado seu destinatário.

As CARTAS assim preparadas poderão ser postadas, conforme exigências dos usuários, das seguintes maneiras:

– *Simples* – é a modalidade normal de serviço aplicada ao tratamento de todas as correspondências, tanto para âmbito nacional como internacional;

– *Registradas* – é a modalidade

Digitalizado gentilmente por:

de serviço aplicada a todos os objetos cujo encaminhamento se processa, por exigência do usurário, com maior controle. É utilizada nos regimes nacional e internacional e tem sua aplicação obrigatória nas correspondências com valor declarado;

– *Aviso de Recebimento (AR)* – serviço que permite comprovar ao remetente a entrega do objeto ao destinatário; âmbito nacional e internacional;

– *Entrega ao próprio destinatário (MP)* – quando é exigida a entrega da correspondência unicamente ao destinatário mediante identificação;

– *Valor declarado* – serviço que consiste no recebimento e entrega de objetos contendo valores de qualquer espécie; só executado no regime nacional. É obrigatória a declaração de valor nos objetos abaixo relacionados:

- cartas contendo quaisquer papéis representativos de valor ao portador, selos postais e títulos da dívida pública;
- encomendas contendo moedas metálicas, metais preciosos, pedras preciosas e semi-preciosas e jóias;
- todos objetos expedidos contra reembolso.

Em se tratando de *valor em espécie*, a remessa será feita em envelope especial, transparente, restringindo-se às localidades onde não se executa o serviço de Vales Postais;

– *Vale Postal* – serviço de emissão de título nominativo, representativo de depósito feito em moeda nacional, a ser levantado em uma Unidade Postal, maneira simples de enviar dinheiro pelos Correios Monopólio Postal.

As ENCOMENDAS, quando entregues aos CORREIOS para fins de encaminhamento, estão sujeitas às mesmas normas de endereçamento que os demais objetos postais e podem ser expedidas tanto no regime nacional como no internacional (Colis Postaux); devem ser apresentadas abertas, possibilitando a verificação de seu conteúdo.

Para maior rapidez e segurança no transporte dos materiais de seus usuários, a ECT vem de oferecer CAIXAS de ENCOMENDAS padronizadas que, apresentadas em 5 (cinco) tamanhos, certamente facilitarão em muito a solução do problema da embalagem dos objetos que transitam pelos Correios.

4. *COLIS POSTAUX* – designação dada às encomendas internacionais. São remessas contendo objetos, materiais ou produtos, com peso máximo de 20 kg, permutadas entre países signatários de Acordo específico.

Há países que não admitem o COLIS com peso acima de 10 kg; a relação deles está à disposição do público nas Agências autorizadas à execução desse tipo de serviço.

Todo COLIS deve conter, em caracteres latinos e algarismos arábicos, sobre o próprio pacote ou sobre uma etiqueta fortemente atada a ele, os endereços do remetente e destinatário; aconselha-se inclusive, ao remetente, colocar no interior do COLIS uma cópia de seu endereço e do endereço do destinatário.

5. *PETIT PAQUET* – conforme sua tradução, são pequenas encomendas; são remessas postais internacionais cujo conteúdo apresenta caracteristicas de amostras ou mercadorias, souvenir, presente, sem valor comercial.

São objetos de correspondência e obedecem as normas de conveção da UPU, têm seu peso limitado a 1 kg e as dimensões são as mesmas aplicadas às cartas.

A Austrália, Birmânia, Bolívia, Canadá, Chile, Colômbia e Cuba não executam intercâmbio do PETIT PAQUET com peso acima de 500 g.

Os PETITS PAQUETS, da mesma forma que os COLIS, são submetidos, na importação e exportação, à fiscalização alfandegária e são passíveis de pagamento

Digitalizado gentilmente por:

de direitos aduaneiros a critério da Alfândega.

Seu acondicionamento deve ser tal que permita uma rápida e fácil verificação do conteúdo, exceção feita aos que já foram vistoriados por autoridades competentes; é exigida, ainda, a colocação de forma bem legível, no anverso do objeto, das palavras "PETIT PAQUET".

6. *REEMBOLSO POSTAL* – serviço postal que tem sua tramitação exclusivamente no território nacional; consiste no recebimento, encaminhamento e entrega, pelos Correios, de cartas, impressos e encomendas e no pagamento, aos remetentes, do valor neles indicado, recebido dos destinatários.

É por este tipo de serviço que a ECT consegue fazer a aproximação entre o vendedor ou produtor e o consumidor. A mercadoria é mais divulgada e seu consumo, pelos centros menos favorecidos, mais facilitado.

Pelo REEMBOLSO POSTAL promove-se a interiorização de produtos e artigos que, normalmente, só são encontrados nos grandes centros.

O serviço de reembolso pode ser utilizado por qualquer tipo de usuário mas, às entidades que executam remessas de objetos em grande quantidade, será concedido o chamado "tratamento especial às pessoas jurídicas".

Para beneficiar-se desse "tratamento especial", o cliente interessado deverá inscrever-se na Diretoria Regional a que estiver subordinada a Unidade Postal com a qual pretenda operar, ocasião em que será cientificada dos seus direitos, deveres e responsabilidades para com a ECT e desta para com sua empresa ou estabelecimento.

Consideramos, ainda, oportuno relacionar mais alguns produtos e serviços de nossa ECT que, também por suas condições e finalidades, podem influir positivamente num melhor resultado a ser colhido pelas Senhoras e pelos Senhores, no âmbito de cada uma de suas jurisdições:

AEROGRAMA – é o papel de carta, envelope e selo já associados. Solução prática, simples e econômica. Escreva à vontade e deposite em uma das inúmeras CAIXAS DE COLETA espalhadas por toda a cidade.

MÁQUINA DE FRANQUEAR – solução para quem escreve muitas cartas; substitui a selagem tradicional, é mais rápida, racionaliza o trabalho e diminui a despesa pois, conforme o valor da carga, a ECT oferece descontos de até 6%.

CARTA/CARTÃO RESPOSTA – objetos que dispensam selagem. São distribuídos como encartes em revistas, catálogos e periódicos. Facilitam ao comércio e à indústria o atendimento de pedidos de mercadorias e informações técnico-comerciais.

SERCA – conhecido mais vulgarmente como serviço de malotes, proporciona segurança e regularidade na troca de correspondências entre matrizes e filiais, órgãos centrais e regionais, empresas e seus representantes.

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

Noticiário

DESTAQUE

BIBLIOTECÁRIA DO ANO

A Associação Paulista de Bibliotecários escolheu a ex-Editora da R.B.B.D., Profª Doutora Neusa Dias de Macedo, com muita justiça, como Bibliotecária do Ano/81. Apresentamos, em nome de todos os colegas, nossas efusivas congratulações.

FID/CLA

Antonio Lisboa Carvalho de Miranda é o novo Presidente da Comissão Latino-Americana da FID, cujos objetivos básicos são: promover o programa e as atividades da FID na América Latina; iniciar, promover e manter o desenvolvimento da documentação nacional e serviços de informação na região; estimular e facilitar a cooperação no campo da documentação e da informação na América Latina e com outros países de outras regiões.

Objetivando a integração entre seus membros nacionais na América Latina e a divulgação das ações da FID, a FID/CLA edita trimestralmente a revista "Informaciones FID/CLA".

A sede da atual Diretoria é no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia IBICT – Avenida W/3 Norte, Quadra J-11, Bloco A – 70750 Brasília – DF.

Digitalizado gentilmente por:

A FID/CLA iniciará uma nova publicação, a Revista LATINO-AMERICANA DE DOCUMENTACIÓN, destinada à divulgação de artigos sobre bibliotecologia e ciências afins.

Contribuições dos especialistas (artigos, revisões, notícias, resultados de pesquisas etc.) podem ser enviadas para o Diretor de Publicações, Milton A. Nocetti.

CURSOS

1. ESPECIALIZAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS INFANTO-JUVENIS E ESCOLARES
   Data – 02/04/81 a 20/06/81
   Local – Universidade Federal de Pernambuco.

INFORMAÇÕES – Departamento de Biblioteconomia
C.E A.C. – U.F.P.
Cidade Universitária – Engenho do Meio – 50000 – Recife-PE

O Departamento de Biblioteconomia promoveu, de 12/03 a 13/04, um Curso de Extensão sobre Indexação ministrado pela Profª Maria Lectícia de Andrade Lima, destinado a profissionais e a estudantes.

IBICT – FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS NA ÁREA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Tendo em vista a implantação, em diversas instituições do país, de Centros de Informação Especializados, sob sua orientação técnica, o IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, unidade do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, ofereceu a profissionais de nível superior a oportunidade de participação no Curso de "Especialização em Administração de Sistemas de Informação", promovido pela Faculdade Católica de Ciências Humanas de Brasília, em colaboração com a Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal – ABDF. O objetivo do curso é formar profissionais especializados na área de gerenciamento de sistemas de informação e está sendo realizado desde 15 de março, com conclusão prevista para 30 de outubro de 1981.

Sabendo que um dos aspectos mais relevantes do processo de implantação de um centro de informação é o preparo dos recursos humanos para geri-lo, o IBICT possibilitou a profissionais da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFPb – Universidade Federal da Paraíba, CBPF/CNPq – Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, IMPA/CNPq – Instituto de Matemática Pura e Aplicada e IPEN – Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, a participação no curso, além de oferecer como complementação um estágio orientado no IBICT, para obtenção de conhecimentos práticos necessários à eficiente operação dos centros de informação especializados.

CATÁLOGO COLETIVO NACIONAL EM MICROFICHAS

O IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, comunica que encontra-se à venda a publicação "Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Periódicas", sob a forma de microfichas, contendo dados atualizados até agosto de 1980, ao preço de Cr$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos cruzeiros), na redução 42X e Cr$ 4.500,00 (quatro mil e quinhentos cruzeiros) na redução 24X, nos seguintes endereços:

IBICT/BsB
Av. W3-Norte – Quadra 511 – Bloco A – Lote 1
CEP 70750
Brasília, DF

Digitalizado gentilmente por:

IBICT/Rio
Rua General Argolo 90
CEP 20921
Rio de Janeiro, RJ

PÓS-GRADUAÇÃO – Um depoimento

"Labutando na pós-graduação desde 1967, na área biológica – tanto básica quanto aplicada – agradeço a oportunidade de prestar meu depoimento.

1. Destina-se o curso de graduação a preparar os profissionais liberais, os pesquisadores em potencial, os professores secundários e ainda proporcionar condição e "status" a integrantes de uma sociedade que cultua e crê mais no papel que na competência profissional.

2. Limitado o currículo **profissional** a dois, três ou quatro anos, deve-se dispor de meios de formar as elites intelectuais, pesquisadores e pensadores, que criarão as condições para o desenvolvimento e o progresso da ciência, das artes, das humanidades de modo geral. O que só se pode fazer em nível de pós-graduação, **sensu lato.**

3. Reduzir a pós-graduação aos cursos de mestrado e doutorado, exclusivamente, e considerá-la requisito obrigatório na carreira docente é absurdo. Não se prepara um jurisconsulto, um verdadeiro "mestre" da pintura com as mesmas normas adotadas para a formação de um físico nuclear ou um geneticista. Nem podemos esperar o surgimento de verdadeiros chefes de escola, de tais programas massificadores.

Não podem as universidades enviar todos os seus professores para os cursos de mestrado e de doutorado, por mera questão de tempo. E não estão preparadas para receber os que voltam com o título e oferecer-lhes possibilidades de desenvolver as técnicas aprendidas e explorar os novos horizontes abertos.

A pletora de cursos abertos, muitos sem condições mínimas, sem idéia do mercado de trabalho e da adequação dos currículos oferecidos, resultou na baixa da qualidade do produto e na ritualização ineficiente dos processos de seleção, formação e avaliação. A tremenda burocracia que cerca o reconhecimento dos cursos não constitui garantia de seu funcionamento efetivo e de uma razoável relação de custo/benefício. Confunde-se, comumente, escassez de técnicos e pesquisadores em determinadas áreas com "demanda" real. O exemplo da Escola de Minas de Ouro Preto, recentemente analisado em livro, constitui uma bela advertência.

4. Uma vez que os currículos universitários têm que ser amplos e gerais, existe a necessidade de prepararmos verdadeiros **especialistas.** O currículo amplo constitui garantia para o profissional – aqui, também, é válida a lei biológica que diz que a especialização é uma das causas da extinção. Entretanto, no nível pós-graduado, em sentido amplo, sua necessidade é indiscutível. Nas profissões liberais, na indústria, nas empresas privadas e estatais, nos laboratórios de pesquisa, necessita-se do indivíduo preparado para executar tarefas específicas, utilizar técnicas especiais, aplicar conhecimentos especializados. Sem eles, os pesquisadores constituiriam um exército de generais.

5. A preparação desse pessoal poderia ser feita nos cursos existentes de pós-graduação. Por um lado, atenderia as áreas em que o mestrado e o doutorado estritos são inviáveis. Resolveria o problema dos 60% que não conseguem escrever uma tese formal e que são ótimos profissionais; aumentaria a eficiência dos métodos de seleção; permitiria a um grande número de professores universitários e profissionais liberais adquirir conhecimentos especializados em curto prazo, aumentando o rendimento dos cursos atuais que, com pequenas adaptações em seus programas e currículos, poderiam resolver o problema.

Digitalizado gentilmente por:

A formação de especialistas é tão importante quanto a de mestres e doutores e deve ser reconhecida na legislação da carreira do magistério, com igual valor, como requisito para promoção.

Ao mesmo tempo, permitiria a dilatação do tempo para formação dos pesquisadores, inadequadamente restrito, no momento, por força das pressões das agências financiadoras. Como já disse um grande pesquisador, a lei da seleção natural, as leis de Mendel e outras que tais não resultaram de "crash programs".

6. Infelizmente, nossas instituições sofrem de dois grandes males. O primeiro, devido à natureza cerimoniosa e afetiva do brasileiro: nossos "centros de excelência" não surgem como os da antigüidade – Alexandria, Pisa, Bolonha, Paris, Londres – por força de suas realizações que atraíam os estudiosos da época e os estudantes mais destacados, mantendo seu prestígio enquanto o merecessem. Os nossos o são por diploma legal que uma vez outorgado não é mais revogado. O segundo, devido ao ciclo rápido da evolução das instituições, que se tornam esclerosadas e arcaicas em quinze ou vinte anos. Na fase inicial, enquanto dependem do entusiasmo individual, da capacidade pessoal, da iniciativa e dedicação de cada um, progridem rapidamente e chegam a projetar-se no cenário internacional. Quando passam a exigir uma infraestrutura administrativa que os sustentem e perpetuem, desaparecem, afogados na burocracia paralizante, onde os aspectos formais passam a predominar sobre os funcionais, os fins são perdidos de vista e o entusiasmo desaparece juntamente com a criatividade.

Fernando D. de Ávila Pires
(UNICAMP)
(transcrito de DEBATE – CAPES – ano II, nº 5, dez/80)

PUBLICAÇÕES DA S.L.A.

A Associação de Bibliotecas Especializadas (235 Park Avenue South, Nova York, 10003) publicou recentemente:

1. Bibliographic Utilities – A Guide for the Special Librariam, de James K. Webster, Editor.

2. Newspaper Libraries in the U.S. and Canada, 2d.ed–An SLA Directory, de Elizabeth L. Anderson, Editor.

3. Budgeting Techniques for Libraries and Informations Centers, de Michael E.D. Koenig.

CENEVENT

A IMS – Informações, Microformas e Sistemas S.A (Rua Estela, 515, Bloco D, Conj. 21/31 – São Paulo – 04011), criou um novo departamento, o Centro Nacional de Eventos Culturais, que está programando, para julho próximo, uma série de visitas de bibliotecários da área Bioquímica e Biomédica para visitar um circuito de instituições mais importantes nos Estados Unidos, indicados por pessoal técnico da BIREME (Biblioteca Regional de Medicina). Estas instituições se encontram nas cidades de New York (State University Medical Center), Boston (MIT Neurosciences Research Information Center Francis A. Couteway Library of Medicine of Boston Medical Library) e em Washington (Library of Congress and National institutes of Health) e em Miami (University of Miami School of Medicine).

Caberá ao CENEVENT a administração de conferências preparatórias para estas visitas às bibliotecas assim como sua divulgação, preparo da viagem e recepção no país visitado. Para cada grupo de 15 participantes de sua instituição há 1 (uma) passagem gratuita. Paralelamente a este programa profissional para organizadas várias opções de lazer de acordo com a preferência do grupo.

Digitalizado gentilmente por:

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SISTEMAS DE BIBLIOTECAS

A Universidade Federal da Paraíba, com vistas a especializar docentes de Cursos de Biblioteconomia e Chefes de Bibliotecas, em método e técnicas de administração de sistemas de serviços bibliotecários, oferecerá no período de 18 de maio a 18 de novembro do corrente ano, o IV Curso de Especialização em Sistemas de Bibliotecas, com uma carga horária de 450 horas.

C.B.D.A.

A Comissão Brasileira de Documentação Agrícola, presidida por Ana Flávia P. Medeiros da Fonseca, da BINAGRI, está distribuindo as seguintes publicações:

Diretório da C.B.D.A. (anual)
Agrícolas (bimestral)
Bíblia (trimestral)
Guia das Bibliotecas Agrícolas Brasileiras
Catálogo Coletivo de Publicações Periódicas em Ciências Agrícolas (anual)

Atualmente, a Comissão Brasileira é constituída por 13 GBIDA, propondo-se como finalidades:

a) apoiar os bibliotecários, os documentalistas e os técnicos em informação agrícola, na conquista de seus interesses profissionais.
b) promover o constante aperfeiçoamento dos bibliotecários, documentalistas e técnicos em informação agrícola, através da realização e divulgação de cursos, congressos, seminários e palestras, bem como através de serviços específicos voltados para o desenvolvimento técnico de seus membros.
c) apoiar a implantação e o desenvolvimento dos sistemas de informação, promovendo-os através de seus veículos de comunicação.

1º ENCONTRO DE BIBLIOTECÁRIOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Promovido em conjunto pela APB-RJ, pelo Grupo de Bibliotecários em Informação e Documentação em Ciências Sociais e Humanidades e pelo CRB-7, realizar-se-á no Rio de Janeiro de 26 a 30 de outubro de 1981, tendo como tema principal:

"A **INTERAÇÃO BIBLIOTECÁRIO/USUÁRIO COMO FATOR DE VALORIZAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO PROFISSIONAL**."

e como subtemas:

1. Atuação dos grupos de trabalho no desenvolvimento profissional.
2. Bibliotecário de referência.
3. Desenvolvimento da biblioteconomia no Estado do Rio de Janeiro.
4. Ensino de biblioteconomia no Estado do Rio de Janeiro.
5. Legislação profissional.
6. Mercado de trabalho.
7. Movimento associativo.
8. Sindicato versus Associação.

HÁBITOS DE LEITURA

O Subgrupo de Trabalho de Bibliotecas Infantis da APB, através de pesquisa de campo, está desenvolvendo um estudo sobre o fator "Influência Ambiental" na Aquisição do Hábito de Leitura na faixa populacional infanto-juvenil. A pesquisa está se realizando com os usuários das 25

Digitalizado gentilmente por:

Bibliotecas do Departamento de Biblioteca Infanto-Juvenis da Secretaria Municipal da Cultura do Município de São Paulo.

EDITORAÇÃO

A editora Ática S.A. lançou o livro Editoração Científica, de autoria de Ivani Kotait, presidente do I Congresso Brasileiro de Publicações. O livro propõe-se a sistematizar e divulgar os itens mais importantes das normas brasileiras e internacionais no que diz respeito à padronização da documentação. O livro é encontrado nas principais livrarias ou pode ser solicitado através de reembolso postal à Editora Ática – R. Barão de Iguape, 110 – São Paulo – CEP 01507. Preço: Cr$ 380,00.

MONOGRAFIAS DA CBDA

– A Comissão Brasileira de Documentação Agrícola – CBDA, pretende lançar em 1981 nova série de monografias, a qual visará divulgar trabalhos de interesse na área de informação agrícola no Brasil. Para tanto, solicita que lhe sejam indicados ou enviados, trabalhos realizados ou em andamento, de forma a que possam o mais rápido possível lançar o primeiro número da referida série.

Estes trabalhos deverão ser encaminhados em 02 (duas) vias, segundo as nromas da ABNT, à Presidente da CBDA, Ana Flávia P. Medeiros da Fonseca, BINAGRI, Setor Comercial Norte CN 2 – Bloco E – C.P. 102432 – 70710 – Brasília DF.

PROFESSOR EMÉRITO

A vinte e sete de maio, p.p., ao Gabinete do Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, a Professora Maria Martha de Carvalho, recebeu o título honroso de "Professor Emérito" pelos relevantes serviços prestados à Escola de Biblioteconomia da U F.M.G e à classe bibliotecária.

A.A.B. ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

DIRETORIA 1981-1983

Presidente:
Lia Temporal Malcher

Vice-Presidente:
Afonso Carlos Marques dos Santos

1º Secretário:
Maria Amélia Gomes Leite

2º Secretário:
Jaime Antunes da Silva

1º Tesoureiro:
Júnia Gomes da Costa Guimarães e Silva

2º Tesoureiro:
Lúcia Maria de Oliveira

SÓCIOS HONORÁRIOS

Eloisa Helena Riani Marques
Manoel Adolpho Wanderley
Maria Amélia Gomes Leite
Maria de la Encarnación
España Santos
Comandante Martinho Cardoso de Carvalho
Norma Viégas Barros
Arquivo Nacional
Fundação Getúlio Vargas

Digitalizado gentilmente por:

Resenha

Estudo crítico

Há certas obras que têm interesse para os professores das Escolas de Comunicação – e, muito especialmente, para os que lecionam editoração ou que debatem problemas relativos à tradução.

Entre elas, cabe mencionar A CRÍTICA E O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO (São Paulo, Editora Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, 1979, 343 páginas), que se presta muito bem para ilustrar numerosos tipos de falhas – de tradução, de excessivo apego ao original, de falseamento de idéias, de revisão, de indicação bibliográfica.

Examinemos, pois, mais detidamente, essa obra recém publicada e apontemos os enganos que nela se encontram, lembrando que a tradução esteve aos cuidados dos srs. Octavio Mendes Cajado e Pablo Mariconda e não esquecendo que o livro, organizado por Imre Lakatos e Alan Musgrave, é, na verdade, o quarto volume dos anais de um colóquio de filosofia da ciência – como se registra na ficha de "catalogação na fonte", preparada pela Câmara Brasileira do Livro – mas não de um "seminário", como afirmam os tradutores, no prefácio (p. 1).

ESTUDO CRÍTICO

Primeiramente, falemos do livro e dos autores. A British Society for the Philosophy of Science e a London School of Economics realizaram, em julho de

Digitalizado gentilmente por:

1965, no Bedford College, um colóquio internacional de que resultaram quatro volumes, publicados em 1967, 68, 69 e 70. *Criticism and the growth of knowledge* é, justamente, o quarto desses volumes (distribuído pela Cambridge University Press). Não retrata o que efetivamente se passou nas sessões do colóquio de filosofia da ciência de 1968. Encerra, em verdade, contribuições preparadas posteriormente, ainda que alguns dos ensaios, ligeiramente alterados, com revisões menores, reproduzam o que foi dito na ocasião. O texto base, de Kuhn (28 páginas), aparece reproduzido como apresentado no conclave. Intervenções de Watkins (16 p.), Toulmin (10 p.), Williams (3 p.) e Popper (10 p.), receberam forma definitiva logo após as reuniões. A contribuição de Margaret Masterman (41 p.) foi escrita um ano após. Os artigos de Lakatos – a "pièce de resistance" do livro (135 p.) –, de Feyerabend (41 p.) e a "Réplica" de Kuhn (58 p. finais) só foram redigidos em 1969, o que explica o apreciável atraso na publicação dos anais do congresso.

Os participantes do colóquio são figuras conhecidas. Kuhn celebrizou-se com a publicação do livro *The structure of scientific revolutions*, em 1962 (e distribuído em nosso idioma em 1975), obra que, revista e ampliada, mereceu uma segunda edição, divulgada em 1970. De Popper não é preciso falar – poucos ignoram ser ele uma das mais proeminentes personalidades no cenário da filosofia da ciência de nossos dias. Watkins é o sucessor de Popper, na cátedra que ocupava na London School of Economics. Toulmin, naquela época associado à Universidade de Michigan, escreveu muitos artigos e dois livros que tiveram certa repercussão: *The uses of argument* e *Philosophy of science* (1953), este último com uma curiosa concepção das teorias – vistas em termos de "mapas da realidade". Masterman, da unidade de pesquisa lingüística de Cambridge, vem-se destacando, nos últimos anos, pelo seu interesse por filosofia da linguagem. Williams é mais ou menos desconhecido; estava ligado à Cornell University e, aparentemente, dedica-se à história da ciência. Lakatos, enfim, recentemente falecido, trabalhava na London School of Economics, tendo-se celebrizado por seus estudos a respeito de história da matemática.

Este volume dos anais do colóquio de 1965 foi preparado com o objetivo de contrastar posições de Kuhn e de Popper, relativas à ciência. Kuhn, em seu artigo de abertura, fixa as linhas gerais do debate, sublinhando os pontos que considera mais importantes para efetuar a comparação entre as suas idéias e as de Popper. De acordo com o que se lê nesse artigo, a teoria da ciência, sob o prisma popperiano, estaria caracterizada nos seguintes itens básicos:

(1) o cientista formula sistemas de afirmações, submetendo-as, em seguida, passo a passo, a testes (p. 9);
(2) a separação entre ciência e não-ciência deve-se a que as teorias científicas são falseáveis (por alusão a predições deduzíveis da teoria) (p. 14);
(3) o crescimento da ciência envolve aprendizado à custa de erros anteriormente cometidos (p. 17);
(4) uma teoria se vê falseada quando enunciados básicos se transformam em contra-exemplos daquilo que a teoria assevera (p. 20 e ss.).

Kuhn contesta, um a um, esses quatro itens. Com respeito ao primeiro, ressalta a diferença que há de ser estabelecida entre "ciência normal" e "ciência revolucionária", uma diferença ignorada por Popper. O cientista, nas fases de normalidade, não discute os enunciados científicos, aceitando-os com naturalidade; limita-se, talvez, a examinar enunciados

Digitalizado gentilmente por:

específicos, de modo a contornar algum tipo de anomalia que se tenha apresentado. A ciência normal refere-se a atividades que se destinam a desenvolver teorias, de acordo com um "paradigma", uma tradição fixada. A ciência revolucionária, porém, refere-se a atividades que se destinam a afastar um paradigma, substituindo-o por outro. Critérios de aceitabilidade teorética, no âmbito da ciência, envolvem fatores como a simplicidade e o alcance das teorias – sua capacidade de eliminar ou de reduzir a significação das anomalias. Quando ocorre uma revolução científica, nova tradição se implanta – mas inexistem padrões gerais de acuidade, padrões que são relativos, na verdade, determinados em função dos paradigmas dominantes.

Quatro dos artigos da antologia (os de Watkins, Toulmin, Popper e Feyerabend) criticam as idéias de Kuhn, relativas à ciência normal. Watkins e Popper afirmam que Kuhn atribui exagerada importância aos períodos de normalidade. Watkins chega, mesmo, a duvidar da existência de uma ciência normal, asseverando que a teoria do desenvolvimento científico, endossada por Kuhn, é inexata. Feyerabend, como Popper, sugere que é perigoso dar muito realce à ciência normal (cf. p. 63 e p. 259); defende, além disso, o "pluralismo teorético", para contrabalançar a posição de Kuhn – pela qual se encoraja o cientista que se prende a uma teoria, sem, contudo, submetê-la a testes, ao mesmo tempo que se desencoraja (dogmaticamente) o cientista que se preocupa com a formulação de teorias alternativas. Feyerabend identifica certo irracionalismo nas idéias de Kuhn e chega, inclusive, a defender essa posição irracionalista. Mas Kuhn, em sua "Réplica", enfatiza que não aceita qualquer tipo de irracionalismo – que só poderia advir de má interpretação de suas exposições.

Kuhn e seus críticos divergem muito no que concerne ao psicologismo ou sociologismo kuhniano, bem como no que diz respeito à tese de incomensurabilidade de teorias colocadas no seio de paradigmas diferentes. De acordo com Lakatos (p. 220 e s.), Kuhn procura, em vista das divergências, reduzir a filosofia da ciência a uma psicologia da ciência. Kuhn, entretanto, no final do volume, afirma que procura formular um princípio lógico de aceitabilidade das teorias científicas, reconhecendo, porém, que esse princípio está matizado por elementos psicossociais. Quanto à incomensurabilidade, ela deflui, diz Kuhn, do fato de não existir avaliação ponto a ponto nas teorias – mesmo que se superponham as evidências relevantes para as teorias que se pretenda comparar. Nas mudanças de paradigmas, lembra Kuhn, há também mudanças conceituais – e estas impedem as comparações exatas.

Resta falar das contribuições de Masterman e de Lakatos. Masterman analisa, minuciosamente, a noção de paradigma, revelando que adquire, nos escritos de Kuhn, uma dúzia de significados diversos. Todavia, ressalta que, visto sob um prisma favorável, estes vários sentidos da palavra 'paradigma' dão certa plausibilidade às concepções de Kuhn – plausibilidade muito maior do que a admitida pelos críticos.

O artigo de Lakatos não se volta para as idéias de Kuhn. Explora, em vez disso, os "programas de pesquisa". As idéias básicas encontram-se no ensaio que havia publicado em 1968 ("Criticism and the methodology of scientific research programmes", in *Proceedings of the Aristotelian Society*, v. 69, pp. 149-86). Essas idéias foram melhor discutidas em 1973 e se acham, agora, no volume 1 dos "Philosophical papers" de Lakatos, organizados (em dois volumes) por J. Worrall e G. Currie (Cambridge, University Press, 1978). Infelizmente, o estilo de Lakatos chega a ser irritante. Nada menos de

Digitalizado gentilmente por:

369 notas de pé de página aparecem nas 135 páginas do artigo – e muitas ocupam dez ou até vinte linhas, perturbando a leitura e desviando a atenção do leitor que, aliás, só entenderá satisfatoriamente os assuntos discutidos se puder consultar, paralelamente, outros artigos de Lakatos e pelo menos meia dúzia das obras referidas. Lembremos, ainda, uma oportuna crítica de H. Lehman (em artigo do v. 39 do *Philosophy of Science*, de 1972): como poderia Lakatos justificar a sua confiança no fato de que certas teorias são falsas se ele, a rigor, sustenta que as decisões a propósito da aceitabilidade das teorias são determinadas, em boa medida, por decisões decorrentes de adoção de convenções sociais? Não há dúvida de que os "programas de pesquisa", defendidos por Lakatos, se põem em consonância com idéias costumeiramente sustentadas pelos pesquisadores – que admitem, em geral, ser "boa" a teoria que abre margem para previsões observacionais não viáveis à luz de teoria diversa, anteriormente acolhida. Contudo – lembra-o Feyerabend, em seu estilo espirituoso – a metodologia de Lakatos não se presta para guiar os pesquisadores. Terminando: o longo ensaio de Lakatos é de interesse, não há como negar, mas desejaríamos não correr o risco de interpretá-lo mal, o que pode facilmente acontecer, dado o estilo de sua comunicação, que se afasta em demasia do "ensaio auto-suficiente".

Depois dessas considerações a propósito da obra, analisemos o trabalho dos tradutores.

Um tradutor, por mais experiente que seja, sempre comete alguns enganos. Acompanhando o original, emprega, aqui e ali, uma palavra inadequada, que seria, com vantagem, substituída por outra, que o texto a traduzir não sugere. Num dia de menor inspiração, as palavras não ocorrem e a frase traduzida parece canhestra a uma segunda leitura. O tradutor talvez porque não considere seu trabalho devidamente remunerado) não consulta, com a freqüência desejável, os bons dicionários, em busca de vocábulos apropriados. Também não emprega minutos preciosos meditando a propósito da mais elegante maneira de trazer, para a sua língua, um trecho longo, cheio de apostos – e talvez até confuso – que se acha no original. O tradutor vê-se, não raro, obrigado a "inventar" palavras e, admitamos, nem sempre suas invenções são acertadas. Enfim, não é descabido o simples erro gramatical – que o revisor, por sua vez, também não percebe. Resumindo, um tradutor engana-se uma dúzia de vezes, num trecho de 60 a 80 páginas – isto é, comete um erro, digamos, a cada 5 ou 6 páginas. Qualquer crítico, mesmo não preocupado com nugas, identificará, aqui e ali, a palavra mal selecionada, a frase mal construída, ou a idéia que se viu injustificadamente atenuada ou ressaltada. O cuidado do tradutor há de ser, porém, o de não permitir que as afirmações do autor se adulterem ou se percam. E há de ser o de impedir que a tradução contenha falhas cujo número exceda o limite "razoável", de 2 ou 3 senões a cada dez páginas.

Isso posto, examinemos este *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. O erro gramatical aparece, por descuido, em vários locais. Na p. 17, nota 26, lemos "... a formulação de ensaio-e-erro ... é, em espírito, mais velho..." (obviamente, "mais velha"); na p. 54 lemos "conceitual"; na p. 55, "conceptual". Valeria a pena manter a uniformidade. Na p. 58, lemos "... seu critério original; precisamos agora de um novo critério para substituí-la". Eis um engano que o revisor deixou escapar: "do qual poderemo, a qualquer momento, escapar de novos" (p. 286).

Entre as muitas falhas de revisão citemos "Por que o programa de Einstein superou o de Lorentz's?" (p. 3); a repetição de uma linha no terço inferior da p.

Digitalizado gentilmente por:

41; "por que" (em vez de "porque") em alguns locais, e.g., p. 43; letras omitidas ou trocadas, como em "cotradizem" (p. 123) e "descritvo" (p. 287); uma vírgula descabida no final do primeiro parágrafo da p. 266 – "contra o modelo do crescimento, científico de Lakatos.", e assim por diante.

Palavras e expressões mal selecionadas ocorrem com grande freqüência. Soa mal, p ex., a frase "o espectro da história da espectrografia" (p. 61); "provado pela força do intelecto ou pela prova dos sentidos" (p. 110) também não é frase feliz. São inadequadas as expressões "virar a mesa" (p. 110, para traduzir "turned the tables", ou seja, "inversão de posições"); "jogar por terra" (p. 110, para traduzir "water down", ou seja, "suavizar", ou "diluir"); "é um crime sem limites" (p. 111, para traduzir "an outright crime", ou seja, "claro", "inequívoco"). Pouco feliz é a frase "a crítica que ele faz dele" (p. 112). Não são adequadas as palavras "esclareceu" (p. 115, para traduzir "cleared away", isto é, "afastou" ou "eliminou"); "classe" (p. 114-15, para traduzir "brand", isto é, "espécie", "tipo", "variedade"); "destacando" (p. 248, para traduzir "designing", isto é, "projetando", ou "concebendo"). Muito imprópria a expressão "depois de muito tempo" (p. 266, para traduzir "in the long run", isto é, "a longo prazo"). Exemplo típico de palavra mal escolhida aparece na p. 114, onde se traduz "unprovable" por "improvável", abrindo margem, no contexto, para interpretações débeis; de fato, eis como ficou a frase:

> O probabilismo foi elaborado por um grupo de filósofos de Cambridge em cujo entender, embora as teorias sejam igualmente improváveis, elas têm diferentes graus de probabilidade...

Os tradutores, apegando-se em demasia ao original, encontram soluções desagradáveis, em português, para transmitir as idéias dos autores. Os exemplos são abundantes. Examinemos alguns.

O trecho

> The recipe, according to these people, is to restrict criticism, to reduce the number of comprehensive theories to one, and to create a normal science that has this one theory as its paradigm.

aparece desta maneira, na p. 246:

> De acordo com essa gente, a receita consiste em restringir a crítica, em reduzir a um o número de teorias compreensivas e criar uma ciência normal que tenha por paradigma essa teoria.

Pequeno esforço permitiria eliminar a palavra "gente", muito vulgar, no contexto, e dar feição mais adequada a todo o trecho; assim, por exemplo:

> A receita, segundo aqueles estudiosos de ciências sociais, consiste em restringir a crítica, em fazer com que as várias teorias compreensivas se unifiquem e em criar uma ciência normal que admita, como paradigma, essa única teoria resultante.

A frase

> Pois tudo indica que o crime organizado é a solução de enigmas *par excelence*

que se acha na p. 247, poderia receber formulação mais apropriada, como esta, por exemplo:

> Pois o crime organizado – assim parece – é, *par excelence*, uma forma de resolver enigmas.

Logo a seguir encontramos

> não há razão para acreditar que o crime organizado ficará para trás no domínio das principais dificuldades.

que traduz

> there is no reason to believe that organized crime will fall behind

Digitalizado gentilmente por:

> in the mastery of major difficulties.

uma idéia que seria posta em correspondência, mais corretamente, ao nosso ver, com a frase

> não há razão para supor que o crime organizado conduz a menor proficiência no controle de problemas importantes.

Exemplos de tais "fixações do original" são demasiado comuns para que deles se faça um complexo balanço. Todavia, lembremos mais algumas "soluções" insólitas dos tradutores, para sublinhar a falha ou o tipo de falha resultante desse exagerado apego ao original. Na p. 19 os tradutores escrevem

> É muito possível que o sentido de "erro" de Sir Karl possa ser recuperado...

abrindo margem para mal-entendidos; em verdade, a idéia é esta:

> O sentido que Sir Karl dá ao vocábulo 'erro' talvez possa ver-se preservado...

O trecho da p. 27

> Sir Karl errou transferindo características escolhidas de pesquisa cotidiana para os episódios revolucionários ocasionais ... ignorando inteiramente, a partir daí, a atividade de todos os dias

poderia receber formulação muito mais clara; esta, digamos:

> Sir Karl enganou-se ao aplicar traços típicos da pesquisa cotidiana para descrever ocasionais episódios revolucionários ... ignorando, depois disso, por completo...

A frase (p. 34)

> De modo que o meu trabalho versará tanto sobre o livro de Kuhn quanto o ensaio que ele acaba de ler

pode gerar ambigüidade; eis a idéia correta:

> ... meu trabalho versará tanto sobre o livro quanto sobre o ensaio...

Feyerabend, citando Kuhn, afirma

> 'the same asymetry plays a fundamental role in my *Structure*... I may well have taken it from what I had heard of his work.'

Segundo os tradutores:

> 'a mesma assimetria ... *Structure*; ... bem posso tê-lo tirado do que ouvi sobre a obra dele.'

'Tê-lo tirado' – que? Na verdade:

> 'a mesma assimetria ... *Structure;* acredito que absorvi a idéia através de referências feitas à obra de Popper.'

Na p. 50, os tradutores, "ao pé da letra", escrevem

> (Dizer que "toda ciência normal repousa numa base de dogma" equivalia a dizer "somos todos realmente loucos"; o que talvez funcione numa ou noutra ocasião, mas...)

O trecho poderia receber uma apresentação mais adequada:

> (Dizer 'a ciência normal tem alicerces dogmáticos' parecia significar 'estamos todos loucos, em verdade'. O que pode estar correto, em uma ou outra ocasião, mas...)

Ainda na p. 50 lemos

> ... a função intelectual de um esquema conceptual estabelecido é determinar padrões, ... etc., dentro dos quais a especulação estará presa enquanto esse determinado esquema conceptual exercer autoridade sobre a ciência natural a que se refere.

A idéia seria mais fielmente traduzida nestes termos:

> ... a função intelectual de um esquema conceptual é a de determinar os padrões da teoria, ... etc., dentro dos quais a espe-

Digitalizado gentilmente por:

culação teorética se vê confinada enquanto aquele específico esquema se mantém, no âmbito da ciência natural em pauta.

O parágrafo ao final da p. 122 está, todo ele, mal construído, incluindo, mesmo, erro gramatical perturbador. Segundo os tradutores:

> Essa história dá a entender ... que até a mais respeitada teoria científica, como a dinâmica e a teoria da gravitação de Newton, pode falhar em proibir qualquer estado observável de coisas. De fato, algumas teorias ... só impedirão a ocorrência de um acontecimento ... se nenhum outro fator ... tiver alguma influência sobre ela.

Confuso. Eis a idéia:

> Essa história sugere, enfaticamente, que até mesmo uma teoria científica muito acatada – como, digamos, a teoria ... de Newton – pode deixar de proibir qualquer estado de coisas observável. Em verdade, algumas teorias proíbem que um evento ocorra ... tão somente sob a condição de que nenhum outro fator ... exerça influência sobre ele.

As idéias indevidamente realçadas ou atenuadas também aparecem com freqüência. Exemplo de afirmação injustificadamente ressaltada encontra-se na p. 245. Feyerabend afirma que a ideologia de Kuhn "is bound to", ou seja, "facilitaria" ou "poderia provocar reforço em tendências anti-humanitárias". Os tradutores, contudo, asseveram que a ideologia de Kuhn "aumentaria, fatalmente, as tendências...". Outro exemplo do mesmo tipo acha-se na p. 266. Feyerabend, citando Lakatos, diz que os padrões críticos são aplicaos "with hindsight", ou seja, "com percepção tardia" (após um período de hesitação). Os tradutores dizem que os padrões "são aplicados *a posteriori*" – valendo-se de expressão que, a rigor, já adquiriu sentido bem diverso.

O engano correspondente, de "diluição" de idéias, acha-se, p. ex., na p. 35 (nota 3). Dizem os tradutores:

> Mas suas construções têm às vezes leve semelhança com o que foi dito ...

quando, no original, a afirmação seria melhor captada escrevendo

> ... as suas construções, todavia, pouco se parecem, algumas vezes, com o que ficou dito ...

Outro "abrandamento" ocorre na p. 121 (nota 26). Os tradutores escrevem:

> ... em sua concepção, as proposições da ciência não são teóricas mas também falíveis

quando, em verdade, o original diz

> ... em sua concepção, as proposições da ciência não são apenas teóricas, mas são, todas, falíveis...

Há vários pontos em que os tradutores – inadvertidamente, quero crer – desfiguraram, em menor ou maior grau, o pensamento registrado no original. De tais falseamentos de idéias vale a pena considerar alguns exemplos. Há os que não interferem de modo apreciável no texto, correspondendo a falhas facilmente contornáveis. Exemplificativamente, Feyerabend pede a Kuhn que o perdoe por voltar a debater velhas questões, esperando que

> ... he will not take it amiss when in my effort to be brief I do this in a somewhat blunt fashion,

ou seja, esperando que:

> ... ele não me leve a mal se, em favor da brevidade, eu o faça de maneira menos delicada,

idéia que os tradutores captaram de modo mais ou menos dúbio, escrevendo

> ... espero que Kuhn me perdoe, mais uma vez, por ventilar as velhas questões e não me leve

Digitalizado gentilmente por:

a mal a maior ou menor grosseria em meu esforço por ser breve.

Na p. 27, os tradutores escrevem "Tenho para mim que o conhecimento científico é ... desse tipo. Os livros e os mestres onde ele se adquire...", embora fosse bem mais apropriado escrever "Os livros em que ele se adquire e os mestres de quem ele se adquire...".

Ao final do item 2 (p. 247), a indagação 'Have they misread him?' vem traduzida por 'Não terão eles sabido lê-lo?', mas seria, sem dúvida, melhor captada por um simples 'Interpretaram-no mal?'.

Nessa mesma página 247, Feyerabend assevera que há uma tradição (de solução de problemas) a separar ciências de outras atividades. Citando Kuhn, ele diz, em seguida, que

> It sets them apart in a 'far surer and more direct way' ... than do other ... properties they may also possess.

Esse 'them' (assim como 'they') alude, no caso, às ciências *e* às demais atividades, mas não apenas às ciências, como os tradutores deixam indicado ao dizerem

> Aparta-as de modo "muito mais seguro e direto" ... do que outras propriedades ... que as ciências também possuem.

Enganos mais graves também ocorrem em vários pontos. Exemplifique-se. Na p. 29, lê-se

> Mais uma vez, porém, algumas generalizações de amostras ilustrarão os tipos de respostas que se devem procurar.

A idéia é outra:

> Algumas generalizações, tomadas na condição de amostras, permitirão ilustrar, porém, as espécies de respostas que deverão ser procuradas..

O trecho inicial da comunicação de Feyerabend é este:

> ... while I thought I recognized Kuhn's problems; and while I tried to account for certain aspects of science to which he had drawn attention ... I was quite unable ...

ou seja, Feyerabend afirma, em síntese, que

> ... embora imaginasse reconhecer os problemas discutidos por Kuhn; e embora tentasse explicar certos aspectos da ciência, por ele ressaltados, ... não pude concordar ...

A idéia foi mal traduzida, nestes termos:

> ... e enquanto pensava, eu reconhecia os problemas de Kuhn; e enquanto tentava explicar certos aspectos da ciência para os quais ele me chamara a atenção ... senti-me totalmente incapaz ...

Na p. 54, encontramos isto:

> Lendo o atual relato de sua posição, escrito pelo Professor Kuhn, verifico ...

mas a verdade é que Toulmin (cf. p. 42 do original inglês) diz

> De acordo com a presente explanação de sua poisção – tal como a entendo – o professor Kuhn afastou-se ...

Na p. 60 os tradutores dão esta forma ao que foi escrito por Williams (p. 49 do original):

> "Basta que uma refutação seja bastante grande para constituir uma revolução dessa ordem",

quando seria preferível dizer

> "Uma refutação – pelo menos quando suficientemente significativa – é uma revolução."

Na p. 116, os tradutores dizem que os adeptos do falseamento acolhem como científicas as proposições factuais provadas; e, ainda, uma proposição que for falseável:

> isto é, se houver técnicas experimentais e matemáticas disponíveis na ocasião que designem cer-

Digitalizado gentilmente por:

> tas afirmações como falseadores potenciais.

Acrescentando palavras e interpretando erroneamente o que estava no original, os tradutores desfiguraram a idéia – que, em síntese, é esta:

> isto é, se existem proposições factuais com as quais ela pode conflitar ou, sem outras palavras, se ela admite falseadores potenciais.

O trecho ((pp. 122-3)

> Mas, nesse caso, tais teorias nunca contradizem sozinhas uma afirmação básica;

deve ser corretamente entendido desta maneira:

> Entretanto, essas teorias não contradizem apenas um enunciado básico;

No item 9 de sua comunicação (p. 215 do original), Feyerabend escreve o seguinte:

> Thus the standards which Lakatos wants to defend are either *vacuous* ... or they can be *criticized* on grounds very similar to those which led to them in the first place.

Na tradução, lemos:

> Dessa maneira, os padrões que Lakatos deseja defender ou são *vãos* ... ou podem ser *criticados* por motivos muito semelhantes ao que conduziram a eles em primeiro lugar.

Entenda-se...

...

Sob o prisma biblioteconômico, há muitos reparos a fazer. As falhas, nesse caso, devem-se aos editores – o próprio Lakatos e Alan Musgrave. As obras referidas aparecem sem indicação de editoras e sem indicação dos locais de publicação. Ou aparecem com datas repetidas. Isso perturba o leitor que não está familiarizado com as obras e não o ajuda a localizar as publicações que despertem interesse. Mais grave é a falha de Lakatos: na p. 109 (nota 1), alude a um trabalho seu, de 1973, que *não* é citado na bibliografia que organiza ao final de sua comunicação, na p. 239.

Registre-se, ainda, que o artigo de Elie Zahar, mencionado na p. 3, surgiu no *volume* 24 (fascículo 3, 1973) do *British Journal for the Philosophy of Science*, e não no n. 24 desse periódico, como ali se afirma.

Os tradutores colocaram, nas notas relativas à terceira impressão (p. 3), títulos em inglês e em português. Mas não traduziram, p. ex., "PSA" (anais da Philosophy of Science Association), dificultando ainda mais a localização do material porventura desejado. E, afinal, para que traduzir títulos de artigos se essa prática não é coerentemente adotada em toda a obra?

...

Finalizemos. O livro é importante para quem deseja conhecer mais de perto o pensamento de Kuhn e de alguns de seus críticos. Aí estão, em versão embrionária, muitas idéias que Kuhn voltaria a discutir em anos subseqüentes, na segunda edição de seu famoso *The structure of scientific revolutions* (Chicago, University Press, 1970) e em artigo intitulado "Second thoughts ou paradigms" (incluído na antologia *The structure of scientific theory*, organizada por F. Suppe, Univ. of Illinois Press, 1973). E aí se acham as raízes das noções que o mesmo Kuhn volta a debater em seu mais recente livro, *The essential tension* (Chicago, University Press, 1978). E o livro também é importante para os que pretendem entrar em contato com o pensamento de Lakatos. A par disso, encerra observações relevantes de Feyerabend e o artigo da srta. Masterman é bom exemplo de análise, à luz de significados, de um vocábulo que adquiriu grande relevo no desenvolvimento de idéias de Kuhn.

Digitalizado gentilmente por:

A tradução pode agradar aos leitores menos exigentes. É satisfatória para quem deseja pôr-se em contato com certas posições de filósofos de nossos dias. Há de ser usada, porém, com grande cautela para fins de estudo – particularmente se utilizada para reprodução de trechos e citações, pois o número de falhas excede, de muito, o limite do razoável.

Leonidas Hegenberg
16 out 1979

Digitalizado gentilmente por:

Levantamento Bibliográfico

O Estudo do Usuário

ADVISORY GROUP FOR AEROSPACE RESEARCH AND DEVELO PMENT – *The problem of optimization of user benefit in scientific and technological information transfer*. Paris, 1976. 116p.

AGUIAR, Manuel Pinto de – *Função dinâmica das bibliotecas*. Salvador, Progresso 1958. 74p.

ASHWORTH, W. – The primacy of the user. *Infosystems, 24*(5): 50-4, 1977.

ALDRICH, Ella Virginia – *Using books and libraries*. New Jersey, Prentice-Hall, 1967. 147p.

ALLEN, S. & MATHESON, J. – Development of a semantic differential to acess users' attitudes towards a batch made information retrieval system (ERIC). *Journal of American Society for Information Science, 28(5)*: 268-72, 1977.

ALLEN, Thomas – Information needs and uses. *Annual Review of Information Science and Technology, 4*: 3-29, 1969.

Digitalizado gentilmente por:

ALMEIDA, R. – Guia para leitores – *Biblioteca da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Católica de Pernambuco*. Recife, 1969. 12p.

ALVES, Cecilia Malizia & SILVA, Paulo Afonso Lopes da – Caracterização de usuários e adequação dos serviços da biblioteca: uma abordagem preliminar das bibliotecas da PUC/RJ. *Ciência da Informação, 7*(1): 13-24, 1978.

AMEY, Gerald X. – Channel hierarchies for matching information sources to users' needs. In: ASIS. ANNUAL MEETING, 31th Columbus, Ohio, 1968. *Proceedings*. Washington, D.C., ASIS. 1968. v.5 p.11-4.

ARAUJO, Vania Maria Rodrigues Hermes de – Usuários: uma visão do problema. *Revista da UFMG, 3*(2): 175-92, 1974.

ATANASIU, Pia & TOMA, E. – Metode folosite in studierea cerintelor si nevoilor de informare ale beneficiarilo. Some methods employed in the study of the users and requirements. *Studii si cercetari de Documentare, 12*(1): 15-27, 1970.

BACKHOUSE, Roger – Library services to trade unions – ignored or forgotten? *Assistant Librarian, 70*(12): 182-5, 1977.

BATEMAN, Robin – Salesmanship. *Library Association Record*, 71(1): 2-5, 1969.

BATES, Marcia J. *User studies*: a review for librarians and information scientists. 1971. 60p.

BEBOUT, Louis, DAVIES, Donal &OEHLERTS, Donald – User studies in the humanities: a survey and a proposal. *RQ, 15*(1): 40-4, 1975.

BEELER, J. – Late study areas: a means of extending library hours. *College and Research Libraries, 35*(3): 200-3, 1974.

BENEST, B.J. – La promotion du service

BEELER, M. G., GRIM, J. et al. – *Measuring the quality of library service:* a handbook. Metuchen, New Jersey, Scarecrow Press, 1974. 220p.
de documentation d'entreprise. *Documentaliste, 13*(2): 55-8, 1976.

BERVL, Laurence &KARSON, Allan – An evaluation of the methodology of the DoD user needs study. In: CONFERENCE OF FID AND INTERNATIONAL CONGRESS on DOCUMENTATION, 31th Washington, 1965. *Proceedings. N*ew York, N.Y., Macmillan, 1966. p.151-7.

BLOOMBERG, Marty – *Introduction to public services for library technicians*. 3. ed. Littleton, Col., Libraries Unlimited, 1977. 278p.

BODEN, Hans – *Kommunikäation in der Freihandausleihe: eine theoretisch*-empirische Studie zur Ausleihmethodik. Berlin, Zentralinstitut fur Bibliothekswesen, 1976. 249p.

BORDISS, P. J. – Presenting search results to meet specific user needs. *Aslib Proceedings, 26((12):* 468-72, 1974.

BORODYNYA, V.I. – Ob informatsionnyth potrebnostya razlichnykh kategoriy spetsialistor/On informaton needs of different user categories/*Nauchno-Tekhnicheskayo Informatsiya, Series 1*, 1(5): 5-9, 1970.

BOYD, Jessie Edna – *Books, libraries and you*: a handbook on the use of reference books and the reference resources of the library. New York, Scribner, 1965. 205p.

BREWER, J. G. & HILLS, P. J. – Evaluation of reader instruction. *Libri, 26*(1): 55-66, 1976.

BROGAN, Gerald E. &BUCK, Jeanne T. – *Using libraries effectively*. Belont, California, Dickenson Publ. Co., 1969. 116p.

BUCKLAND, Michael Keeble – *Book availability and the library user*. New York, Pergamon Press, 1975. 196p.

Digitalizado gentilmente por:

BUDAL, Maxine – The readers' advisory situation in the public library: the significance of non-verbal communication. *Journal of Librarianship*, 9(1): 29-37, 1977.

BUDINGTON, William S. – Venn Diagramming the information community. *Special Libraries, 63*(9): 367-72, 1972.

BUNGE, C. A. – Library Instruction studies. *RQ, 8*(2): 129-30, 1699.

BURR, Robert L. – Librarians, libraries and librarianshpi: a model. *Libri, 23*(3): 181-209, 1973.

BUTLER, Helen Louise – *An inquiry into the statement of motives by readers*. Chicago, 1939. 117p.

BUTLER, Pierce – *An introduction to library science, with an introduction*. Chicago, University of Chicago Press,. 1964. 118p.

CARVALHO, Abigail de Oliveira – Biblioteca universitária: estudo de usurário. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, 5*(2): 117-27, 1976.

CARVALHO, CArmen Pinheiro de – A biblioteca e os estudantes. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1*(2): 196-211, 1972.

CHILDERS, Thomas – Managing the quality of reference/lnformation service. *Library Quarterly, 42*(2): 212-7, 1972.

CHRIST, C.W. Jr. – Microfiche: a study of user attitudes and reading habits. *Journal of American Society for Information Science, 23*(1): 30-5, 1972.

COLLISON, Robert Lewis – *Library assistance to readers* Westport, Conn., Greenwood Press, 1972. 139p.

COLLISON, Robert Lewis – *30.000 libraries: a practical guide. Eucino, California Dickenson Publ. Co.*, 1972. 214p.

COOVER, Robert W. – User needs and their affect on information center administration: a review 1953/66, *Special Libraries, 60*(7): 446-56, 1969.

CRANE, D. – Information needs and uses. *Annual Review of Information Science and Technology, 6:* 3-39, 1971.

CREELMAN, M. – The librarian in the community. *Australian Library Journal, 24*(2): 60-5, 1975.

CRUM, Norman J. – The librarian – customer relationship: dynamics of filling request for information. *Special Libraries, 60*(5): 269-77, 1969.

DAIUTE, Robert James – *Library operations research.* Dobbs Ferry, N.Y., Oceana Publ., 1974. 368p.

DAUMS, A. – Comment préparer les lecteurs à mieux utiliser. Bulletin *des Bibliothèques de France, 19*(4): 213-28, 1974.

DAVIES, James R. – The new students: what tyey read. *College and Research Libraries, 36*(3): 216-21, 1975.

DOUGHERTY, Richard M. & BLOMQUIST, Laura L. – *Improving access to library resources*: the influence of organisation of ibrary collections, and of user attitudes toward innovative services. Metuchen, N.J., Scarecrow Press, 1974. 180. p.

DUDLEY, M. – Teaching library skills to college students. *Advances in Librarianship*, 3: 83-104, 1972.

ELMAN, Stanley – Special libraries: the users' points of view. *Special Libraries, 62*(9): 340-2, 1971.

EMERENCIANO, Jordão – *O leitor e o bibliotecário*. Recife, 1954. 6p. Trabalho apresentado ao 1º Congresso Brasil Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação.

ESCOLAR SOBRINO, Hipólito – *El lector, la lectura, la comunicación* Nacional de Bibliotecários, Archiveros y Arquólogos, 1972. 127p.

ESCOLAR SOBRINO, Hipólito – *Márquetin para bibliotecários.* Madrid, Associación Nacional de Bibliotecários. Archiveros y Arqueólogos, 1970. 121p.

Digitalizado gentilmente por:

ESTUDIOS del usuario. In: SEMINARIO DE INTRODUCCION AL PROCESSAMIENTO DE DATOS APLICADO ALA BIBLIOTECOLOGIA Y LA DOCUMENTACIÓN, 1971. Buenos Aires, Instituto Bibliotecológico, 1972. p.61-70.

EVANS, Charles – *Middle class attitudes and public library use.* Littleton, Colo. Libraries Unlimited, 1970. 126p.

FAIBISOFF, Sylvia G. & ELY, Donald P. – Information and information needs. *Information Reports and Bibliographies, 5*(5): 2-16, 1976.

FATCHERIC, J. P. – Survey of users of a medium-sized technical library. *Special Libraries, 66*(5/6): 245-51, 1975.

FITZMAURICE, G. – Organizing for reader services. In: Libraries in higher education: the user approach to service. London, Clive Bingley and Hamden, 1975. p.25-37.

FJALLBRANT, N. – Evaluation in a user education programme. *Journal of Librarianship, 9*(2): 83-95, 1977.

FJALIBRANDT, N. – Planning a programme of library user educacion. *Journal of Librarianship, 9*(3): 199-211, 1977.

FORD, G. –Research in user behaviour in university libraries. *Journal of Documentation, 29*(1): 85-106, 1973.

FORD, G. – *User studies*: an introductory guide and selected bibliography. Sheffield, Engl., Centre for Research on User Studies, University of Sheffield, 1977. (Occasional Paper, 1).

FOX, Peter – *Reader instruction methods in academic libraries, 1973.* Cambridge, Cambridge University Library, 1974. 70p.

FREEMAN, James E. & RUBENSTEIN, Albert H. – *The users and uses of scientific and tecnical information:* critical research needs; final report. Colorado, Denver Research Institute, 1974. 52p.

GARCIA, Maria Lúcia Andrade – O leitor e a biblioteca pública. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, 4*(2): 186-97, 1975.

GARVEY, W.D., TOMITA, K. & WOOLF, P. – The dynamic scientific-information user. *Information Storage and Retrieval, 10*(3/4): 51-131, 1974.

GOTHBERG, Helen – Immediacy: a study of communication effect on the re-reference process. *Journal of Academic Librarianship, 2*(3): 126-9, 1976. 1976.

GRIFFIN, L.W. – Orientation and instruction of graduate students in the use of the university library: a survey. *College and Research Libraries, 33* (6):467-72, 1972.

GROSE, D. – Some deprived information users. *Aslib Proceedings, 26*(1):9-27, 1974.

HAGGERTY, T.M. – Education of online users. *Bulletin of American Society for Information Science, 3*(6): 20-1, 1977.

HALDORSSON, Egill A. & MURFIN, Marjorie E. – The performance of professionals and nonprofessionals in the reference interview. *College and Research Libraries, 38*(5):385-95, 1977.

HARRIS, C. – Illuminative evaluation of user education programmes. *Aslib Proceedings, 29*(10):348-62, 1977.

HAYS, Timothy; SHEARER, Kenneth D. & WILSON, Concepción – The patron is not the public. *Library Journal, 102*(16):1813-18, 1977.

HEATHCOTE, Denis – Public relations and publicity. In: Libraries in Higher Education: the user approach to service; edited by John Cowley. London, Clive Bingley and Hamden, Conn. Linnet Books, 1975. p.39-64.

Digitalizado gentilmente por:

HEISSLER, Nina – *Diffusion du livre et développement de la lecture en Afrique, Tchad-Sénégal.* Paris, Culture et Developpement, 1965. 300p.

HERNON, P. & PASTINE M. – Student perceptions of academic librarians. *College and Research Libraries, 38* (2):129-39, 1977.

HERNER, S. – Library and information user, then and now. *Bulletin of American Society for Information Science, 2*:32-3, Mar. 1976.

HOEY, P.O.N. & HARRIS, P. – Effective presentation of information in a dynamic situation. *Aslib Proceedings, 26*(12):458-67, 1974.

HOFFMAN, Christina, Sister – The public library and the non-user. *Catholic Library World, 45*(9):443-45, 1974.

HOPKINSON, Shirley Lois – *Instructional materials for teaching the use of the library:* a selected, annoted bibliography of films, filmstrips, books and pamphlets, tests, and other aids. 5.ed. San José, California, Claremont House, 1975. 94p.

HORIGOSHI, Mitiko – Pesquisa de usuário no SEICT. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1ª Rio de Janeiro, 1975. Anais. Rio de Janeiro, 1975, v.2 p.605-6.

HOWEMM, Benita J., REEVES, Edward B. & WILLIGEN, John Van – Fleeting incounters – a role analysis of reference librarian-patron interaction. *RQ, 16*(2):124-9, 1976.

HUM, Georg – Informationsbedarfarnalyse in der Unternehmenspraxis und Benutzerprofil mit Anwendungs-veispielen und Bordruck-Mustern. / Analysis of information needs and user profiles in an enterprise with examples of practical applications. *Nachrichten fur Dokumentation, 21*(2): 56-64, 1970.

INTERNATIONAL RESEARCH ASSOCIATES – *Access to public libraries:* a research project prepared for the Library Administration Division, American Library Association. Chicago, A.L.A., 1963. 160p.

KANTOR, P.B. – Library as an information utility in the university context: evolution and measurement of service. *Journal of American Society for Information Science, 27* (2):100-12, 1976.

KATZER, Jeffrey – *Some througts about additional variables in information retrieval 3-4, 1973.* Washington, D. C., American Society for Information Science, 1974. p.44-6.

KHAN, H.A. – Human relations in library service. *Timeless Fellowship, 9*:77-87, 1974/75.

KIEWITT, E.L. – A user study of a computer retrieval system. *College and Research Libraries, 36*(6):458-63, 1975.

KOPPELMAN, C. – Orientation and instruction in academic art libraries. *Special Libraries, 67*(5/6):256-60, 1960.

LANCASTER, John Herrold – *The use of the library by student teachers:* some factors related to the use of the library by student teachers in thirty-one colleges in the area of the North Central Association. New York, Bureau of Publications, Teachers College Columbia University, 1941. 138p.

LANDY, S. – Why Johnny can read... but doesn't. *Canadian Library Journal, 34*(5):379-87, 1977.

LEE, J.W. & READ, R.L. – The graduate business student and the library. *College and Research Libraries, 33* (5):403-7, 1972.

LETULLIER, A. – L'utilisateur face à l'information documentaire dans les années 80. *Documentaliste, 14*(1): 15-9, 1977.

LIESENER, J.W. & CHISHOLM, M.E. – Youth as a special client group. *Ad-*

Digitalizado gentilmente por:

vances in librarianship, 3:15-27, 1972.

LIMA, Maria Leticia de Andrade – Intercomunicações entre usuários de uma biblioteca universitária. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, 7*(1):90-104, 1978.

LIMA, Maria Leticia de Andrade – Usuários de uma biblioteca universitária: estudo realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco. *Ciência da Informação, 3*(1):51-6, 1974.

LIMBURG, Hans – Probleme der Bibliotheksdidaktik / Problems of library instruction / *Zeitschrift für Bibliothekswesen und Bibliographie, 20* (5):339-43, 1973.

LINDEN, Ronald O. – *Books and libraries:* a guide for students. New York, Philosophical Library, 1966. 308p.

LINS, O. – O leitor. *Revista do Livro, 11* (35):145-9, 1968.

LIPETZ, Ben Ami – *User requirements in identifying desered works in a large library:* final report. New Haven, Yale University Library, 1970. 1v.

LUBANS Jr., J. – Evaluating library user education programs. *Drexel library Quarterly, 8*(3):325-43, 1972.

LUBANS Jr., J. – *Educating the library user.* New York, R.R. Bowker Co., 1974. 435p.

LUKENBILL, W. Bernard – The Ok reference department-using transactional analysis in evaluating organizational climates. *RQ, 15*(4):317-22, 1976.

LYMAN, H.H. – Reading and the adult new reader. *Library Trends, 22*(2): 197-217, 1973.

LYNCH, Beverly P. – Networks and other cooperative enterprises: their effect on the function of reference. *RQ, 15*(3):197-202, 1976.

McCOLVIN, Lionel Roy – *Libraries and the public.* London, Allen & Unwin, s.d. 126p.

MACEDO, N.D. de – *Orientação bibliográfica ao leitor.* São Paulo, 1970. 16p.

McFADYEN, Don – The psychology of inquiry: reference service and the concept of information/experience. *Journal of Librarianship, 7*(1):2-11, 1975.

McKINVEN, Mary Jane – A library spy in the year 2000. *American Libraries, 7*(4):199-203, 1976.

MALIEN, M.C. – Une méthode pour l'étude des besoins des utilisateurs: l'enquête par questionnaire. *Documentaliste, 11*(4):166-70, 1974.

MALIEN, Marie-Christine & PITRAT, Charlotte-Marie – La recherche des besoins et l'analyse des attitudes des utilisateurs. *Documentaliste, 13*(4): 142-50, 1976.

MANN, Peter H. – Communication about books to undergraduates. *Aslib Proceedings, 26*(6): 250-6, 1974.

MANN, Peter H. – Undergraduates and books: the university lecturer. In: CONFERENCE HELD AT ROYAL HOLLOWAY COLLEGE, UNIVERSITY OF LONDON, 1975. *Books and undergraduates:* proceedings. London, National Books League, 1976. p.2-21.

MARINESCAU, I. – Anchetarea beneficiarilor si satisfacerea nevoilor de informare /Inquest among the users of documentation services and meeting their information requirements. *Probleme de Informare si Documentare, 4*(4):181-7, 1970.

MARSTERSON, W.A.J. & WILSON, R.D. – Home based student and libraries. *Libri, 25*(3):213-26, 1975.

MARSTERSON, W.A.J. – Users of a libraries: a comparative study. *Journal of Librarianship, 6*(2):63-79, 1974.

MARTIN, Lowell A. – User studies and library planning. *Library Trends, 24*(3):483-96, 1976.

Digitalizado gentilmente por:

MARTINS, M.G. de & RIBEIRO, M. de L.G. – *Serviço de referência e assistência aos leitores.* Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1972. 257p.

MARTYN, John – Information needs and uses. *Annual Review of Information Science and Technology, 9*:3-23, 1974.

MASON, Ellsworth – Unnatural places and practices. *Library Journal, 94* (17):3399-402, 1969.

MAUPERON, A. – La formation des utilisateurs en Grande-Bretagne et en République Fédérale d'Allemagne. *Documentaliste, 13*(1):13-6, 1976.

MEDELLÍN, COLOMBIA. UNIVERSIDAD DE ANTIOQUIA. ESCUELA DE BIBLIOTECOLOGIA – *La biblioteca y la sociedad:* manual para el curso B-22; preparado por Gaston Litton. Medellín, 1958. 21p.

MEWS, Hazel – *Reader instruction in colleges and universities;* teaching the use of the library. Hamden, Conn. Linnet Books, 1972. 111p.

MILLER, G.A. – Measuring user needs and preferences. In: PLANNING CONFERENCE ON INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY, 1966. New York, Interscience, 1966. v.1, p.41-69.

MOCHDAM, D. – User training for on-line information retrieval systems. *Journal of American Society for Information Science, 26*(3):184-8, 1975.

MONROE, M.R. – Reader services to the disadvantaged in inner cities. *Advances in librarianship, 2*:253-74, 1971.

MURISON, Jock – Images and real people. *New Library World, 76*(904): 200-1, 1975.

MURPHY, M. & NILON, N.M. – Reference/advisory interview: its contribution to library user education. In: LUBANS, J. ed. Educating the library user. New York, Bowker Co., 1974. p.287-306.

O'BRIEN, Turlough – Compiling and presenting information for maximum impact. *Aslib Proceedings, 26* (12):450-7, 1974.

OLIVEIRA, Paulino Carvalho de – O usuário ante a evolução da tecnologia. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1ª Rio de Janeiro, 1975. Anais. Rio de Janeiro, 1975. v.2. p.177-80.

PARISH, Jim – A user's view of libraries. *Assistant Librarian, 71* (2):25-6, 1978.

PATRY, Hélène & RANGER, Pâquerette – Services au public et services techniques: conflit ou complementarité? *Documentation et Bibliothèques, 21* (3):143-9, 1975.

PATTERSON, Kelly – Library think vs. library user. *RQ, 12*(4):364-5, 1973.

PERES, ODILIA CLARK & PULGÊNCIA, Célia Maria de O. – Pesquisa sobre os usuários da Biblioteca Pública de Minas Gerais "Prof. Luís de Bessa". *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1*(2):101-12, 1972.

PHINNEY, Eleanor – *A study of current practices in public library service to an aging population, an evaluation report.* Urbana, 1961. 19p.

PICKUP. J.A. – Commercially funded services-an appraisal from the viewpoint of the smaller user. *Aslib Proceedings, 30*(1):25-33, 1978.

POBLACIÓN, Dinah Aguiar – Informação e documentação científica e usuário no Brasil. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1ª Rio de Janeiro, 1975. Anais. Rio de Janeiro, 1975. v.1. p.457-63.

POUR la sensibilisation des utilisateurs en France. *Documentaliste, 13*(1):17-9, 1976.

QUELS sont les utilisateurs? Pourquoi les informer? *Documentaliste, 13*(1):30-4, 1976.

KATZER, J. – The development of a semantic differential to assess user's

Digitalizado gentilmente por:

attitudes towards an on-line interactive reference retrieval system. *Journal of American Society for Information Science, 23*(2):122-8, 1972.

RATHBUN, Loyd – The small library's large problem: I'm ready and eager, but where are the clients? *Special Libraries, 65*(5/6):223-6, 1974.

REWADIKAR, Shalini – Relevance of reference service to a specialist reader in a growing mechanical retrieval age. *Library Herald, 16*(1/2):41-7, 1974.

RODRIGUES, L. Frazão et. al. – *Pesquisa entre os leitores da Biblioteca da Bahia.* São Paulo, 1967. 15p. Trab. apresentado ao 5º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação.

ROSENTHAL, R. – The user and the used. *Drexel Library Quarterly, 11*(1):97-105, 1975.

RUNDELI, Walter – Relations between historical researchers and custodians of source material. *College and Research Libraries, 29*(6):466-76, 1968.

RUNYON, Robert S. – Power and conflict in academic libraries. *Journal of Academic Librarianship, 3*(4):200-5, 1977.

RZASA, P.V. & MORIARTY, J.H. – The types and needs of academic library users: a case study of 6.568 responses. *Colleges and Research Libraries, 31*(6):403-9, 1970.

SAND, Wieslaw – Badanie i ustelanie potrzed uzytkownikow informacji zarys zagadnienia / Research and difinition of users' needs: an outline of the problem. *Aktualne, Problemy Informacji i Dokumentacji, 15*(1):1-6, 1970.

SANDOCK, Mollie – A study of university students' awareness of reference services. *RQ, 16*(4):284-96, 1977.

SANKARAIAH, K. – The inquirer and the reference interview. *Annals of Library Science and Documentation, 22*(3):133-5, 1975.

SANLAVILNE, J. – Adaptation de la documentation aux besoins des utilisateurs. *Information et Documentation* (4):13-9, 1975.

SANTA, Beanel M. – *How to use the library.* Palo Alto, California, Pacific Books, 1966. 128p.

SARACEVIC, T., SHAW, W.M. Jr. & KANTOR, P.B. – Causes and dynamics of user frustration in an academic library. *College and Research Libraries, 38*(1):7-18, 1977.

SCHWARTZ, P. – Learning to use microform equipment: a self-instructional approach. *Microform Review, 4*(4): 262-5, 1975.

SHAW, Ralph Robert – *Pilot study on the use of scientific literature.* Metuchen, N.J., Scarecrow Reprint Corp., 1971. 139p.

SHAW, W.M. – Library-user interface: a simulation of the circulation subsystem. *Information Processing and Management, 12*(1):77-91, 1976.

SILVA, D. – Requião et al. – Amplicação ao âmbito de usuários das bibliotecas. I Seminário de Documentação. Rio de Janeiro, Petróleo Brasileiro S.A., Setor de Documentação Técnica e Patentes, 1968. 18p.

SIATER, M. – User and library surveys. In:WHATLEY, H.A. ed – British librarianship and information science, 1966-1970. London, Library Association, 1972. p.232-56.

SIATER, M. – *Technical libraries:* user and their demands; a classification of user groups and user demands in technical libraries. London, Aslib Research Dept. 1964. 126p.

SMITH Nathan M. & FITT, Stephen D. – Vertical-horizontal relation-ships: their application for librarians. *Special Libraries, 66*(11):528-31, 1975.

SOUZA, F.R.S.F.; SANCHES, F.F.S. & MENDES, M.L.A. – *O usuário e a caracterização de seus interesses.* Belém, 1973. Trab. apresentado ao

Digitalizado gentilmente por:

7º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação.

SOUZA, João Laurentino de – O usuário brasileiro e o SNICT. Belém, 1973. 15p. Trab. apresentado ao 7º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação.

SOVENYHAZY, Csilla – Investigation of professional information demands and the user. *Research in Librarianship* (3):192-204, 1975.

STEVENSON, M. – Progress in documentation: education of users of libraries and information services. *Journal of Documentation, 33*(1):53-78, 1977.

STEVENSON, M.B. – Education in use of information in university and academic environments. *Aslib Proceedings, 28*(1):17-21, 1976.

A SURVEY of the attitudes, opinions and behavior of citizens of Colorado with regard to library services, Denver, Colorado, Colorado State Library, 1973-74. 2v.

SWARTZ, Roderick G. – The need for cooperation among libraries in the United States. *Library Trends, 24* (2):215-7, 1975.

TAYLOR, Anne – How to test your library. *Library Association Record, 72*(2):49-52, 1970.

TESSIER, Y. – Apprendre à s'informer: les fondements et les objectifs d'une politique de formation documentaire en milieu universitaire. *Documentation et Bibliotheques, 23*(2):75-84, 1977.

THIRIET, B. – La formation des utilisateurs à la recherche en conversationnel. L'experience d'un centre de documentation en chimie. *Documentaliste, 14*(3):8-12, 1977.

TIBBETTS, Pamela – Sensitivity training – a possible application for librarianship. *Special Libraries, 65*(12):493-8, 1974.

TOMITA, Kazuo & WOOLF, Patricia – The dynamic scientific-information user. *Information Storage and Retrieval, 10*(3/4):115-31, 1974.

TOSER, Maria Antoniette – *Library manual:* a study work manual of lessons on the use of books and libraries. New York, Wilson, 1964. 118p.

URQUHART, D.J. – The library user and his needs. In: SOCIETY FOR RESEARCH INTO HIGHER EDUCATION. *Research into library services in higher education.* London, The Society, 1968.

VED BHUSHAN – Users' survey of I.I.T. (Delhi) Library. *Annals of Library Science and Documentation, 19*(4): 194-9, 1972.

VERNON, K.D.C. – Introducing users to sources of information: the approach of the London Business School. *Aslib Proceedings, 27*(11/12):468-73, 1975.

VIGGIANO, A. – Crise do editorial gera desinteresse entre os leitores. *Cadernos de Jornalismo e Editoração* (24): 46-50, 1970.

URQUHART, John A. & SCHOFIELD, J. L. – Measuring readers' failure at the shelf in 3 university libraries. *Journal of Documentation, 28*(3):233-41, 1972.

VOGEL, J.T. – A critical overview of the evaluation of library instruction. *Drexel Library Quarterly, 8*(3):315-32, 1972.

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

Eventos

CONGRESSO BRASILEIRO DE PUBLICAÇÕES
PALÁCIO DAS CONVENÇÕES ANHEMBI – SÃO PAULO 5 A 10 DE JULHO/81

Temas:

1. Direito Autoral
2. Editoração
3. Publicações em geral
4. Integração: autor/editor/jornalista/bibliotecário

Promoção: FEBAB

XIV CONGRESSO NACIONAL DE INFORMÁTICA
I FEIRA INTERNACIONAL DE INFORMÁTICA, TELECOMUNICAÇÕES E EQUIPAMENTOS
PALÁCIO DAS CONVENÇÕES PARQUE ANHEMBI 16 A 23 DE OUTUBRO/81

O Congresso, cujo tema básico será: "**A Revolução da Informática: O Homem, a Sociedade ou a Máquina?**", tem como objetivo a avaliação do estágio do desenvolvimento da tecnologia na área da Informática, face a realidade brasileira, visando ainda:

– Apresentar aos empresários e profissionais os aspectos mais significativos do desenvolvimento dessa tecnologia no mundo e particularmente no Brasil.

Digitalizado gentilmente por:

– Promover o confronto de idéias e troca de experiências entre usuários, governo, pesquisadores e industriais.
– Promover meios às Universidades e demais entidades de pesquisa para apresentação e divulgação de seus trabalhos, promovendo sua aproximação com a comunidade de Informática.
– Aprimorar os conhecimentos técnicos e científicos dos profissionais da área.

Constará de palestras técnicas, conferências, sessões formativas, fórum de debates e seminários específicos, dentre os quais destacamos o Simpósio Internacional sobre Projetos Assistidos por Computador, que terá como tema básico "PAC/FAC – Como Base para o Desenvolvimento da Tecnologia em Nações em Desenvolvimento" que será promovido conjuntamente com a IFIP – International Federation for Information Processing.

Entre os seminários específicos destacamos ainda o que versará sobre INFORMÁTICA E BIBLIOTECONOMIA, coordenado pela bibliotecária Carminda Nogueira de Castro Ferreira, no qual serão apresentados temas de relevante interesse da classe.

XI CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

Local: João Pessoa – PB
Período: 17 a 22 de janeiro de 1982
Tema Central: Biblioteca e Educação Permanente
Subtemas – A Biblioteca na Educação Formal
– A Biblioteca nos programas de alfabetização e de educação de adultos
– Biblioteca no Processo de Desenvolvimento
– Biblioteca e Cultura Local
– Meios de comunicação de massa e o hábito de leitura

Período de Inscrição:

Até 15.07.1981			
Individual	4.500,00	Bibliotecário	4.000,00
Instituição	5.000,00		
Estudante	3.000,00		
De 16.07 a 31.10.81			
Individual	5.500,00	Bibliotecário	5.000,00
Instituição	6.000,00		
Estudante	4.000,00		
De 01.11 a 31.12.81			
Individual	8.000,00	Bibliotecário	7.500,00
Instituição	8.500,00		
Estudante	6.500,00		
A partir de 1º de janeiro de 1982			
Individual	12.000,00	Bibliotecário	11.500,00
Instituição	15.000,00		
Estudante	10.000,00		

Digitalizado gentilmente por:

Entrega de Trabalho: até 31 de julho de 1981

Os trabalhos serão desenvolvidos em forma de Conferências, Painéis e Grupos de Trabalho.

A ênfase do XI CBBD recai, principalmente, sobre Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Populares, voltadas sobretudo, para regiões subdesenvolvidas como o Nordeste brasileiro, onde a Biblioteca deve considerar o carente sócio-econômico e o analfabeto como seus usuários potenciais, trabalhando para a promoção humana desses mesmos usuários.

Para a sessão de abertura foi convidado o Prof. Pierre Furter, o qual já confirmou presença, para proferir a conferência inicial sobre o tema central do Congresso "Biblioteca e Educação Permanente".

Para cada subtema, além do conferencista oficial, atuarão um bibliotecário brasileiro e um especialista estrangeiro, os três coordenando o grupo de trabalho correspondente ao mesmo subtema, para estudar o assunto em maior profundidade, visando a apresentação das recomendações finais.

Foram convidados e já confirmaram presença os Professores Paulo Freire, Victor Flusser, José Marques de Melo, Ronald Benge, Robert Scarpit, Martin Goff, Joyce Robinson, Francis Jeason e Célia Ribeiro Zaher.

4º Seminário sobre Publicações Oficiais Brasileiras

Brasília, 27 a 31 de julho de 1981

1. **Objetivo Geral**

O 4º Seminário sobre Publicações Oficiais Brasileiras tem como objetivo estudar a política dos órgãos governamentais e enfatizar o compromisso dos órgãos públicos e entidades vinculadas quanto à transferência da informação concernente às suas respectivas áreas de atuação. Visam os estudos ao planejamento, editoração, racionalização, divulgação, distribuição, tratamento e guarda das publicações oficiais brasileiras como forma de contribuição ao desenvolvimento técnico-científico-cultural e de apoio à recuperação da informação.

2. **Regimento**: DOU - Seção I - 5 de janeiro de 1981 - p. 41

2.1. Local do Seminário: Auditório do Departamento de Imprensa Nacional - DIN - SIG - Quadra 6 - Lote 800 - Brasília, DF, onde funcionará a Secretaria do Seminário.

3. Estrutura

3.1. Painéis

Os Painéis obedecerão à seguinte distribuição:

I – Política e Programação Editorial
II – Transferência da Informação
III – Projeto Gráfico
IV – Co-edições
V – Divulgação, distribuição e comercialização
VI – Bibliotecas depositárias e organização das coleções

3.2. Sessões de Relatos de Experiências Profissionais:

Contarão com trabalhos sobre temas pertinentes às publicações oficiais.

4. Expositores/Debatedores dos Painéis

Acadêmico Antonio Houaiss;
Prof. Roberto Átila Amaral Vieira;
CNPq;
IBGE;
EMBRAPA;
IBICT;
Editora da Fundação Getúlio Vargas;
Círculo do Livro;
INL;
Editora da USP;
Cia. Metropolitana de São Paulo;
Editora Abril Cultural;
PRODELIVRO;
Editora da UnB;
BINAGRI;
Câmara dos Deputados;

Digitalizado gentilmente por:

Casa Thomas Jefferson.

5. Normas para apresentação de trabalhos *Relatos de Experiências Profissionais**

Os interessados em apresentar Relatos de Experiências Profissionais deverão se manifestar de imediato, para efeito de planejamento do programa.

Os textos deverão ser enviados até 31 de maio de 1981, para inclusão na pauta das Sessões.

Endereço para remessa dos trabalhos e obtenção de outras informações:

Presidência do 4º Seminário
Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal
Fones: 223-4897 e 211-3575
70160 – Brasília – DF.

Os trabalhos obedecerão às seguintes normas gerais:

1. Os títulos devem ser, tanto quanto possível, concisos e significativos para o tema abordado;

2. Da primeira página deverão constar os seguintes elementos:

a) título do trabalho;
b) nome e sobrenome completo do autor ou autores, especificando-se a seguir o(s) cargo(s) que ocupa(m) e a instituição em que trabalha(m);
c) à direita, ocupando os dois terços alocados ao texto, seguirá o resumo informativo do trabalho, de 250 palavras, no máximo.

3. O texto do Relato de Experiência submetido à Comissão Técnica deverá ser apresentado em três vias (original e duas cópias), datilografado em papel formato A4 (210 x 297 mm) em espaço duplo, numa única face do papel, utilizando máquina IBM ou similar, apresentando margens em ambos os lados da página de 3-4 cm. A primeira linha de cada folha começará a 3,5 cm da linha a imprimir, mantendo a última linha a 3 cm da extremidade inferior do papel.

6. 2ª Exposição de Publicações Oficiais Brasileiras – EXPOB

O Departamento de Imprensa Nacional sediará a 2ª EXPOB. Os órgãos interessados em participar da mostra deverão inscrever-se até 15/5/81 na Presidência do 4º Seminário (Edições Técnicas – Senado Federal. 70160 – Brasília, DF) Fones: 223-4897 e 211-3575.

7. Inscrições

Preço:
Individual: Cr$ 4.000,00
Instituição: Cr$ 12.000,00 (4 participantes com indicação oficial).

Local: até dia 25/7 a Secretaria do Seminário funcionará na ABDF; nos dias 26 e 27 de julho a Secretaria estará funcionando no DIN.

OBS.: As instituições deverão enviar relação nominal dos participantes inscritos.
– Os recibos serão remetidos aos participantes tão logo a ABDF receba o comprovante da remessa do numerário e a ficha de inscrição. No caso de inscrição institucional a remessa se fará diretamente ao órgão. Para as inscrições feitas posteriormente a 15 de julho, os recibos serão entregues na Tesouraria do Seminário.
– Para entrega do material (crachás, pastas, etc.) é indispensável a apresentação do comprovante de pagamento da inscrição, a partir de 26/07/81 na Secretaria do Seminário (no Auditório do DIN).

* Aos autores serão conferidos certificados de apresentação de trabalhos.
A duplicação dos Relatos, para distribuição aos participantes, caberá aos respectivos autores, sendo divulgado previamente pelo 4º EXPOB apenas os resumos dos trabalhos.

Digitalizado gentilmente por:

Endereço para remessa da Ficha de Inscrição:

4º SEMINÁRIO SOBRE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS

Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal – ABDF

CRN 702/3 - Bloco "G" - Sobreloja

70710 – Brasília, DF

Digitalizado gentilmente por:

Guia aos Colaboradores

1 – INFORMAÇÕES – INSTRUÇÕES

1.1 – *Finalidade da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação.*

A RBBD é órgão oficial da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB) e tem a finalidade precípua de publicar trabalhos sobre biblioteconomia, documentação e área afim, e registrar a legislação nacional corrente da área em vista à atualização profissional.

1.2 – *Tipos de Colaboração*

1.2.1 – A 1ª Secção da RBBD é constituída de ARTIGOS ORIGINAIS, ENSAIOS, COMUNICAÇÕES TÉCNICAS, REVISÕES E TRADUÇÕES;

1.2.2 – Outras Secções:

1.2.2.1 – LEGISLAÇÃO: referenciação (leis, decretos, portarias, etc.), seguida de ementa e resumo. Sempre que necessário, a espécie legislativa será publicada na íntegra e comentários serão feitos. O arranjo será por descritores;

1.2.2.2 – REPORTAGEM E ENTREVISTAS: pessoas e fatos em evidência de interesse ao fascículo em foco;

1.2.2.3 – NOTICIÁRIO: notícias diversas sobre as associações estaduais e regionais, conselhos, grupos de trabalhos, organismos nacionais e internacionais, congressos, cursos, etc;

1.2.2.4 – RESENHAS: livros relevantes, teses, publicados nos últimos 5 anos; conforme normas próprias da RBBD;

1.2.2.5 – LEVANTAMENTOS BIBLIOGRÁFICOS: assuntos de interesse da área, conforme PNB - 66/1970.

1.3 – *Escolha da matéria dos fascículos*

Sempre que possível a matéria dos itens 1.2.1, 1.2.2.3, 1.2.2.4 e 1.2.2.5, será encomendada pelo Editor e haverá uma coerência na escolha dos temas. Cerca de 30% da matéria (1.2.1 e 1.2.2.3) estará sob a responsabilidade de um Estado ou região, através do respectivo Correspondente.

2 – REGULAMENTO

2.1 – *Artigos originais, ensaios, comunicações técnicas, revisões, traduções.*

Devem ser entregues em duas vias (um original e uma cópia) endereçados ao Editor Neusa Dias de Macedo, Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), Rua Avanhandava, 40, conj. 110, S. Paulo, CEP 01306.

2.1.2 – A matéria deve ser inédita e destinar-se exclusivamente à RBBD, não sendo permitida a publicação simultânea em outro periódico.

2.1.3 – Os conceitos emitidos são de inteira responsabilidade dos autores.

2.1.4 – Os trabalhos recebidos são submetidos à apreciação de, pelo menos, dois Relatores do Conselho Editorial, dentro da especialidade destes. Caberá ao Conselho decidir sobre sua publicação.

2.1.5 – Os trabalhos não aceitos ficarão à disposição dos autores, pelo prazo de um ano.

2.1.6 – Os trabalhos aceitos e publicados tornam-se propriedade da RBBD, vedada tanto a reprodução, mesmo que parcial, como a tradução para outro, idioma, sem a devida autorização do Editor ouvido antes o Conselho Editorial.

2.1.7 – O parecer do Conselho Editorial, sob anonimato, será comunicado aos autores. Ao Conselho é reservado o direito de devolver os originais quando se fizer necessária alguma correção ou modificações de ordem temática e/ou formal.

2.1.7.1 – A RBBD se reserva o direito de proceder a modificações de ordem puramente formal, ortográfica e gramatical realizada por Revisores especializados, no texto dos artigos que porventura exigirem tais correções, antes de serem encaminhados à publicação. De tais modificações ("copidescagem") será dada ciência ao autor.

2.1.8 – Os autores recebem somente a primeira prova para correção.

2.1.9 – As colaborações a cada fascículo obedecerão: 1) à programação encomendada pelo Editor-Responsável; 2) à data de entrega da matéria adicional.

2.1.10 – A cada trabalho serão reservadas 30 separatas, entregues ao autor ou primeiro autor.

Digitalizado gentilmente por:

2.2 – *Traduções*

Devem ser submetidas à apreciação do responsável pelas Traduções, ouvido, se for o caso, o Conselho Editorial. Cópia de autorização do autor original deve ser encaminhado ao Editor, junto com a tradução.

2.3 – *Reportagens, noticiário, resenhas e levantamentos bibliográficos:*

O planejamento editorial destas Seções, para cada fascículo, é feito em conjunto com o Editor, mas a coleta e organização da matéria é de responsabilidade do respectivo encarregado de cada Secção.

3 – NORMAS DE APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

Os artigos devem:

3.1 – limitar-se a 20 páginas datilografadas para os artigos originais; 5 páginas para comunicações técnicas e 60 para ensaios e/ou revisões e traduções;

3.2 – ser datilografados, em espaço duplo, numa só face de folhas tamanho ofício, mantendo margens laterais de aproximadamente 3 cm. Todas as páginas devem ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos, no canto superior direito;

3.3 – ser escritos língua portuguesa;

3.4 – conter somente nomenclaturas, abreviaturas e siglas oficiais ou consagradas pelo uso. Inovações poderão ser empregadas, desde que devidamente explicitadas;

3.5 – conter dois resumos, datilografados em folhas separadas, um em português e outro em inglês. No máximo constituído de 300 palavras, devem expressar os pontos relevantes ao artigo, e serem acompanhados de Descritores que traduzam as facetas temáticas do conteúdo. Obedecer. as recomendações da NB-88/ABNT. À Comissão de Redação, sempre que for necessário, é reservado o direito de fazer modificações para fins de indexação.

3.6 – apresentar à parte uma página de rosto, na qual contenha:

a) símbolo de classificação bibliográfica (CDU);
b) título do artigo (e subtítulo, se necessário) seguido de um asterisco;
c) autor ou autores, seguidos de dois asteriscos;
d) data, de apresentação do artigo à Redação.

No rodapé da página devem ser apresentadas informações sobre o trabalho e credenciais do autor (es).

Exemplo:

ANTES QUE AS MÁQUINAS CHEGUEM*

D.J. Simpson**

* Do artigo "Before the machincs come", publicado em Aslib Proceedings 20 (1): 21-33, 1968. Traduzido pelo Prof. Eduardo José Wense Dias, da Escola de Biblioteconomia da UFMG;

** Bibliotecário e Diretor do Media Resources of The Open University Library, Inglaterra.

3.7 – apresentar as tabelas, quando for o caso, seguindo as "Normas de Apresentação Tabular" estabelecidas pelo Conselho Nacional de Estatística *V. Revista Brasileira de Estatística*, 24:42-60, jan-/jun. 1963). Devem ser numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, e encabeçadas por um título;

3.8 – apresentar as ilustrações numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, e suficientemente claras para permitir sua eventual redução.

Os desenhos devem ser feitos a tinta nanquim preta e as letras traçadas com normógrafo ou letras decalcáveis (tipo *letraset*);

3.9 – devem ser feitas as citações de texto, por uma chamada numérica, que corresponderá às respectivas referências bibliográficas. Estas devem ser apresentadas no fim do texto, em ordem alfabético-numérica. As chamadas no texto, são numeradas em função desta numeração prévia, não seguindo, portanto, ordem consecutiva. Comunicações pessoais, entrevistas, trabalhos inéditos ou em andamento, poderão ser citados quando necessário, mas apenas serão citados no texto ou em nota de rodapé. Se um manuscrito estiver em via de publicação, poderá ser incluído na lista de referências-bibliográficas, com indicação do título do periódico, ano e outros dados disponíveis;

3.10 – as legendas das ilustrações e tabelas devem vir todas datilografadas em folha à parte, com indicações entre parênteses que permitam relacioná-las às tabelas ou ilustrações (fotos ou desenhos) respectivos;

3.11 – seguir as normas de referenciação bibliográfica, pela ABNT:P-NB-66/1970. Os títulos dos periódicos devem ser apresentados por completo e seguidos do local de publicação. À Comissão de Redação é reservado o direito de uniformizar o aparato bibliográfico dos artigos, quando se fizer necessário.

Exemplos:

Digitalizado gentilmente por:

1 – *Livros:*

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna.* 2.ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1969. 502p. (Biblioteca de Administração Pública, 14).

2 – *Traduções:*

FOSKETT, Douglas John. *Serviço de informação em bibliotecas.* Information services in libraries. Trad. Antonio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo, Polígono, 1969. 160p.

3 – *Parte de obra:*

AZEVEDO, Fernando de. A escola e a literatura. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil.* Rio de Janeiro, Ed. Sul Americana, 1955. v.1, t.I, p.129-53.

4 – *Artigos de periódico:*

CAMARGO, Nelly de. Comunicação: uma nova perspectiva no campo das ciências do comportamento. *Revista da Escola de Comunicações Culturais USP.* São Paulo, I(1): 152-8, 1968.

3.12 – seguir, sempre que for possível, as normas da ABNT: PNB-69, para a numeração progressiva do artigo;

3.13 – usar notas de rodapé, através de asteriscos, somente quando indispensáveis;

3.14 – apresentar os agradecimentos a pessoas ou instituições, quando necessário, no fim o artigo, logo após o resumo em inglês.

Digitalizado gentilmente por:

Pede-se acusar o recebimento a fim de não ser interrompida a remessa

Please acknowledge the receipt, so that the remittance may not be interrupted

Recebemos a R. bras. Bibliotecon. e Doc. V. 14, nº 1/2, jan./jun. 1981

Nome/*Name:*

Endereço/*Address:*

Data/*Date:*

(a)

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

A Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação é indexada por: Information Science Abstracts (ISA), Library and Information Science Abstracts (LISA) e Library Literature (LL).

REVISTA BRASILEIRA DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO
(Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários)
São Paulo, **1**, 1973—**10**, 1977; N. Ser. **11**, 1978 —
Cont./ de BOLETIM da FEDERAÇÃO BRASILEIRA de ASSOCIAÇÕES de BIBLIOTECÁRIOS, **1**, 1960/**26** (5/6), 1972.

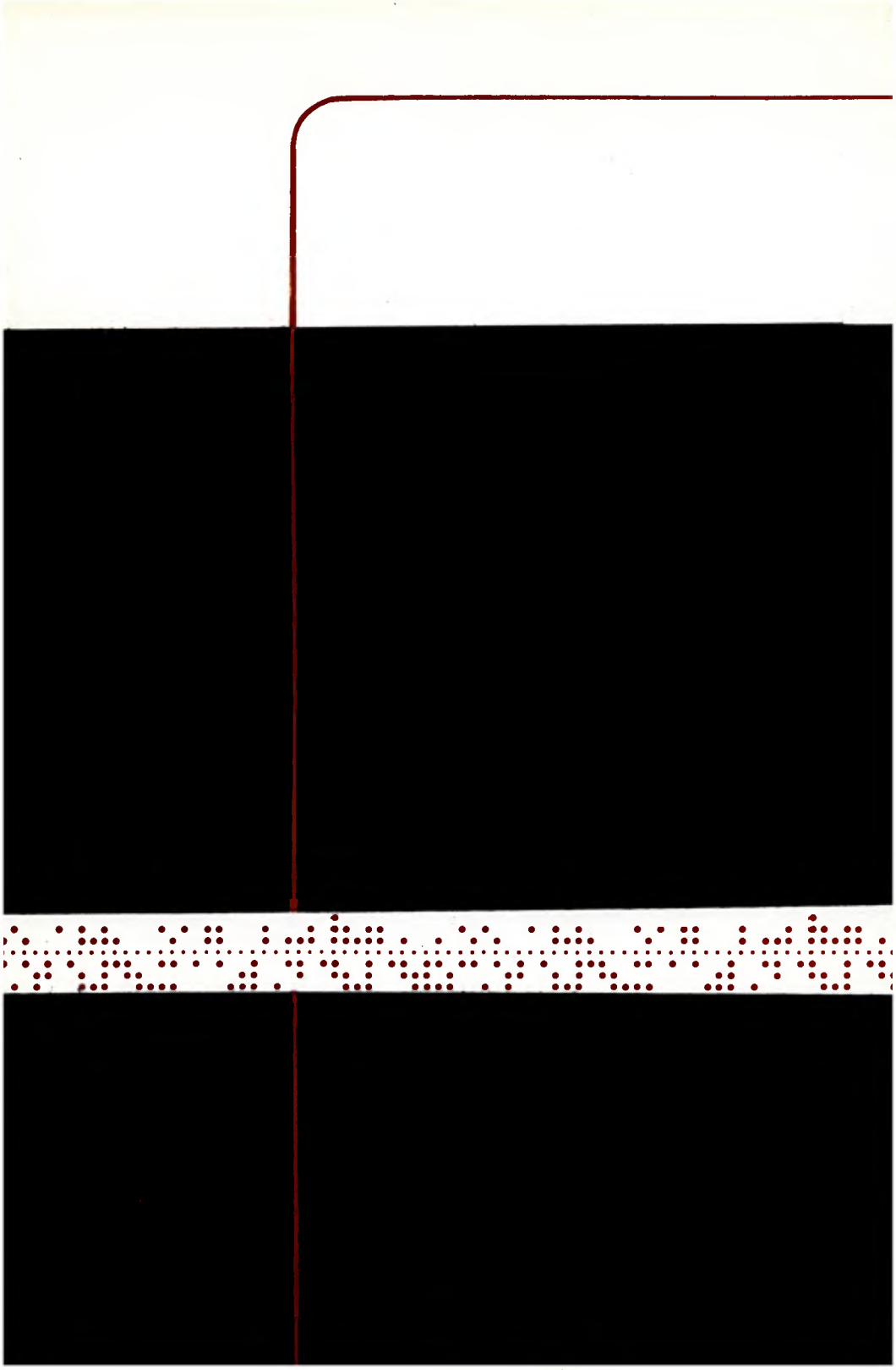
1973/77, **1—10**
1978, **11** (1/4)
1979, **12** (1/4)
1980, **13** (1/2)
1981, **14** (1/2) CDU: 02:061.25(81)(05)

Artes, composição, revisão e fotolitos

Transtipo S/C Ltda.
Rua Caiubi, 576 - Fones 262-8022 e 62-4046
Perdizes - São Paulo - SP

Impressão e Acabamento
MILESI EDITORA LTDA.
Rua 21 de Abril, 1.154 — Fone: 292-6480
C.G.C. 51.235.208/0001-20 — São Paulo

Digitalizado gentilmente por:



Digitalizado gentilmente por: